



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Augusto Maciel Waga

**A profissão do intangível:
cartomantes, oraculistas e videntes no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2019

Augusto Maciel Waga

**A profissão do intangível:
cartomantes, oraculistas e videntes no Rio de Janeiro**



Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D – IESP

W129 Waga, Augusto Maciel.
A profissão do intangível: cartomantes, oraculistas e videntes no Rio de Janeiro / Augusto Maciel Waga. - 2019.
147f.: il.

Orientador: Frédéric Vandenberghe.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

1. Leitura da sorte – Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 2. Profissões – Rio de Janeiro – Teses. 3. Espiritualidade – Teses. 4. Cartomancia – Teses. 5. Oráculos – Teses. I. Vandenberghe, Frédéric. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos. III. Título.

CDU 299.73(815.3)

Rosalina Barros CRB-7 / 4204 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Augusto Maciel Waga

**A profissão do intangível:
cartomantes, oraculistas e videntes no Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aprovada em 08 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe (Orientador)
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

Prof.^a Dra. Alba Zaluar
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

Prof.^a Dra. Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

A Kleber Prado Maciel (*in memoriam*),
Por despertar minha inspiração para os assuntos da alma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família. À minha avó Cléa, que me ensinou a ler e escrever, a meus pais, Christina e Ishai, à minha irmã Isabela, meus avós, Raya e Uszer. Agradeço pelo amor que compartilhamos, pelo entendimento, carinho e apoio incondicional.

Agradeço a todos os meus guardiães e protetores. Especialmente, àqueles que atravessam mais diretamente este trabalho: a meu pai Logunedé, a D. Maria Padilha e ao Povo Cigano, especialmente agradeço pela proteção e pelos encantos e delícias de ser quem se é.

Ao meu orientador, Prof. Frédéric Vandenberghe, por sua sensibilidade, honestidade e empenho, que despertou em mim para a construção desse trabalho. Por sua inteligência, seus cursos, *insights* geniais, e pela amizade que construímos. Espero que possamos continuar caminhando juntos.

A todos os professores que me formaram, desde a graduação até o Mestrado. Especialmente, agradeço à Profa. Alba Zaluar, por sua irreverência e inteligência, a quem admiro muito. Suas aulas do curso Guerra e Paz nas Cidades foram um show à parte. Por sua força e coragem. À Profa. Eugênia Motta, que me despertou para a Antropologia e para a Antropologia da Quantificação, a quem devo grande parte da sensibilidade antropológica. Guardo saudades dos nossos encontros semanais da disciplina Estudos Sociais sobre Quantificação até hoje. Ao Prof. Luiz Fernando Dias Duarte, que foi um aliado importante no meu processo de autoconhecimento, e sem o qual essa dissertação não teria sido possível. Os encontros da disciplina Pessoa e Indivíduo, no Museu Nacional, atravessam a dissertação do início ao fim.

Aos companheiros do Sociofilo, que misturam sinceridade, humor e generosidade em todos os encontros, e que tem se tornado um grupo de estudos terapêutico, que em muito contribuíram para a construção dessa dissertação.

A todos os companheiros do IESP, aos leais escudeiros da Secretaria e, especialmente, como costume brincar, aos meus tesouros do IESP: Mariana Barcellos, Mariani Ferri de Holanda e Tadeu Henriques Júnior.

A Beatriz Moraes e Dina Czeresnia, pelo Grupo de Tarô Experimental, ou, como gostamos de chamar, Tarô Antifa!

A Leny Alvarus e Lucas Santos, pelos excelentes encontros do Grupo de Estudos de Psicanálise.

A Augusto Melo Brandão, Antonio Leonardo Lopes e Silva, Bernardo Pinto, Lucas Santos: amigos de todas as horas, minutos e segundos.

Agradeço fortemente a todos os cartomantes, oraculistas e videntes, que foram tão generosos, sem exceção, para a construção desse trabalho. A Adriana, Alex, Jane, Edu e Tania, que se tornaram grandes amigos. Espero honrar a seriedade de seu trabalho e ser um defensor da forma de vida do oráculo.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de fomento à pesquisa, que possibilitou a minha dedicação exclusiva à elaboração desta dissertação. À Universidade pública, gratuita e de qualidade, por me motivar a lutar, sempre!

Sou poeira
Poeira de existência
Sou real e eterna
Eu sou rainha
Sou Rainha, sou mais eu

Em castelos eu vivi
Mas, nas tendas fui feliz
Fiz o meu reinado pelas estradas
O meu mundo é encantado
Sou Cigana, sou raiz
Sete raios eu venci
Passei em cachoeiras, plantei sementes
Mas na chama ardente foi que eu venci

Sou Rainha, sou mais eu
Sou Rainha Cigana
Soberana na estrada, de madrugada
O Sol e a Lua são a minha morada

Ponto da Rainha Cigana do Oriente

RESUMO

WAGA, Augusto Maciel. *A profissão do intangível: cartomantes, oraculistas e videntes no Rio de Janeiro*. 147f. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O presente trabalho tem como objetivo abordar a profissão de cartomantes, oraculistas e videntes no Rio de Janeiro como forma de vida. Nesse sentido, abordamos sistematicamente o que chamamos de cosmopraxis oracular, a partir da síntese de perspectivas entre o repertório cosmológico-simbólico dos oráculos e os fluxos, energias, afetos e movimentos. Para isso, analisamos a construção do trabalho e da profissão dos oraculistas como forma e ‘missão de vida’, no sentido de apontar para as fronteiras dos oráculos entre previsões, autoconhecimento e terapia. A partir do trabalho de campo, chegamos à formulação do que chamamos de “terapia do oráculo”, inflexão fundamental na chamada cultura terapêutica no Rio de Janeiro, que se expressa pelo ideário das terapias holísticas, que integram corpo, mente e espírito; corpos áuricos e chakras. Analisamos, ainda, a percepção extrassensorial dos oraculistas, assim como o que entendem por intuição, destino e livre-arbítrio, carma e darma.

Palavras-chave: Oráculos. Cosmopraxis. Cultura Terapêutica. Corpo. Espiritualidade. Orientalização.

ABSTRACT

WAGA, Augusto Maciel. *Professing the intangible: oracles and divination in Rio de Janeiro*. 147. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The present work intends to explore aims to approach the profession of fortune tellers, oraculists and tarotists in Rio de Janeiro. In this sense, we systematically approach what we call oracular cosmopraxis, from the synthesis of perspectives between the cosmological-symbolic repertoire of the oracles and the flows, energies, affections and movements. So, we analyze the construction of the work and profession of oraculists as a form and 'mission of life', in order to point to the oracular boundaries between predictions, self-knowledge and therapy. From the field work, we arrive at the formulation of what we call "oracle therapy", a fundamental inflection in the so-called therapeutic culture in Rio de Janeiro, expressed by the ideals of holistic therapies that integrate body, mind and spirit, auric bodies and chakras. In this sense, we also analyze the extraassessorial perception of oraculists, as well as what they mean by intuition, destiny and free will, karma and dharma.

Keywords: Oracles. Fortune Telling. Cosmopraxis. Therapeutic Culture. Body. Spirituality. Orientalization.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
	O ORÁCULO COMO FORMA DE VIDA: POR UMA ANTROPOLOGIA	
1.	SIMÉTRICA DO ORÁCULO.....	28
1.1	Introdução.....	28
1.2	Modernização reflexiva e individualização das camadas médias urbanas no	
	Rio de Janeiro.....	41
1.3	Da neurose à autonomia.....	45
1.4	Mãe Rosana de Oyá e a consciência mundicêntrica.....	50
1.5	Conclusão.....	55
2.	O ORÁCULO E A ÉTICA PROFISSIONAL: TRABALHO E	
	PROFISSÃO NO CIRCUITO HOLÍSTICO-ORACULAR.....	57
2.1	Introdução.....	57
2.2	O oráculo como trabalho e profissão no contexto das camadas médias	
	urbanas.....	59
2.3	Cultura terapêutica no Rio de Janeiro.....	63
2.4	“Terapêutica do oráculo”: terapias holísticas e o limites das fronteiras	
	terapêuticas.....	65
2.5	O dinheiro é espiritual: energia de troca, autovalor e autoconstrução.....	72
2.6	Autoconstrução de moradias, autoconstrução profissional.....	78
2.7	Charlatanismo, preconceito e crítica: os limites da oráculo-terapia.....	90
2.8	Conclusão.....	95
3.	COSMOLOGIA E PESSOA: A COSMICIZAÇÃO DO SELF	
	HOLÍSTICO.....	97
3.1	Introdução.....	97
3.2	Cosmicização, orientalização e sincronicidades.....	98
3.3	Alma e espírito; destino e livre-arbítrio.....	101
3.4	Actantes espirituais cosmocêntricos.....	110
3.5	Intuição, percepção extrassensorial e sofrimento na forma de vida	
	oracular.....	119
3.6	Conclusão.....	134

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	140

INTRODUÇÃO

Reza a mitologia grega que Zeus, no intuito de estabelecer o ponto médio da Terra, fez duas águias lançarem vôo: uma do extremo leste, e outra do extremo oeste do planeta. As duas se cruzaram em Delfos, onde foi marcado, com uma pedra oval, o Ônfalo, ou umbigo da Terra. Esse local passou a marcar as profecias do culto de Gaia. Zeus, no entanto, é confrontado por Apolo, que mata o dragão Phyton, guardião de Gaia, que o perseguia desde o nascimento. Algumas interpretações sugerem que Hera enviou o dragão para matar Leto, amante de Zeus e mãe de Apolo, ainda grávida, dado sua traição ao marido.

Seduzido pela criança, Zeus concede o oráculo a Apolo, ainda que sua leitura seja apenas realizadas pelas pitonisas, ligadas a Gaia. A leitura do oráculo conferia particular protagonismo feminino na sociedade grega e marca, ainda em outras culturas, o oráculo como cargo feminino (Giebel, 2013). Em suas paredes, no Templo de Apolo, encontra-se a máxima “Conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seauton*), entendida como a forma privilegiada da relação entre o sujeito e a verdade (Foucault, 2004). Não por acaso, a derrocada do Templo coincide com a invasão romana e cristã, caracterizada por saques e depredações.

A aproximação com videntes e oraculistas no Rio de Janeiro, ainda que totalmente diversa da construção grega, sugere um retorno às práticas de si no contemporâneo, a partir de chaves específicas de compreensão da relação do sujeito com a ‘verdade’. Assim, há algo no oráculo que permite admiti-lo como parte da experiência da condição humana. Nenhuma autoridade grega tomava qualquer decisão sem consulta ao oráculo, o que recoloca a problemática da relação ‘ocidental’ com a verdade: se o oráculo surge como estética da existência, como prática de si, de autoconhecimento e cuidado de si (*epiméleia heautou*)¹, é necessário retomar a racionalidade própria do oráculo e sua relação com a verdade como problema de pesquisa central. Foucault não atenta, portanto, para a importância do oráculo como prática de si por excelência do governo de si e dos outros.

Da Antiguidade grega até o Rio de Janeiro, passa-se pela África central. A intuição de Evans-Pritchard, em seu clássico trabalho *Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azande* é

¹ Foucault está preocupado com a espiritualidade como forma de conhecimento, para além do que chama do ‘momento cartesiano’, que retira tais condições de acesso ao conhecimento do sujeito. Assim, tem como objeto “o conjunto de buscas, práticas e experiências, tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações da existência, etc. que constituem não para o conhecimento, mas (...) para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade (...) [assim,] a espiritualidade postula que a verdade jamais é dada de pleno direito ao sujeito” (Foucault, 2004, p. 18).

fundamental para estabelecer bases sólidas para a construção do oráculo como um mediador da verdade. A verdade oracular passa a ser estabelecida como um problema de pesquisa etnográfica.

Em seu relato etnográfico sobre os Azande, Evans-Pritchard estabelece que o oráculo é a base de identificação da ‘substância-bruxaria’, entidade orgânica e hereditária que, na cosmologia Zande, causa infortúnios aos demais não-bruxos. Evans-Pritchard estabelece que os oráculos operam pela lógica do porquê, e não pela lógica do como. Em seu clássico exemplo, um caçador Zande dá uma topada e a atribui à bruxaria. A questão que ele se coloca não é como a topada se deu em termos etiológicos, e sim por que aconteceu naquele lugar específico e naquele exato momento. Assim como para os Azande, a *sincronicidade* é o princípio por excelência que Jung atribui aos oráculos, não a partir da causalidade, e sim da coincidência (Jung, 1995, p. 16-17).

Coincidência não se confunde com contingência. Significa, apenas, uma lógica concomitante, e não rival da causalidade (Evans-Pritchard, 2005, p. 64). Evans-Pritchard compreendeu que os Azande “raciocinam muito bem no idioma de suas crenças, mas não podem raciocinar fora ou contra suas crenças, porque não têm outro idioma para expressar seus pensamentos” (*ibid.*, p. 208). Ou seja, Pritchard advoga um protoperspectivismo, embora ainda reafirme a dicotomia verdade/crença. Nesse sentido, é necessário entender que a ‘verdade oracular’ não pode ser traduzida em termos causais, e sim em termos de coincidência e sincronicidade.

A antropologia social britânica, na esteira de Evans-Pritchard, possui como preocupação estabelecer a divinação (divination), entendida como elo entre o sagrado e o profano, como protótipo das relações sociais. Identificamos nos trabalhos de Park (1963) e Bascom (1991), não obstante sua riqueza de dados etnológicos, uma preocupação de relacionar o oráculo à sociedade, ambos estabelecidos como instâncias monolíticas que expressam padrões sociais de moralidade e de estabilização da ordem social.

A tradição etnometodológica também se debruça sobre o oráculo. Seguindo a esteira de Garfinkel (1963), Zeitlyn (1995) e Jorgensen (1979) estabelecem o oráculo como “negociação de significação” entre o oraculista e o consulente, o que restringe a perspectiva do oráculo como verdade oracular, estabelecendo uma lógica de enunciação da verdade exterior à prática oracular. Além disso, os autores restringem a experiência do oráculo ao contexto microinteracional da consulta oracular.

Os trabalhos nacionais e internacionais sobre a Nova Era merecem um comentário à parte. Os trabalhos, por exemplo, de Heelas (2008), Campbell (2007), Illouz (2008) e de

autores brasileiros como D'Andrea (*op. cit.*), Amaral (*op. cit.*), Magnani (1999) e Maluf (2005a; 2005b) nos ajudam a entender o complexo campo da Nova Era, que confronta a socioantropologia da religião, já nos anos 1960 e 1970.

Identificamos o surgimento de uma série de trabalhos esparsos que marcaram uma tentativa de instituir novos campos científicos em uma primeira aproximação com a Nova Era. Trata-se de uma saída da perspectiva da sociologia da religião para uma compreensão de fenômenos particulares: sociologia do Tarô (Jorgensen, *op. cit.*; Sosteric, 2014), sociologia do esoterismo (Tiryakian, *op. cit.*); sociologia do oculto (Ejerfeldt, 2014; Grannholm, 2015) e depois, nos anos 2000, a sociologia da espiritualidade (Flannagan e Jupp, 2007; Wood, 2010; Wuthnow, 2003).

O espraiamento da espiritualidade para a vida configura-se como o traço fundamental da Nova Era, tal como coloca Paul Heelas, quando diferencia a “espiritualidade para a vida”, entendida como espiritualidade do teísmo transcendente para além da vida, da “espiritualidade da vida”, centrada na busca pelo Deus dentro de si, em que o sagrado torna-se imanente à vida (Heelas, *op. cit.*, p. 55). Ao contrário de negar a mediação das instituições religiosas, a Nova Era passa a se caracterizar por um *ethos* reflexivo de busca pela vida interior sacralizada.

Todavia, os estudos sobre a Nova Era não enfatizam práticas específicas que possuem particularidades. A escolha do oráculo como objeto não procura, todavia, restringir uma experiência dentre outras que os “errantes” da Nova Era possuem. Ao contrário, temos como objetivo captar a dimensão que escapa a essas abordagens e demonstrar que o oráculo pode ser melhor entendido como uma “forma de vida”, no sentido de integrar o problema da estética da existência, que se espraia para uma autoconstrução profissional e uma autoconstrução de si.

Assim, a “profissão do intangível” sugere uma dupla enunciação: a profissão ou trabalho dos oraculistas que trazem para a esfera material elementos da espiritualidade, ou do plano astral, mas também a ideia de profissão, tanto a partir de sua dimensão do trabalho e de classe social, como também uma dimensão de “professar”. Como destaca Hughes (1993) todo profissional professa algo, ou seja, toda profissão expressa valores, moralidades e crenças específicas do que chamarei, para além da profissão, de uma “forma de vida”.

Portanto, o oráculo não é somente um trabalho; para os oraculistas, é uma forma de se relacionar com o mundo. Nosso objetivo, ao procurar entender o oráculo não apenas como profissão, em sua complexidade no universo de pesquisa, é entendê-lo como forma de vida, ou mesmo como estética da existência, como coloca Foucault. Para isso, serão articuladas a

categoria forma de vida como universo que integra o trabalho, a profissão, a cosmologia e as intensidades e fluxos da vida.

O problema de pesquisa será enfrentado a partir da articulação entre o que se pretende como a cosmologia ou a simbólica do oráculo, ao mesmo tempo em que se coaduna com seu elemento do movimento, dos fluxos e intensidades, como uma “espiritualidade para a vida imanente”, como coloca Heelas (*op. cit.*). Para isso, adotaremos a categoria ‘cosmopraxis’ para entender o oráculo em sua complexidade.

Assim, no Capítulo I, mostraremos a complexidade que adquire essa categoria, e procuraremos construir uma possível antropologia simétrica do oráculo, a partir da abordagem integral, sugerida pela Psicologia Transpessoal de Ken Wilber. Assim, será central a construção da cosmopraxis oracular como possibilidade interpretativa de relação dos oraculistas não somente no quadro das consultas oraculares, como também com o universo.

No Capítulo II, a construção do campo profissional dos oraculistas no Rio de Janeiro será abordada, apontando para a profusão da cultura terapêutica na cidade. Nesse sentido, analiso os antecedentes da cultura terapêutica, a noção de terapias holísticas, que se constrói a partir da perspectiva integral entre corpo, mente e espírito, o que procuro chamar de “terapêutica do oráculo” e, em seguida, seu reverso: a “oráculo-terapia”, ou seja, a abrangência das categorias de acusação e crítica dos chamados ‘charlatães’.

Em seguida, o capítulo III versará sobre a relação entre a “pessoa holística” e suas capacidades e faculdades de percepção, dentre elas a intuição e a chamada ‘percepção extrassensorial’. Nesse sentido, observar-se-á de que forma esses fenômenos ditos ‘paranormais’ influenciam diretamente a vida dos oraculistas. Examinando, ainda, sua relação com entidades, espíritos e Orixás e aponto para o aspecto de ‘cosmicização’ (integração da pessoa holística com o cosmos) a partir do exercício do destino e do livre-arbítrio na cosmopraxis oracular.

Apresentação dos atores²

Adriana Amorim é cigana, cartomante, terapeuta, sacerdotisa e historiadora. Sua família é de Padre Miguel. Seu pai era feirante, vendia frutas, e ferroviário da antiga rede CLTU. Chegou ao cargo de presidente da associação Ferroviária no Brasil. Segundo Adriana, seu emprego

² No decorrer do trabalho, sempre que possível a identidade dos atores será preservada.

tem a ver com o povo cigano, exímios trabalhadores de ferro. A família do pai vem da cidade de Amorim, em Portugal. No Brasil, esconderam-se os costumes ciganos. O Pai da avó materna era cigano Boiashi, clã que mais trabalha com circo. Era de Itaperuna e a bisavó casou-se com o primo. Em Campo Grande, montam um circo. A mãe, sua bisavó, foge com a avó. O lado paterno é Callon, pelo qual foi referendada como Callon. Sua mãe, dona de casa, praticava de forma escondida os costumes ciganos.

“Quando a minha mãe engravidou, uma cigana a parou e disse que ela estava grávida”, o que sua mãe, à época, não sabia. A cigana disse, ainda: “sua filha vai falar em nome do nosso povo”. Relata que a mãe estava grávida de 6 meses e teve crise renal. Vários oraculistas e guias da Umbanda diziam que Adriana, ainda criança, teria caminho espiritual. Falaram, inclusive, que ela teria de raspar o Santo e que seria profetisa.

Ela relata vidência aguçada: desde pequena, via espíritos, principalmente acoplamentos espirituais. Não dormia à noite. Mais tarde, descobriu que seu pai tinha cargo de liderança herdado. Depois de 3 meses de sua morte, ela assumiu para que o sobrinho, ainda criança, não assumisse, “para falar em nome do meu povo. Eu ergo a bandeira”. Esse cargo é masculino, pois as mulheres (ofisas) operam o oráculo em segredo. Estudou Parapsicologia e Hipnose.

Hoje, é sacerdotisa na Fraternidade Tsara Vento do Deserto. Trabalha com o Baralho Cigano, o Baralho da Vovó Cigana, além de integrar, em suas consultas, Meditação, Mantras, Reiki, Cristais, Cromoterapia, Numerologia Cabalística, entre outros.

Ana Teresa Schirmer é cartomante e clarividente. Nasceu em família católica, na década de 1960, no bairro da Urca. Seu pai é militar e sua mãe, professora de inglês.

“Quando eu era criança, eu jamais teria um conhecimento de que eu tinha algo espiritual. Mas eu me lembro bem de quando eu tava no colégio, eu sempre amei aula de Geografia e História. E eu tinha atração especial pela Islândia. Na década de 1970, nem se falava em Escandinávia, muito menos em Islândia. Tinha uma atração, nada no nível racional. Ninguém me dava bola em relação a isso. Um dia, eu cheguei em casa e minha mãe estava se consultando com um vidente. Ele disse: ‘Sabe de onde ela veio? da Islândia!’ Ele deu alguns detalhes, nome, idade, como eu morri. Fiquei impressionada”.

O irmão, adolescente, começa a se interessar por Allan Kardec. Ele comprava livros e Ana começou a frequentar centro espírita junto com ele. Desde pequena, relata que não

dormia bem, pois sentia que havia alguém em seu quarto. Teve um problema de saúde por muitos anos, um pouco negligenciado por seus pais, segundo ela.

“Eu sabia do meu ‘carma’ por volta dos 21 anos, meu desafio, que é um setênio³: Tinha a ver com o problema de saúde, a história da Islândia, estava tudo interligado. Só consegui olhar para isso quando tinha 40 pra 50 anos”, diz ela. Aos 20 anos, muda-se para Brasília, conhece a Comunhão Espírita de Brasília e o Vale do Amanhecer, por conta do pai, que foi transferido. Ao longo da vida toda, sempre freqüentou cartomantes e videntes e sempre se afinizou com o campo espiritual.

Nesse período, aos 21 anos, sua mãe morre.

“A gente morava em Brasília, e a mãe era uma mulher muito forte. Ela pegava o carro de Brasília até o Rio de Janeiro, como se fosse daqui a Botafogo. E aí, toda vez que eu subia o carro, parava na Baixada, início da serra, tinha que parar o carro porque eu passava muito mal. Foi uma espécie de premonição. Em novembro de 1986, na véspera do meu casamento, eu sofri um acidente de carro. Quando a minha mãe foi levar o vestido pra fazer, antes do meu casamento, ela disse ‘tá tudo pronto pro casamento, menos eu’. A gente achou que era brincadeira. Nós que éramos super planejados, imagina! Minha vida nunca mais foi a mesma. Com 22 anos, eu tive acesso a visitar o Chico Xavier. Era uma reunião com várias psicografias. Não recebi nada. Anos mais tarde, fui entender, porque eu acredito que tinha muito a ver com meu estudo espírita e de entender por que não recebi. Durante 20 anos, comecei a trabalhar e estudar espiritismo. Fui de recepcionista até cheguei a trabalhar em cargos altos. 80% da espiritualidade vem do espiritismo kardecista. Esses lugares me deram essa coisa de ser uma médium educada, controlada, equilibrada”.

Com 42 anos, mais um setênio, retorna ao Rio de Janeiro; dos 42 aos 49, procura xamanismo, cristais e encontra o Baralho Cigano, no curso de Tania Durão.

“No primeiro dia de aula, quando eu peguei no baralho, falei: nossa! Eu já fiz isso antes! Quando eu aprendi que existia a mesa real, tive esse click”. Só que Ana começou a perceber que o modo tradicional de jogar o baralho não a satisfazia. “Quando eu comecei a ler do meu jeito, as cartas falavam comigo”.

Hoje, dá consultas em sua casa de cartomancia, ligada a sua clarividência e clariaudiência, que incluem conselhos de diversos baralhos e psicografia.

³ Setênios são, segundo ela, janelas espirituais, que vêm de Rudolph Steiner, da Antroposofia.

Anna Maria Costa Ribeiro é uma das mais famosas astrólogas do país. Seu pai era auditor do INSS e sua mãe, bibliotecária. Nasceu na Casa de Rui Barbosa. Seu avô foi mordomo de Rui Barbosa. “Tinha livros disponíveis, tinha também piano, mas o piano nunca me pegou”. Em 1978, teve hepatite e foi obrigada, no tratamento, a ficar um mês em casa. Então, uma amiga levou um livro de Astrologia para Anna. Ela imediatamente ficou encantada pela ciência.

“Gostei disso! Fala de pessoas, não é essas bobagens que saem aí em jornal, na mídia não, porque isso não é Astrologia! Aí eu gostei disso aí, comecei a comparar com pessoas que eu conhecia e eu vi que aquilo ali funciona. Daí eu comecei a estudar, sozinha!”.

Anna relata que sempre foi autodidata. Estudou Comunicação Social e nunca havia se interessado por espiritualidade ou pelo universo religioso. Depois, estudou Candomblé, Cabala, mitologia nórdica e céltica, por meio das quais aprendeu hebraico e norueguês. Atualmente, é diretora do Centro Urantiam, onde oferece cursos sobre Astrologia, Tarô, Numerologia, Cabala, Runas, Regressão de Vidas Passadas, Constelação Familiar e Metagenealogia. Anna é especialista em Extraterrenos e tem artigos publicados internacionalmente.

Alexsander Lepletier é cartomante, tarólogo, astrólogo e runólogo. É mais conhecido como estudioso e divulgador do Baralho Cigano. Alexsander começou a aprender sobre Tarô com 18 anos. “O Tarô e a minha sexualidade aparecem no mesmo momento”. O amigo que mostrou o Tarô para Alexsander é gay e, na época, “foi um mediador para minhas crises de sexualidade”, diz ele. Alexsander conta que a primeira carta que saiu no primeiro jogo que fez foi O Mago, do Tarô. Ele relata que seu amigo disse: “você vai jogar!”. Ele se recusou.

“Porque a referência que eu tinha de espiritualidade era a forma escravizante que a minha mãe tinha no centro de Umbanda, que não tinha tempo pra nada! Ao mesmo tempo em que eu fui aprendendo o Tarô, ele me contava sobre a vida sexual dele... Só que essa coisa começou e abriu minha sexualidade, não porque a gente tivesse um contato sexual, mas porque ele foi a minha primeira referência LGBT. Eu era muito alienado de mim mesmo, eu não gostava de mim, então foi o momento em que eu me encontrei como Alex. Ao mesmo tempo que jogar carta me fez fantasiar aquilo como se eu fosse um super-herói: um moleque viado, feio, com uma baixa autoestima do caralho! Zoado no meio dos amigos, porque não tinha beijado na boca ainda! (risos)”.

Alex relata que lia a Revista Planeta, importante divulgadora de Tarô no Brasil, mas o mundo dos quadrinhos se misturava a sua descoberta de sexualidade e ao oráculo.

Figura 01 – Dez de Ouros e O Mago



Fonte: Página da rede social de Alexsander; acesso em 2018.

Alex guarda com muito carinho essa imagem. Representam as cartas de Tarô que foram um “presente da vida”, segundo ele. O Mago e o 10 de Ouros. Alex diz que O Mago se realizou, pela sua formação em Comunicação, com ênfase em Jornalismo. Ele ganhou bolsa integral, porque Alex previu à diretora que seria empossada e ela acreditava que não havia qualquer possibilidade. Ele afirmou que, no máximo em 2 anos e meio ela seria empossada; 2 anos e 3 meses depois, sua previsão aconteceu. Alex, agora, quer atingir o 10 de Ouros. Ele brinca: “9 de Ouros significa ganhar 30 mil por mês e ser solteiro. 10 de Ouros: ser dono da Coca-cola (risos)”. O encontro de Alex com o Baralho Cigano não se deu por acaso:

“O Baralho Cigano, com 21 anos, eu tinha me formado em Análises Clínicas e fazia um curso de língua, e ia fazer pegação depois da aula no prédio da UFRJ. Quando eu chego ao jardim, vejo um monte de cartas espalhadas. Vejo dois periquitos. Era o baralho da COPAG, e aí fiquei muito intrigado, porque era um baralho que voou de um balaio cigano, uma oferenda! E esses periquitos me marcaram muito. Depois, fui procurar um curso de Baralho Cigano”.

“Toda a minha historia com os oráculos tá ligada a sexualidade”, ele reitera. Alex relata que quase morou na rua em Portugal, onde foi acolhido por uma prostituta lésbica, e, em troca, faxinava a casa dela. Ele ensinou Baralho Cigano a ela, o que a fez sair das ruas. Ele atribui o enredo da sexualidade com os oráculos à sua Lua em conjunção com Júpiter na casa 8. “Sexo, sexualidade, misticismo, crise: tudo isso rege a casa 8”.

Ele se formou como técnico em análises clínicas. Voltou para o Brasil, a passeio. Um dia, já insatisfeito com Portugal, estava no Arpoador:

“Um Por do sol, lindo, dourado! Tinha um hippie nadando no mar. Eu comecei a chorar, porque eu pensei: estou escravo da minha estabilidade, estou numa prisão sem muros. Em Portugal, tenho estabilidade, mas não tenho felicidade; no Rio, tenho felicidade, mas não tenho estabilidade. Comecei a conversar com os Deuses: ‘Deuses, ou vocês me fazem esquecer o Rio de Janeiro, ou vocês me colocam em um lugar em que eu tenha felicidade e estabilidade’. De repente, atrás de mim, aparece o hippie tocando a música: ‘Liberdade pra dentro da cabeça!’ [Natiruts]”

Esse sinal foi o indicativo de que Alex deveria ficar no Rio, onde mora até hoje.

Claudio Ramos é bruxo, tarólogo, sacerdote e integra o movimento neopagão. Quando era adolescente, conheceu sua mestra Kátia, que dava cursos de Tarô. Ela o tirou da turma de Tarô e o inseriu em uma de magia.

“A primeira aula que eu assisti, o Alexandre (marido de Kátia) tava falando de auras, corpos astrais, que o homem é feito de sete corpos. Eu sentei pra assistir à aula e sabe quando a sua mente voa e você não presta atenção? Uma vergonha, porque eu sempre fui muito nerd (risos). Naquele dia a minha mente voou, eu fui parar no Egito, eu vi coisas no Egito, vi altar, vi espadas, uma porção de coisas. Na minha cabeça, pra mim, eu tava assistindo aula ali, minha mente tava vagando. Eu contei pra minha mestra, dei uma lista de coisas. Eu vi o meu altar pessoal como seria, os objetos como seriam, a minha espada, como era o castiçal, como era tudo, a minha roupa ritualística como era. Pra você ter uma ideia, tinha pessoas que estavam ali há 5, 10 anos que não sabiam disso. Pra mim, era uma viagem da imaginação”.

A mestra de Kátia conversou com Claudio. Ela confirmou tudo aquilo e disse que Claudio poderia avançar em relação aos demais alunos. O marido de Kátia sempre dizia que Claudio seria sacerdote de um grupo de pessoas. Ele era da Umbanda e recebia sua entidade dentro de casa. Era Seu Pinga, um Exu. Seu Pinga deu aula para ele, porque, segundo ele, ele precisava “aprender a se defender”. Claudio sempre se rebelou contra a ideia.

Ele queria um caminho mais druídico do que esotérico, de mitologia e magia celta. Depois de um tempo, Claudio lê um livro e não consegue lembrar detalhes. Segundo ele, surge como um chamado a dar aula. Ouve uma voz interior que diz: “você está cheio, precisa liberar conhecimento”. Assim, começa sua jornada como professor de magia e bruxaria, primeiro na casa de sua mãe e, no ano 2000, em um espaço esotérico.

Em 2006, cansado desse espaço, Claudio subloca uma sala e funda o Círculo de Brigantia, onde trabalha até hoje como sacerdote. Segundo ele, Brigid é senhora do fogo, das águas das fontes que brotam no chão, que é a fonte da cura. Ele diz ser fascinado por oráculos e sabe jogar Oan (celtas), Baralho Cigano, Tarô, oráculo de Brigid, oráculo grego, oráculo das árvores, mas só divulga o Tarô, que divide espaço com sua profissão como professor de Inglês.

Edijane Sarruf é cartomante, parapsicóloga e terapeuta. Possui como carro chefe o Baralho de D. Maria Molambo, além de trabalhar com Baralho Cigano. Para ela, a espiritualidade a levou a trabalhar com cartomancia, já que nunca sequer se imaginara como cartomante. Edijane afirma que sua família tem um histórico espiritual muito forte. Seu avô era um presbítero muito conhecido na Igreja Batista. Sua mãe manifestou clarividência desde muito cedo. A prima de sua mãe via espíritos e tinha problemas em relação a isso. “Não era tratado”, segundo ela. Foi internada em hospital psiquiátrico. Foi tida como esquizofrênica, submetida a tratamento de choque e faleceu. Edijane freqüentou o espiritismo kardecista por muito tempo, onde teve espaço para manifestar seus dons paranormais. Cansada de dogmas e da culpa que o espiritismo carrega, foi estudar História. Segundo ela,

“a história traz uma racionalidade maior. Eu nunca deixei de acreditar em nada, mas eu me desapeguei um pouco dos dogmas, de uma forma mais racional. Eu abdiquei das religiões, mas não da fé! A fé impulsiona o ser humano e o oráculo se sobrepõe à religião, ele é universal!”

Anos depois, Edijane faz cursos com Adriana e Alexander sobre Baralho Cigano, de onde se conheceram e ficaram amigos. Um dia, recebeu uma mensagem de sua entidade, D. Maria Molambo, que disse que ia se comunicar com ela através de um baralho. Edijane, primeiro, pensou que fosse através do Lenormand, mas, quando conheceu Sonia Boechat Salema, que lançou o Baralho de Maria Molambo, sabia que aquele era o baralho. Desde então, em 2016, atende como parapsicóloga e cartomante.

Eduardo Santos é enfermeiro e terapeuta holístico. Atua com Cromoterapia, Radiestesia e Reiki. Natural de Aracaju, desde criança se interessa pelo universo da cartomancia. Sua avó era do Catimbó, e incorporava a entidade do Marujo, com quem tem os primeiros contatos com a espiritualidade. Eduardo muda-se para o Rio de Janeiro para cursar a faculdade de Enfermagem, começa a se desenvolver em um centro de Umbanda, que acaba abandonando. Começa, então, a estudar Tarô e, em 1995, forma-se como Massoterapeuta e, em 1999, faz um curso de Reiki. Depois, aprendeu Cromoterapia e Radiestesia. Hoje, trabalha como enfermeiro e terapeuta holístico. Sua consulta envolve o pêndulo, que considera seu oráculo pessoal, que funciona a partir da anamnese. Eduardo diz que se interessa, ainda, por cura com ervas e Alta Magia. Ele desenvolve sua espiritualidade na Ordem Rosacruz e sempre teve paixão pelas cartas. Afirma que, um dia, ainda dará consultas de Tarô e Baralho Cigano.

Katja Bastos é sacerdotisa, ialorixá e cartomante. Conhecida como a “pioneira da linha brasileira do Baralho Cigano”. Ela conta que seu despertar espiritual se desabrochou quando tinha apenas 14 anos.

“Quando eu tinha 14 anos, eu encontrei o amor da minha vida. A minha outra metade, a minha alma gêmea. Eu bati o olho nele e ele bateu o olho em mim e a gente se reencontrou e nunca mais nos separamos. Eu tinha 14 anos e ele, 19. Essa casa foi criada em cima de um grande amor. Esse grande amor da minha vida tinha uma trajetória na linha de Umbanda e Candomblé. Foi ele que me apresentou esse mundo. Ele incorporava o Sr. Tranca Rua das Almas (Exu chefe de falange). E esse Exu é que tem uma parceria, ainda hoje, com a Rainha Cigana. Ele ainda hoje é o guardião de Rainha Cigana. Ele foi o rompedor, e meu marido era de Ogum. Ogum é um guerreiro, é vencedor de demandas. Então, ele foi na frente, abrindo caminho para a Rainha Cigana passar. Então. Foi um reencontro de almas. Quem teve o privilégio de conhecer, via que não era uma coisa do dia a dia”.

Foi iniciada no Candomblé há 38 anos. Filha de Yemanjá, Katja é afilhada de Lyuba EstanESCO, conhecida cigana. A madrinha a iniciou em 2002. Foi eleita, junto com Myriam EstanESCO, delegada nacional da etnia cigana. Sua entidade de trabalho é a Rainha Cigana, que fundou a Encantaria Cigana no Rio de Janeiro. A Rainha Cigana coordenou a construção do Tarot Cigano, a partir do trabalho do artista Julio Espinosa. Katja relata que teve “o privilégio de encontrar Sai Baba”, famoso guru e líder espiritual indiano. A Rainha Cigana tinha uma parceria com Sai Baba, com a educação em valores humanos.

Katja foi pioneira no trabalho midiático com o Tarot Cigano no Brasil, em que dava consultas por cartas e ao vivo. Trabalhou nas Rádios Tupi, Metropolitana, Tamoio, Nacional,

na TV Corcovado, no Programa Rio Urgente e, depois, no programa do Wagner Montes, onde adquiriu fama e reconhecimento.

Hoje, coordena a Trybo Cósmica, casa espiritual que cultua religiões da natureza: Candomblé, Umbanda, Catimbó, Encantaria e Xamanismo. Também Coordena o Centro de Referência contra a Discriminação Religiosa (CRDR).

Marcelo Bueno é tarólogo. Budista, afirma que sempre levava a mãe para consultas com cartomantes, ou “qualquer oraculista esquizotérico”, brinca. Possui graduação em Publicidade e pós-graduação em Marketing (Planejamento). Sua história com o Tarô começa na Esoteric Shopping Center, conhecida loja espiritual no bairro da Tijuca nos anos 1980 e 1990, fundada por Kaanda Ananda.

Por algum motivo, diz que sua mãe havia pago uma consulta de Tarô para ele. Ele relata que “sempre ouvia consultas toscas: ‘vai aparecer alguém, vai entrar dinheiro pelas portas da rua!’, com um baralho todo esfarrapado...” Ao contrário do que imaginava, a taróloga, que tinha um baralho importado, deu uma consulta que Marcelo nunca esqueceu.

“Ela começou a jogar e foi uma leitura do cacete! Ela não tava falando do que vai acontecer: ‘toma cuidado com fulano; você conhece algum Pedro? Cuidado com a Joana!’. Não tinha isso, tinha muito do comportamental. A consulta foi tão portal que eu saí dali e já comprei um Tarô no balcão”

Marcelo, então, começa a estudar Tarô em 1989. Fez aulas com Henrique Mattoso e Vera Martins, conhecidos tarólogos. Ele conta que trabalhava na Brahma, na parte de Marketing e que foi demitido por conta de intolerância religiosa. Até então, vivia dois universos separados.

“Há 11 anos atrás, a minha vida tava de cabeça pra baixo. Eu mesmo sou muito raro de procurar alguém fazer uma consulta. Eu era muito mais conhecido por discutir Tarô na internet, com as pessoas, nos cursos que eu fazia, não dava muitas consultas, mas nada profissional. Uma amiga minha indicou um lugar confiável. Quando ia começar a consulta, a entidade olha pra minha cara e diz: ‘pois é, né, você acha que todo esse conhecimento que chegou pra você, chegou de graça?’ Aí me jogou na cara exatamente isso: a facilidade que eu tinha pra aprender tinha como propósito me tornar um multiplicador, porque isso, de alguma forma comprometia a minha vida, porque não tinha uma balança vida material *versus* vida espiritual, tudo isso anda em paralelo. Passando pela porta, eu já fui tomando esporro (risos)”.

Assim, Marcelo começou dando cursos e atendimentos. Construiu a página Zephyrus Tarot, que é, talvez, uma das mais conhecidas do país, onde produz conteúdos e divulga seus cursos. Marcelo ficou famoso, ainda, pelo jogo do Tabuleiro, em que se dispõem todos os arcanos maiores do Tarô na mesa de jogo. Esse método se desenvolveu a partir dos estudos com Vera Martins e, frequentemente, oferece cursos somente sobre o Tabuleiro.

Marcos Sabbah é terapeuta em Programação neurolinguística, meditação e Mindfulness. Desde os 11, 12 anos de idade, interessa-se por budismo tibetano e relata que sempre leu muito sobre o assunto em bibliotecas. Ele brinca que era um “rato de bibliotecas”. Ele diz: “eu sempre tive um grau de espiritualidade muito alto e eu sempre pratiquei meditação, que foi o que me segurou durante muitas barras”. Ele trabalhou com engenharia e como técnico judiciário, até que fez uma viagem a Macchu Picchu que define como uma mudança radical de vida. Desde então, tem trabalhado com meditação, largou o emprego antigo e costuma freqüentar o centro Ingma, de budismo tibetano, e a Ordem da Coroa, uma ordem espiritualista onde pratica caridade.

Nadam Guerra é formado em Artes Cênicas. Artista, performer e oraculista, Nadam começou a conhecer o universo a partir de sua mãe, que utilizava o Tarô Sufi, de Osho. Sua mãe o influenciou, pois Nadam comenta que sua forma de ler o oráculo de forma livre, sem previsões, integrado à vida, o acompanha até hoje. Ceramista, Nadam passa a incorporar elementos oníricos em suas obras. Surge, então, o Materializador de Sonhos, seu oráculo pessoal: um baralho de cartas baseado em suas esculturas. Ele conta como construiu o Materializador de Sonhos.

“Foi com o trabalho do Materializador de Sonhos que trouxe o Tarô de volta pra minha vida, super casualmente. Eu sempre fiz cerâmica e fui me aprimorando tecnicamente. Quando eu tava terminando a faculdade, fiz alguns cursos de Arte e Arte contemporânea, começou a me vir um branco. Era como uma meditação: eu sempre sentava e fazia cerâmica, era uma meditação, me dava um branco. Era um momento de limpeza mental, de limpeza energética. Eu via uma imagem e trazia essa imagem pra cerâmica. Só que eu fui perdendo esse canal intuitivo, porque queria resolver a forma da cerâmica de uma maneira mais intelectual. Nessa época, estava estudando fotografia e copiava ela na cerâmica. A cerâmica eu mantinha por um processo interno, mas eu era mais focado na performance e na Arte Contemporânea nessa época.

Uma vez, comentei isso com um amigo, que eu precisava de alguém que me mandasse fazer algo, eu não queria pensar tanto sobre isso. Daí um dia um amigo me contou um sonho dele e me vem o Materializador de Sonhos nessa fórmula: todos em folha A4 em branco que eu

compus na cerâmica. O Materializador de Sonhos veio daí: eu desenhava o sonho na cerâmica em uma folha branca. Então foi quase uma máquina, eu queria que fosse uma máquina, e não algo que eu achasse bonito e tal. Isso foi muito desafiador. Começaram a vir sonhos mais difíceis, ou sonhos com questão visual difícil, que a pessoa passava no escuro, era muito legal fazer os sonhos por causa disso. Fui fazendo e fazendo, mas comecei a me dar conta da carga simbólica daqueles sonhos. Foi num Verão, eu tava em Terra Una (residência artística), eu fui fazendo aos poucos e ia reinterpretando aqueles signos, aquela imagem, aquela ideia, porque era um processo de reinterpretação. Eu anotava o sonho na hora, ia ao Google pesquisar imagens que tinham a ver com as palavras daquele sonho e fazia uma colagem a partir dessas imagens. Então, isso demorava de 1 a 3 semanas. Era uma relação que ficava me tocando essas imagens, essas histórias. E tiveram muitas coincidências, principalmente nos primeiros 10 sonhos.

Atualmente, Nadam dá cursos no Parque Laje sobre performance e o chamado Oráculo Experimental Contemporâneo, em que os alunos produzem seus próprios baralhos.

Nei Naiff é, sem dúvidas, o mais famoso tarólogo do país. Ele também é escritor, astrólogo e terapeuta. Sua mãe freqüentava círculos esotéricos com a avó (o Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento e o Secho-No-Ie). Seu despertar espiritual vem daí. Na década de 1970, iniciou-se na Astrologia e dava consultas. Trabalhava com o mapa feito à mão e, desde os anos 1970, com o que hoje se chama terapias holísticas: chakras, cristais, meditação e relaxamento. Quando conheceu o Tarô, na Revista Planeta, apaixonou-se, e, até hoje, tem como foco de trabalho seus cursos de Tarô, que abrangem eixos temáticos como Magia, Dor, Espiritualidade, Amor e Sexualidade, coordenando congressos nacionais e internacionais. Porém, foi a obra de Nei que, segundo ele, garantiu-lhe reconhecimento nacional e internacional.

Pai Vando de Oxumaré é babalorixá. Sua bisavó coordenava um centro de Umbanda e sua mãe “tinha muita mediunidade” e trabalhava no centro da avó. Vando continuou na Umbanda, até seus 20 e poucos anos, quando ingressou no Candomblé. “Na Umbanda, eu não recebia santo. Nenhuma entidade tomava meu corpo, eu não recebia nenhuma energia. Eles diziam: você tem santo, só que não é nessa linha”, diz ele. Um dia, foi jogar búzios e o pai de santo disse que Vando deveria fazer santo, porque o seu tempo de Umbanda já havia se esgotado. Quando tirou sua obrigação de 7 anos, a mãe de santo confirmou que ele tinha cargo de santo, de babalorixá. Ele não queria, mas ela disse: “quando a gente traz cargo, a gente tem que abraçar o cargo”.

Vando possui uma história envolta pelos Orixás. Ele disse que só abriria uma casa se Oxumarê, seu pai de cabeça, lhe desse uma casa. Ele conta que comprou um caminhão de um taxista que trabalhava em frente ao seu salão, onde é podólogo. Fizeram, então, uma sociedade: ele passou a trabalhar com frete. Consultou o Orixá e ele disse que poderia. O rapaz, porém, não era uma pessoa honesta: dizia que o caminhão quebrava, que tinha que parar em patrulha, etc. Foi consultar o Orixá e disse que o taxista estava-o enganando. Disse, ainda, para vender o caminhão. Vando, um tanto incrédulo, ouviu de uma filha de santo que conseguiria vender o caminhão. E, de fato, conseguiu uma troca: trocou o caminhão por um sítio em São Gonçalo. Ele foi diretamente ao cartório, sem sequer ver o sítio. O Orixá, então, se pronunciou: “Agora, você tem a sua casa! Você vai fazer a minha casa!” Hoje, é babalorixá de Candomblé Ketu em São Gonçalo.

Patrícia Marques é cartomante, clarividente e clariaudiente. Seu contato com a parte espiritual remontam seus 8 anos de idade. Patrícia possui uma curiosa história em que ouvia mensagens espirituais da água da pia de casa. Ela se dedicou 7 anos à Umbanda, depois 10 anos ao Candomblé. Hoje, é secretária de diretoria de uma multinacional. É filha de Iansã e Oxaguiã. Às vezes, manifesta audição de mensagens espirituais em ambientes aleatórios. Hoje, trabalha com vidência em copo d’água e Baralho Cigano e revela que nunca fez propaganda de seus serviços.

Simone Galvão é quiróloga, cartomante e terapeuta holística. Sua mãe é vidente e, segundo ela, conseguia projetar visões em um copo d’água. Seus pais são umbandistas. Simone trabalhava no Banco Bradesco. Nos anos 1990, ela e um grupo de amigos decidiram abrir uma empresa de produção de eventos. Decidiu, então, produzir feiras esotéricas, que, na época, estavam em grande expansão. Ela diz que assistia a todas as palestras e cursos, pois precisava aprender sobre oráculos para lidar com os oraculistas e o público. Ela relata que só conhecia búzios, pois “suburbano só conhece búzios e pai de santo”, brinca. Organizou 22 feiras esotéricas, onde aprendeu a quirologia, com sua mestra Haydée Teodorites, e se interessou por diversos campos. Hoje, é quiróloga, cartomante, na linha do Baralho Cigano, e terapeuta holística, atuando com shiatsu, reflexologia podal e palmar, massagem Ayurvédica, drenagem linfática, pedras quentes, bambuterapia, Espiral TAPE (terapia do esparadrão), cristaloterapia, cromoterapia, auriculoacupuntura, além de orientação dos banhos de ervas, mantras e energizações.

1. O ORÁCULO COMO FORMA DE VIDA: POR UMA ANTROPOLOGIA SIMÉTRICA DO ORÁCULO

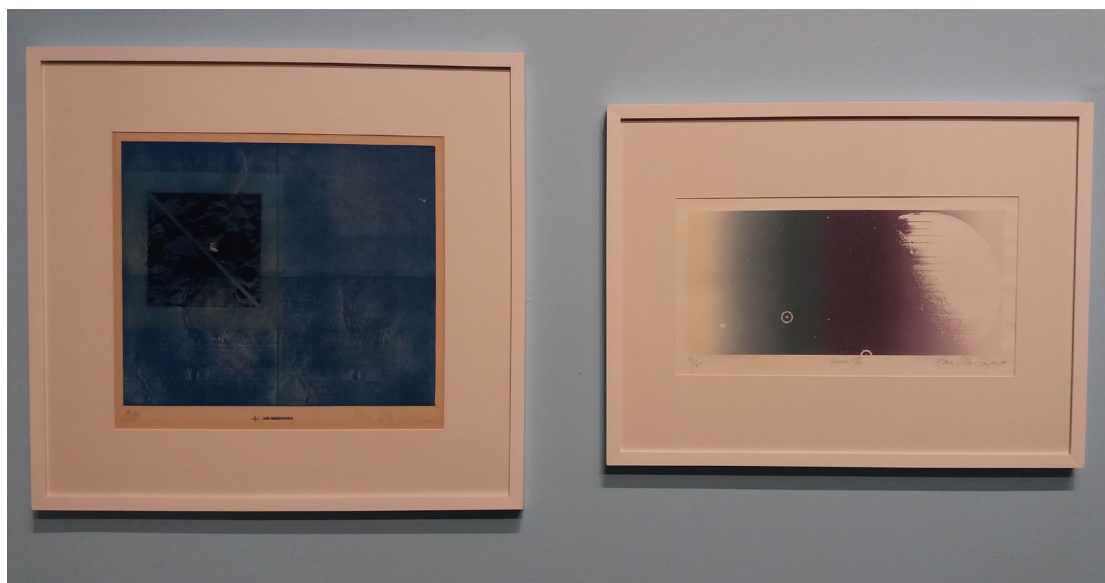
1.1 Introdução

Cartomantes, videntes e oraculistas não revelam o futuro. O uso comum da locução ‘previsão de futuro’, entendido como instância temporal oculta que vem à tona em suas consultas, se desvanece no universo de oraculistas que enfatizam o oráculo como forma de vida. Dos oraculistas com que tive contato, sua grande maioria não possui repertório de capital religioso ou espiritual familiar, e muito menos lida com o destino como instância de verdade imutável.

Assim, o oráculo requer dimensões de inteligibilidade diversas às pressupostas pela ideia de previsão de futuro. Nadam Guerra, artista e performer, além de cartomante, oferece um curso semestral na cidade para a construção do seu próprio oráculo. Nadam diz lembrar do Tarô de sua mãe e, desde muito pequeno, interessar-se pelos mistérios desse poderoso baralho. Atualmente, Nadam articula sua produção artística à criação de seu baralho pessoal, baseado em visões de sonho, suas e de seus alunos, que lhe servem de inspiração.

Nadam, que diz não circular no ‘circuito holístico’, se impressiona com a superficialidade com que alguns cartomantes tratam o oráculo. Nadam aponta para um quadro a nossa frente e explica: “Eu vivo o Tarô. Por exemplo, esse quadro (da esquerda) está mais ligado ao passado, traz uma dimensão nostálgica; esse da direita tem uma projeção de futuro”.

Figura 02 – Anna Bella Geiger: Luar III e IV

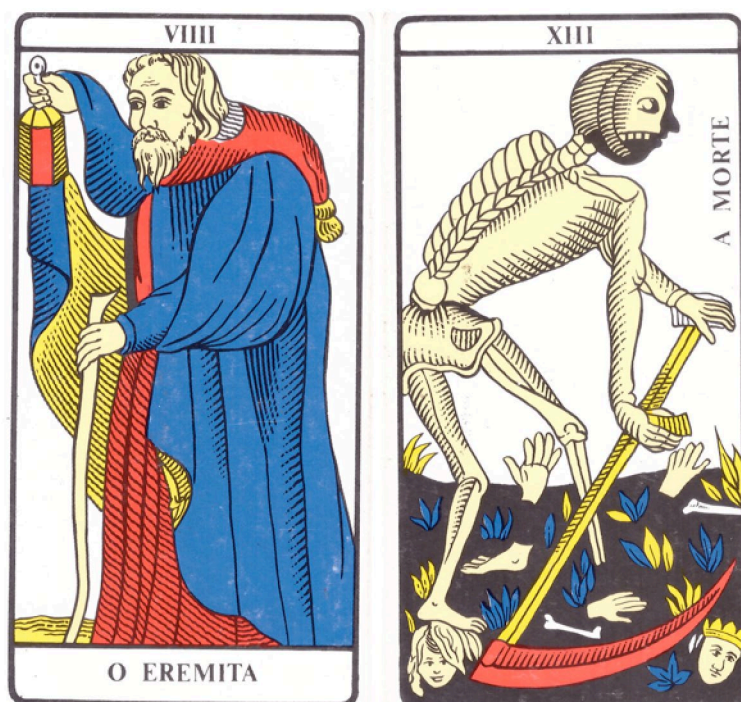


Legenda: quadros expostos no Parque Lage, local dos cursos de Nadam.

Fonte: Acervo pessoal.

A questão trazida por Nadam reflete muito bem como o oráculo não somente representa uma instância de representação das imagens ou símbolos oraculares: ela também revela uma relação simbólica com o mundo: uma forma de vida. Pode-se entender exatamente o que Nadam traduz a partir do repertório dos Arcanos Maiores do Tarô: a figura d'O Eremita representa o ancião que, com sua caminhada de sabedoria e experiência, olha para a esquerda, lançando luz sobre seu passado. Já A Morte representa a transformação, períodos em que somos impelidos a operar verdadeiras faxinas. A caveira que parece ceifar objetos sobre o lodo com uma foice olha para a direita, que, no Tarô, representa o futuro.

Figura 03 – O Eremita e A Morte



Legenda: Tarô de Marselha, edição brasileira de Carlos Godo.

Fonte: acervo pessoal.

O que sugere Nadam é a construção de uma ‘ontologia do oráculo’, que perpassa a capacidade sensorial e simbólica de ler o mundo, a partir tanto dos mistérios e referências simbólicas presentes nas cartas do Tarô, no seu caso, como também de capacidades mediúnicas, ou de percepção extrassensorial⁴, que se expressam como faculdades ou dons, tais como clarividência, clariaudiência ou mesmo intuição. Porém, apesar de não comungar do repertório extrassensorial, Nadam compartilha da noção de que o oráculo revela muito mais do que simples (?) previsões de futuro.

Simone, quiromante e quiróloga, define-se como uma “estudante de mãos”. Se Nadam estabelece uma relação espacial com o oráculo e oracular com o espaço, Simone projeta sobre o corpo sentidos múltiplos, para além das linhas das mãos.

“Se você falar: ‘ai, Simone! Tô com uma dor no rim...’ Tá com medo de quê? ‘Ai, eu tô sentindo uma dor não sei aonde... Menina, virei meu pé!’ Porra, tu virou o pé pra não fazer essa porra! Fazer o quê? Você

⁴ Cada oraculista aciona – ou mesmo desdenha – de tais capacidades a partir de seu próprio entendimento e repertório. A ideia de ‘mediunidade’ aparece a partir do referencial espírita, principalmente ligado ao espiritismo kardecista e à Umbanda. Já a percepção extrassensorial, ou ESP (*extrasensory perception*) surge da Parapsicologia, que se propõe à cientificação dos fenômenos parapsíquicos (cf. Fitzherbert, 1991). Utilizaremos o termo no sentido englobante que carrega e discutiremos o tema mais profundamente no Capítulo III.

precisa fazer A, B, C, D, você virou o pé *fisicamente* pra você não fazer! Pra mim, tudo tem sentido” (Simone).

Nesse sentido, tudo tem sentido. Simone destaca que a mão, como qualquer parte do corpo, possui significados que a percepção ocidental não é capaz de entender em sua complexidade. O interessante na fala de Simone, além do repertório simbólico, é que a topada que sua consulente levou acarreta mensagens oraculares e mesmo de ‘autoconhecimento’ a partir do movimento do corpo. Na mesma direção, Holbraad destaca o oráculo dos búzios (oráculo iniciático do candomblé) em Cuba como instância de produção de verdades em movimento.

“A verdade oracular não depende da possibilidade de comparar as afirmações oraculares com o mundo tal como é, como se supõe a partir de uma imagem representacionista da verdade. Em vez de representar o mundo, o oráculo o transforma, ao nele interferir com sua construção de significado – uma operação ontológica, ao invés de epistemológica” (Holbraad, 2012, p. 18).

A partir do movimento do espaço, da vida, do corpo ou mesmo das cartas, tudo muda de sentido. Segundo Holbraad, o oráculo não revela o futuro, e sim o transforma a partir de seu movimento em relação com o mundo. Muitos cartomantes são apegados às cartas que caem durante o embaralhamento, por exemplo. Estas surgem como um aviso, algo que requer cuidado e atenção. Por exemplo, no Baralho Cigano, o jogo mais comum é conhecido como *Grand Tableau*, ou Mesa Real, no qual todas as 36 cartas do baralho são dispostas na mesa de jogo. No exemplo abaixo, a carta do Cigano (28) e da Cigana (29) representam o consulente e seu par romântico⁵.

⁵ Não necessariamente representará o par romântico. Por exemplo, se uma consulente (mulher) estiver muito preocupada com a saúde de sua mãe, a consulente será representada pela Cigana e a mãe, pelo Cigano. No caso de casais homossexuais, o consulente homem fica com o Cigano e seu parceiro, a Cigana; a consulente mulher com a Cigana e sua parceira, o Cigano. Hoje, alguns baralhos são vendidos com cartas extras, para coadunar o gênero da/o Cigana/o com o da/o consulente, além dos não-binários.

Figura 04 – Baralho Cigano



Fonte: Acervo pessoal.

Na primeira sequência, O Cigano (28) olha para a esquerda e a mulher, para a direita, o que indica sintonia. As cartas que aparecem no centro do casal – O Coração (24) e O Anel (25) – indicam união, pedido de namoro ou casamento. Já na segunda, indica afastamento do casal, representado pelo Caixão (08), podendo indicar separação, uma vez que seus olhares não se cruzam. Nesse sentido, o movimento das cartas também produz significados no momento da consulta aos oráculos.

O simples aprendizado ou ofício de lidar com as cartas, com as conjunções astrais ou mesmo as linhas da mão se tornam uma forma de lidar com a vida, de simbolizar o mundo e, ao mesmo tempo, de apreendê-lo a partir de “sinais”, energias e sincronicidades, que operam a partir do movimento. Por isso, Holbraad insiste em uma “ontografia do oráculo”, que opera a partir de uma “verdade em movimento” (Holbraad, 2012). O que dificulta a análise, no caso de oráculos como cartomancia, quiromancia e astrologia é a presença forte do universo simbólico e imagético, que requer uma síntese de perspectivas, sem o retorno, porém, às dicotomias representacionistas⁶.

⁶ O jogo de búzios não contém imagens. Geralmente, são lançados 16 búzios cortados que revelam os Odus, formas de comunicação direta com os Orixás (Bascom, 1991). Por isso, Holbraad não dá tanta atenção a esse

Por exemplo, Dimas conta que, certa vez, consultou-se com Katja Bastos, mãe da linha brasileira do Baralho Cigano. A Foice caiu no jogo, o que sugere, segundo a interpretação tradicional, mudanças, cortes ou rupturas (Mazza, 2015, p. 112-113). Katja interpretou como a necessidade de Dimas dar uma volta na praia. Ela explicou: como a areia da praia é regida por Obaluayê, Katja interpretou a carta como a manifestação do Orixá. Para ele, essa mensagem fez muito sentido, pois, dois dias antes da consulta, relata ter sentido uma sensação estranha nos pés, que pareciam “pedir” para ele andar descalço na praia, em suas palavras.

Figura 05 – A Foice



Legenda: Carta do Tarot Cigano que, na linha brasileira, representa a manifestação do Orixá Obaluayê, representado pela palha.

Fonte: Tarot Cigano da Trybo Cósmica, acervo pessoal.

Esses exemplos conformam que o oráculo opera tanto a partir do referencial simbólico, quanto do movimento, que expande o universo simbólico para a vida, mas, ainda, de um trabalho inserido no universo do mercado espiritual: trata-se do que pretendo chamar

aspecto. Ao contrário, propomos uma síntese de perspectivas, mais próximo do que chama de ‘cosmopraxis’ (Holbraad, 2012, p. 109). Pai Vando diz que “os Odu, que são o destino, ficam te regendo horas do dia: sai um, entra outro. Eles vivem em movimento”.

de uma “forma de vida”, que impacta profundamente na cosmovisão dos atores, mas também em sua agência, no enquadramento da forma como ressignificam seu trabalho e no estilo de vida, na conformação de um *ethos* particular.

Diversos oraculistas acionam elementos simbólicos como desencadeadores de rupturas biográficas e de realocação de suas “preocupações últimas” (Archer, 2003, p. 147). Segundo Durand,

“O símbolo (...) define-se como qualquer signo que evoca, através de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de ser percebido; ou (...) a recondução do sensível, do figurado, ao significado; mas, pela própria natureza do significado, é inacessível, é epifania, ou seja, aparição do indizível, pelo e no significante” (Durand, 1988, p. 14-15).⁷

Há um paradoxo na definição do símbolo:

“Inadequado por excelência, ou seja, parábola, de modo ainda mais radical do que as imagens e os recursos emblemáticos, o símbolo é inversamente sujeito a muito menos de arbitrário, a muito menos de “convenção” do que o emblema. Dado que a re(a)apresentação simbólica jamais pode ser confirmada pela apresentação pura e simples daquilo que ela significa, o símbolo, em última análise, *tem valor apenas por si próprio*. Não podendo figurar a infigurável transcendência, a imagem simbólica é *transfiguração* de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato. O símbolo é, portanto, uma representação que *faz aparecer* um sentido secreto; ele é a epifania de um mistério” (*ibid.*, p. 15).

Por isso, o símbolo adquire valor por si próprio. A força da dialética do mistério e da revelação possui imbricada relação com a descoberta do mistério da existência, ou do próprio sentido da vida. É interessante perceber que momentos epifânicos, observados nas entrevistas, resgatam a dimensão fundante da condição humana como dotada de um mistério que precisa ser revelado. Assim, não só as origens da vida são postas à prova, mas também seus diversos caminhos.

É muito comum ouvir, entre os oraculistas, que o oráculo serve para imprimir “ordem ao caos”: quando se embaralha as cartas ou faz-se a invocação aos Orixás antes do jogo de búzios, ‘esfregando’ uns contra os outros, existe um caos de elementos aleatórios, que

⁷ O símbolo difere-se da alegoria pois esta é uma tentativa de tradução de um significado de difícil compreensão, ao passo que o símbolo é um signo no primeiro momento sem significado, que vai se traduzindo a partir de um sentido, e não de um objeto sensível. O símbolo atribui sempre uma relação entre algo desconhecido ou inconsciente que emerge a partir de sua apresentação (força centrípeta, que sempre se abre ao significado); ao passo que a alegoria trata de imagens conscientes, porém de difícil decodificação (força centrífuga de delimitação ou definição do significante).

precisam ser ordenados no que será considerado o jogo. O jogo efetivamente trata do momento de vida do consulente. Assim, Alex afirma que o homem é um ‘animal simbólico’, tal como Durand (*homo symbolicus*), exatamente ao conectar o elemento motor (movimento) e o universo simbólico. O oráculo integra, portanto, o que Holbraad entende como ‘cosmopraxis’.

Assim, o oráculo pode ser definido como uma forma de vida que se constrói a partir da cosmopraxis. Nesse sentido, integra uma análise do momento presente que se projeta no futuro. Muitos oraculistas se recusam a dizer que trabalham com previsões.

“Seria mentira dizer que, daqui a 3 ou 4 meses, você pode mudar sua forma de pensar e agir a partir do seu livre-arbítrio. O que não muda e acontece é a morte. Não prevejo tempo, porque eu acho que é mentira. Eu acredito nas probabilidades e possibilidades” (Silvana).

Silvana destaca que não se pode ‘prever o futuro nas cartas’, pois não se sabe como o consulente vai agir a partir da sentença oracular. Holbraad aponta na mesma direção, ao afirmar que a verdade oracular não é apenas representação simbólica, e sim ontologia transformativa, ontografia movente⁸. Fábio também condena eticamente os chamados “previsionistas”.

“Essa escola da professora da minha mãe é meio antiprevisionista. Eu sei que tem uma galera que gosta de prever o futuro e uma galera que não gosta, tem até uma galera que diz que é perigoso. Jodorowsky⁹ inclusive fala que é uma das ‘tentações perigosas’ achar que você pode ler o futuro. Mas o futuro é uma consequência do presente. Então, naturalmente, se você lê o presente, você tá pensando no futuro. Mas a recomendação que eu dou pras pessoas no curso de Tarô é que, mesmo que você veja o futuro, você não fala no futuro, porque, às vezes, você entra num sistema de canal que você vê e começa a falar. Eu acho antiético dizer: ‘ah, porque eu vejo uma doença!’ Não se deve dizer isso, por mais que você veja, por mais que você seja vidente. Nos dias que eu me proponho a dar várias sessões seguidas, vêm mensagens que você nem sabe de onde vêm. Mas, você não pode entrar numa *egotrip* de achar que pode influenciar ou decidir pela pessoa. O que você pode dar é o espelho, então tem essa parte ética, porque o oráculo tem muita força, e tem essa tentação de tentar dizer o que vai acontecer. Você tem que dar o espaço pra pessoa decidir e tentar deixar a pessoa interpretar do jeito dela. Você vê tendências, você tem que sempre deixar no subjuntivo: ‘poderia’, ‘talvez seria’, pra dar espaço pra pessoa

⁸ No Capítulo III, será desenvolvido o argumento a partir da interação entre destino e livre-arbítrio nas sentenças oraculares.

⁹ Alessandro Jodorowsky, tarólogo, artista e cineasta chileno, é uma importante referência para os tarólogos, graças a sua obra *A Via do Tarô* (Jodorowsky; Costa, 2016).

interpretar aquilo. Porque quem faz a leitura final mesmo não é o cartomante, é o consulente” (Fábio).

Segundo ele, o objetivo do oráculo é dar um espelho para que a pessoa analise seu momento presente, e tire suas próprias conclusões. Nesse sentido, a própria concepção de tempo dos oraculistas não é linear. De fato, o oráculo pode prever o futuro dentro de uma lógica temporal linear, pois, no fundo, ele dissolve as fronteiras da divisão entre passado, presente e futuro.

“O objetivo da leitura de Tarô é dar o espelho pra pessoa. Se a pessoa já tem a habilidade de ver e absorver os símbolos, então esse espelho é mais fácil de ser dado, senão você vai ter que dar a caminhada junto com a pessoa. Se aparece um dragão e a pessoa não entende o dragão, você pode mostrar os significados do dragão, mas se ela entende o dragão e o identifica com a vida dela, o dragão em si é muito mais interessante do que a sua interpretação do dragão. Então, quanto mais aberto você deixa, mais você pode trabalhar o símbolo com a pessoa e mais interessante e rica vai ser a leitura. Quanto mais a gente consegue deixar o símbolo em aberto, mais forte ele é. Por exemplo, o azul pode significar desde a sabedoria do céu ao frio; desde o congelamento à rigidez, então o azul tem uma gama de sentido, como o vermelho: do amor à dor. Eu não gosto de usar como se fosse uma bula, porque isso é uma ansiedade nossa de ter uma resposta. Essa fluidez do símbolo e da imagem é aí que tá o poder da leitura. Senão, você pega um Dicionário de Sonhos e resolve (risos). Uma aluna minha sonhou com dente, tava buscando um significado transcendental e, no fundo, ela tinha perdido a hora pra ir ao dentista” (Fábio).

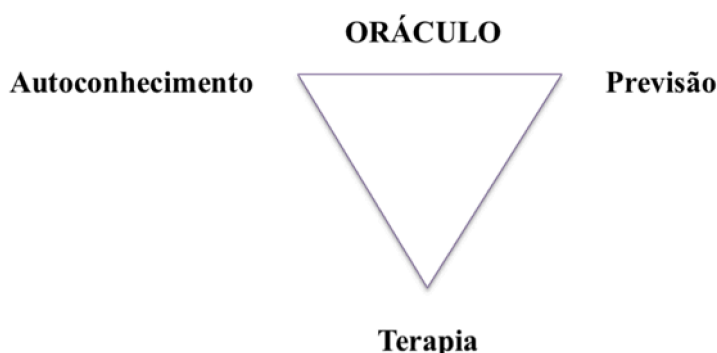
Nesse sentido, o oraculista é apenas um decodificador cosmoprático capaz de entender os símbolos e o movimento do cosmos e trazê-los à consciência do consulente, que tomará suas decisões. Nei possui acordo com a formulação. “O Tarô é o espelho da vida. O que acontece ou acontecer na sua vida está nas cartas do Tarô. Não importa quando, como e de que modo”, diz ele. Um de seus primeiros livros foi *Onde está minha felicidade?* (Naiff, 2003), segundo ele, “baseado na estrutura do Tarô, sem sequer mencionar o Tarô”, como uma proposta de visão integral da experiência humana. Porém, Nei não tem acordo em relação às previsões. Segundo ele, faz parte do ofício de ler as cartas prever o futuro. Porém, afirma que as previsões se integram em um conjunto de atributos que a transcendem.

“As pessoas que têm mais dificuldades de entender o Tarô são aquelas que dizem que o Tarô não é cartomancia, é só autoconhecimento. ‘Ah, porque o Tarô não é previsão...’ Como não?! Autoconhecimento, autoajuda, previsão, adivinhação, aconselhamento, orientação: Tarô é tudo

isso. No estudo, todo mundo quer diferenciar o psicólogo, o esotérico, o aconselhador, o cartomante, quem estuda Cabala, anjos... Mas, numa consulta, todos querem saber se vai casar, se vai ganhar dinheiro, se vai se separar. Inclusive, essas pessoas que se autointitulam cabalistas, psicólogos, também acabam perguntando a mesma coisa” (Nei).

Se entendermos que Nei e Fábio entendem que a temporalidade é mais complexa do que a contagem cronológica, os dois estão apenas distantes por questões éticas. Assim, de forma sintética, a prática do oráculo pode se desdobrar a partir de três principais pólos: previsão, autoconhecimento e terapia, que se encadearão de formas diferentes, a partir de cada oraculista¹⁰.

Tabela 01 – O oráculo segundo os oraculistas



Portanto, a forma de vida dos oraculistas, agregadora do movimento e do simbólico compartilha, no mesmo sentido, os pressupostos dos fe(i)tiches, como elencado por Latour (2002). Segundo o autor, os fe(i)tiches integram fatos e fetiches. Fatos, pois são objetos ditos exteriores ao sujeito: representam a exteriorização do trabalho humano, objetos no mundo aptos a observação a partir de um realismo radical; já os fetiches são artefatos socialmente produzidos que se colocam em relação de crença ou fé, tais como o totem de Freud (1972), objetos artísticos, religiosos ou sexuais que possuem eficácia simbólica imaterial, a partir de um construtivismo radical.

O que Latour defende é que a modernidade, tal como a imaginamos, se funda exatamente pela crença na separação entre fatos e fetiches, quando, na verdade, os dois se imiscuem, formando fe(i)tiches¹¹. Para ilustrar, o oráculo aparece, na superfície, como crença,

¹⁰ Voltarei a essa discussão no Capítulo II.

¹¹ Feitos + fetiches.

fetichismo. Quando observamos que os oraculistas justamente pontuam a tecnicidade a partir da fundamentação científica dos oráculos, por um lado, mas também enfatizam a sincronicidade e a ordem na desordem do universo, percebemos que o culto dos fe(i)tiches é permanentemente recolocado.

O fe(i)tiche oracular reconstrói, ainda, o suposto individualismo fundante da modernidade se dissolve em termos de outras configurações da pessoa, como uma configuração muito particular que procuramos chamar de ‘pessoa holística’, que integra o fe(i)tiche racional-intuitivo, o que procuraremos demonstrar no Capítulo III. Nesse sentido, a maioria dos entrevistados congrega o universo de camadas médias urbanas de formação universitária, portanto com alta escolarização, utilizando o capital escolar e cultural para a formulação científica de suas práticas¹², o que demonstra a insatisfatória separação entre o racionalismo iluminista e o expressivismo como dualidade constituinte do oráculo.

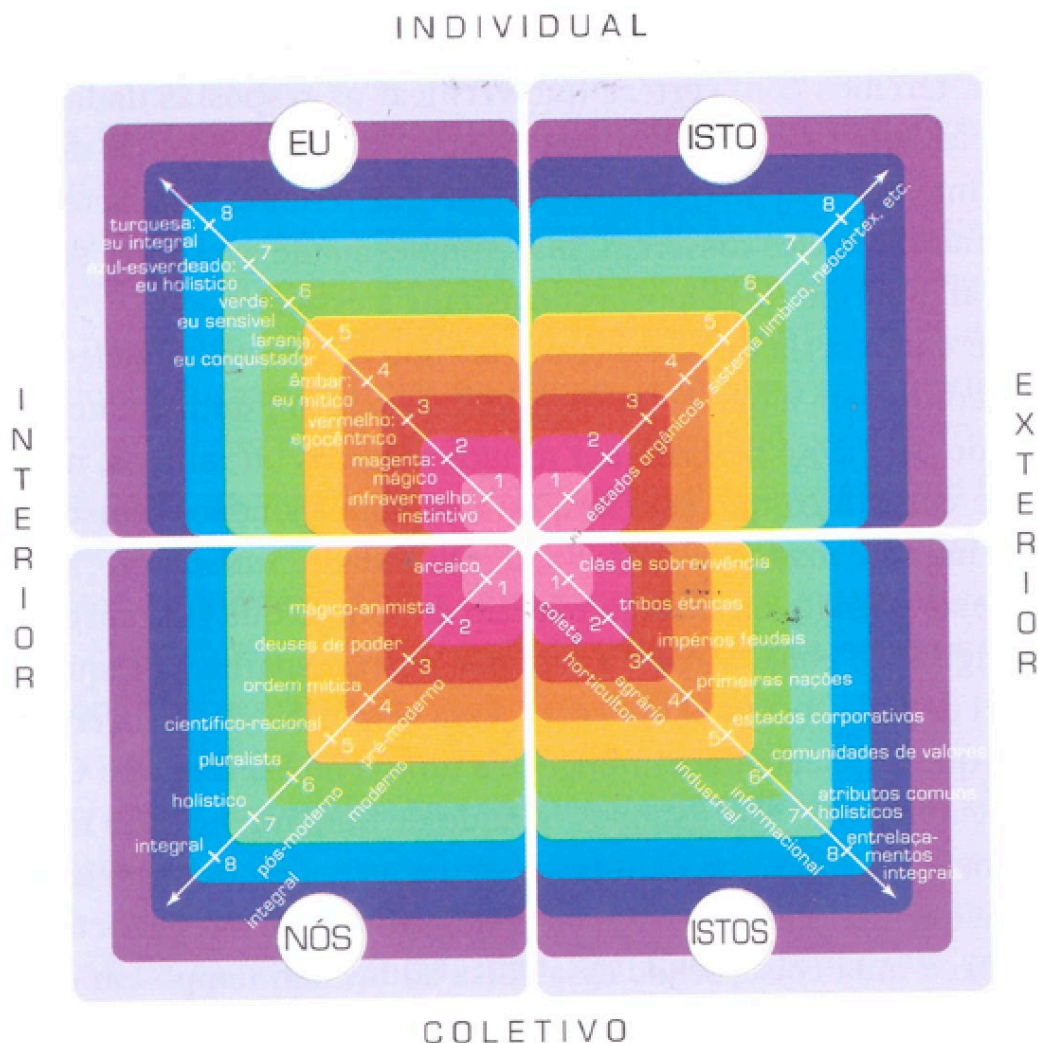
Oráculos são fe(i)tiches porque fazem-falar (elemento simbólico) e fazem-fazer (ontologias performativas) em um momento único englobante, congregando fato e fetichismo. Assim, seguimos as observações de Latour e Holbraad, no sentido de não entender o oráculo como crença ou fetichismo, e sim como movimento, fluxo que produz ontologias simbólicas transformadoras, mas também como força simbólica eficaz (Durand, *op. cit.*).

O quadro de análise dos fe(i)tiches é complexo porque quebra padrões hierárquicos que definem a modernidade a partir do triunfo de sua face iluminista ou mesmo da secularização¹³ que fundamentam a tese do desencantamento do mundo (Weber, 2001). Na verdade, propomos que a modernidade nunca se limitou a esse aspecto, embora constitua, de fato, uma de suas dimensões parciais. Partimos do pressuposto de Wilber (2008), segundo o qual a epistemologia do oráculo só poderá ser compreendida a partir da “visão integral”. Wilber parte do pressuposto metateórico radicalmente sintético, segundo o qual a visão integral é capaz de analisar as diversas esferas da existência a partir de sua sistematização em quadrantes e linhas (AQAL – *all quadrants, all lines*), segundo o esquema abaixo.

¹² D’Andrea (2000) ressalta a construção ‘científica’ em práticas de espiritualidade da Nova Era, assim como se verifica entre oraculistas. Não se trata da caricatura de ciência racional-cartesiana, e sim, como procurarei demonstrar no Capítulo II, que os cursos de formação, mesas redondas de oráculos e terapias holísticas integram um importante papel na formação dos oraculistas.

¹³ Segundo Davie, o debate acerca da secularização é controverso pois envolve a polissemia própria do termo: no primeiro sentido, a tese da secularização se apresenta como diferenciação da esfera pública para as instituições e normas religiosas; no segundo sentido, como declínio das crenças e práticas religiosas e, ainda, no terceiro sentido, como marginalização da religião para a esfera privada (Davie, 2007, p. 51).

Tabela 02 – Modelo “Todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estágios e todos os tipos”



Fonte: WILBER, 2008, p. 149.

Pode-se observar que o primeiro, do canto superior esquerdo, corresponde ao ‘eu’, à interioridade e à individualização; o segundo, do canto superior direito, representa ‘isto’, a dimensão científica, biológica e racionalizante, ou como Latour se refere, à dimensão do fato ‘puro’, que não opera na realidade. A terceira corresponde ao ‘nós’ (canto inferior esquerdo), que comporta a dimensão cultural, nacional, do que chama de “consciência etnocêntrica”, segundo a qual uma dimensão cultural exclui a outra. Já o quarto quadrante (canto inferior direito) congrega um salto de consciência ecológico, espiritual e de integração dos povos, entendido por ele como ‘consciência mundicêntrica’ – ‘istos’. Cada quadrante possui linhas de desenvolvimento (formando um X) que coordenam a maior ou menor consciência de cada quadrante.

A chave da psicologia transpessoal de Wilber não é enxergar os quadrantes como degraus evolutivos, e sim integrar qualquer esfera da experiência humana em termos de uma síntese dos quadrantes. Por exemplo, uma empresa deve ter por objetivo garantir lucros (consciência egocêntrica – 1º quadrante), senão, tenderá a falir. Porém, deve possuir os meios necessários de domínio e conhecimento desde a matéria-prima até a construção do produto final (2º quadrante); além disso, deve garantir bons salários aos funcionários como condição de convivência entre o alto escalão e os trabalhadores, para a redução da desigualdade social e relativa convivência social (3º quadrante). Já o 4º quadrante terá por pressuposto a busca pelo sentido mesmo da existência da empresa, a partir da consciência de sua missão, a consciência ambiental e a compreensão de que a empresa pode ser uma semente de cura para o planeta e a humanidade.

O holismo de Wilber pode ser criticado, dentro do quadro em exame, por separar ou segregar dimensões dos fatos e dos fetiches e de postular uma visão de ciência excessivamente racionalista e positivista (2º quadrante); por pregar um cosmopolitismo harmônico que mais parece funcionalista, de espectro político de direita (cf. Vandenberghe, 2016)¹⁴ e, finalmente, por operar uma separação radical entre homem e natureza/meio-ambiente (4º quadrante). Todavia, a questão, para a compreensão da hermenêutica do oráculo, é que o quadro metateórico de Wilber pode ser potente para sintetizar aspectos particulares de uma visão e experiência do mundo que os oraculistas vivem, a partir da compreensão do oráculo como um fe(i)tiche.

Nesse sentido, proponho o exame das quatro esferas, seguindo o esquema AQAL. Diferentemente de Wilber, não proponho linhas de desenvolvimento, que operam como recurso evolucionista¹⁵. Nesse sentido, procuro demonstrar que a construção de formas de vida particulares parecem transcender o universo dos oraculistas.

De acordo com a visão integral, procuro analisar: (i) no primeiro quadrante, os impactos da a modernização reflexiva, tais como postulada em linhas gerais por Beck e

¹⁴ Vandenberghe destaca o debate entre Ken Wilber e Roy Bhaskar, que propunha uma dialética crítico-transcendental *New Age* que se aproxima muito mais de uma visão cosmopolita de esquerda, partindo do pressuposto ontológico da premência da estrutura sobre a agência, segundo o esquema do realismo crítico. Para esse debate, ver Archer, 2003; Bhaskar, 2000 e Vandenberghe, *op. cit.*, ainda que haja margem de complementaridade entre as visões de Wilber e Bhaskar, como destaca Vandenberghe.

¹⁵ Para se ter uma ideia, Jean Gebser, antropólogo integral, postula a consciência das visões de mundo humanas de acordo com os estágios: arcaica, mágica, mítica, racional, pluralista e integral. Wilber endossa essa perspectiva, ao afirmar que existe um padrão de falsificação das experiências espirituais que chama de “falácia pré-pós”, segundo a qual os cétricos afirmam a consciência espiritual como mística e arcaica, quando, na verdade, se tratam de uma pós-consciência, ou trans-consciência, que transcende o racionalismo e o materialismo (*apud* Wilber, 2008, p. 122-123). A questão é que Wilber condenaria a incorporação de espíritos na Umbanda como primitivista, ou “Deus mítico pré-racional”, e efetivamente condena a Nova Era como “fanatismo” e profanação da psicologia transpessoal (*ibid.*, p. 128).

Giddens, a tendência marcante e decisiva que os oraculistas têm como experiência, tanto no sentido da destradicionalização, individualização religiosa e construção do relacionamento puro, além da experiência do oráculo como resposta aos riscos e à consequente busca por segurança ontológica; (ii) no segundo quadrante, pretendemos discutir a reflexividade implícita ao campo, no sentido das percepções extrassensoriais e como os oraculistas pensam, sentem e vivem sua ESP, muitas vezes a partir de capacidades corporais¹⁶; (iii) no terceiro quadrante, analiso as modificações que o repertório da cultura terapêutica compartilhada pelos atores influencia nos oráculos, objeto de discussão do Capítulo II, a partir da construção de um horizonte pós-psicanalítico (Russo, 2012), tanto no sentido da retirada do repertório freudiano do universo profissional das terapias holísticas, como também do descentramento do paradigma da neurose pela culpa e pela disciplina em conformidade com o paradigma da liberdade, autonomia e responsabilidade (Ehrenberg, 2012). Por fim, (iv) o último quadrante trata dos valores dos oraculistas, e de como sua missão espiritual forma uma “constelação cosmopolita” (Beck, 2016) do pluralismo das formas de vida como “moralidade pós-convencional” (Habermas, 2003).

1.2 Modernização reflexiva e individualização das camadas médias urbanas no Rio de Janeiro

A pesquisa com os oraculistas no Rio de Janeiro já foi objeto de análise por Tavares (1999), particularmente em relação à iniciação no Tarô, que enfatiza sua “percepção vivencial” dos tarólogos, nos anos 1980 e 90. A autora parte de um referencial mais amplo acerca da difusão da Nova Era e seu impacto, segundo ela, na conformação de valorização da percepção intuitiva dos oráculos frente à percepção racionalizante. Segundo as observações de campo, verificamos a tendência oposta, com a valorização de cursos, palestras e mesmo formações de longa duração, no caso da Astrologia, por exemplo. Trata-se de um movimento mais amplo de difusão e estabilização do mercado espiritual na cidade, como procuraremos discutir no Capítulo II.

Parto do pressuposto de que o chamado “desmapeamento” no universo das camadas médias urbanas cariocas tem se observado com a perda do quadro de suas referências tradicionais. O quadro observado nos anos 1980 por Velho (1999) e Figueira (1985) pode ser

¹⁶ Essa questão, já introduzida, será explorada no Capítulo III, uma vez que envolve a reflexividade corporal dos oraculistas (Giddens, 2002, p. 76).

entendido hoje, de forma intensificada, não somente como expressão da individualização, seguindo a esteira dos autores da modernização reflexiva, como também uma rotação fundamental no modo como lida com a moralidade tradicional, tais como religião e relacionamento. Não se trata de uma constatação no sentido de um movimento progressista, e sim de uma mudança dos horizontes de expectativa e dos modos de vida, com forte tendência utópica, na esteira de Mannheim¹⁷.

Giddens e Beck assumirão uma posições similares em termos de uma ontologia do presente. A partir do campo, trago essas reflexões, que acompanham como tendência as leituras acerca da modernização reflexiva. Não se trata de uma “falta de modéstia teórica”, que Lahire atribui aos sociólogos¹⁸. Ao contrário, a semântica da modernização reflexiva é tão coloquial para os oraculistas que partimos dela como pressuposto perspectivista.

Esses autores partem do da constatação de que o processo de modernização foi se delineando a partir do que chamam de individualização. Segundo Beck, “modernização reflexiva significa a possibilidade de uma (auto)destruição criativa de toda uma época: a da sociedade industrial. O ‘sujeito’ desta destruição criativa não é a revolução, nem a crise, mas a vitória da modernização ocidental” (Beck, 2000, p. 2). Ela se conjuga à passagem da sociedade industrial para a sociedade de risco: na primeira fase, de uma sociedade de risco residual, “os perigos da sociedade industrial começam a dominar os debates e os conflitos públicos, políticos e privados” (*ibid.*, p. 5).

Assim, a sociedade de risco erige-se na autoconfrontação própria da modernidade reflexiva, cujos “efeitos não podem ser resolvidos nem assimilados pelo sistema da sociedade industrial, nem medidos pelos modelos institucionalizados desta última” (*ibid.*, p. 6).

Na sociedade do risco, o reconhecimento da imprevisibilidade das ameaças provocadas pelo desenvolvimento tecnoindustrial necessita de uma autorreflexão sobre os princípios da coesão social, assim como do exame das convenções e princípios dominantes da ‘racionalidade’ (*ibid.*, p. 8).

¹⁷ Para dar conta de ideologias que levem a cabo as mudanças sociais, Mannheim institui a categoria utopia, que significam “orientações [de conduta] que transcendem a realidade quando, ao passar para o plano da prática, tendam a destruir, seja parcial, seja completamente, a ordem de coisas existentes em determinada época” (Mannheim, 2004, p. 229).

¹⁸ Segundo Lahire, isso se revela por um regime de transferência generalizada, ou seja, por hiperteorizações abusivas e prematuras (Lahire, 2002, p. 80). Um dos mais graves problemas enfrentados é a transposição de racionalidades e capacidades cognitivas de um universo específico para outro. A transposição de esquemas de ação gerais para esquemas sensório-motores particulares (*ibid.*, p. 88) constitui um grave problema, que só pode ser resolvido com a instituição de um regime de transferência limitada e condicional, pautada por uma transferência analógica

Assim, se na sociedade industrial, a questão moral aparece como imperativo categórico, centrada na família nuclear, no casamento, na acumulação de bens, na racionalidade instrumental etc., na sociedade do risco há um radical pluralismo da reflexividade, a partir do qual se torna uma “sociedade autocrítica”, em que “os peritos de seguros contradizem (involuntariamente) os engenheiros da segurança” (*ibid.*, p. 11). Trata-se de uma “nova incalculabilidade fabricada”, em uma ordem da desordem (*ibid.*, p. 12).

Além de a esfera pública dar lugar a esferas críticas autônomas, a individualização favorece a “descontextualização (...) e recontextualização dos modos de vida da sociedade industrial, substituindo-os por outros novos, nos quais os indivíduos têm que produzir, encenar e montar eles próprios as suas biografias” (*ibid.*, p. 13).

Dito de uma forma simples, a ‘individualização’ significa a desintegração das certezas da sociedade industrial, assim como a obrigação de encontrar e inventar novas certezas para si próprio e para os outros. Mas, também significa novas interdependências, algumas delas globais. A individualização e a globalização são, de fato, duas faces do mesmo processo de modernização reflexiva (*ibid.*, p. 14).

Na construção dessa biografia do “faça você mesmo” (*ibid.*, p. 15), descentram-se também as categorias políticas, cuja principal consequência é a “desmonopolização da pericialidade”, segundo a qual, ao mesmo tempo em que os peritos se fazem mais do que necessários, graças à alta especialização funcional da sociedade do risco, cada indivíduo chama para si a capacidade crítica, tornando-se, cada um, legítimo perito (*ibid.*, p. 24).

Assim, a dúvida instaura-se como marco da desestabilização e inovação de instituições e saberes, constituindo uma “reforma da racionalidade” (*ibid.*, p. 33). Nesse sentido, o conceito de calculabilidade torna-se chave:

As possibilidades de estimabilidade dos efeitos colaterais saltam à vista somente quando se leva em conta que, com a passagem para a modernidade reflexiva, o próprio conceito de calculável-incalculável se altera: calculabilidade já não quer dizer apenas controlabilidade racionalmente funcional e incontrolabilidade tampouco significa a impossibilidade de controle racionalmente funcional. Fosse assim, não apenas seria mantida a ‘incalculabilidade dos efeitos colaterais’ também no empreendimento científico atual, mas ela chegaria mesmo a crescer, pois a racionalidade funcional se contextualiza e a insegurança aumenta (Beck, 2011, p. 262).

O paradoxo se constrói: a calculabilidade dos efeitos sociais do risco é cada vez mais acionada, ao mesmo tempo em que seus efeitos reais são mais imprevisíveis do que nunca.

Nesse sentido, os oráculos aparecem como sistema perito para o restabelecimento de segurança ontológica dos indivíduos: se, na análise de Beck, a sociedade do risco é caracterizada pela “impossibilidade de imputar externamente as situações de perigo” (*ibid.*, p. 275), quando o indivíduo é sujeito a lidar com o risco cada vez mais incalculável, Ewald insistirá em uma abordagem mais interessada na inteligibilidade do risco como capacidade cognitiva. Para ele, risco é apenas “um modo específico de lidar com certos eventos possíveis de acontecer com um indivíduo ou grupos de indivíduos”, o que significa dizer uma população (Ewald, 1992, p. 199). “Nada é um risco em si mesmo, não há risco na realidade. Porém, qualquer coisa pode ser um risco; isso só depende de como se analisa o perigo e o evento” (*ibid.*, *idem*).

Assim, lidar com os riscos próprios da segunda modernidade torna-se capacidade reflexiva dos agentes, que passam a dispor dos oráculos como via de fuga. Todavia, se não tomada a partir da visão integral, essa leitura retorna ao pressuposto da instrumentalização do oráculo, que não capta a forma de vida oracular como estética da existência (Foucault, 2004).

O repertório da individualização, a partir das profundas transformações operadas pela modernização reflexiva, recoloca os pressupostos da moralidade tradicional, fundando o que Habermas qualificou como “moralidade pós-convencional”. Recuperando os estádios morais de Lawrence Kohlberg, Habermas afirma que a moralidade pós-convencional se funda na

“completa reversibilidade dos pontos de vista a partir dos quais os participantes apresentam seus argumentos: a universalidade, no sentido de uma inclusão de todos os concernidos [e na] reciprocidade do reconhecimento igual das pretensões de cada participante por todos os demais” (Habermas, 2003, p. 149).

Em outras palavras, trata-se de uma ética do agir comunicativo que pressupõe a ética do discurso pautada no pluralismo das formas de vida. Nesse sentido, a forma de vida oracular seria pautada não na condenação do outro a partir de juízos morais. Argumentamos, a seguir, que isso não seria possível, todavia, sem o descentramento da categoria da neurose para a autonomia no contemporâneo, fenômeno que julgo central para a compreensão do repertório terapêutico dos oraculistas.

1.3 Da neurose à autonomia

Na dimensão da relação entre o Eu e o Outro, partimos da constatação de que a descoberta freudiana do mecanismo da neurose não se coaduna com o repertório terapêutico dos oraculistas. O oráculo, muitas vezes, torna-se prática terapêutica, o que requer dos profissionais a abordagem e mesmo formação terapêutica¹⁹. O que interessa observar, nesse caso, é a construção da relação com o Outro mobilizada pelos oraculistas. Propomos uma perspectiva que transcenda a moralidade tradicional, própria de indivíduos desencaixados de identidades cosmopolitas. Propomos um quadro de análise segundo o qual o cosmopolitismo e a moralidade dos oraculistas centra-se não na noção de culpa neurótica, e sim no Ehrenberg propõe como o modelo da autonomia. Para isso, voltaremos a seus pressupostos.

A intuição fundamental de Freud foi destacar a semelhança entre o sujeito neurótico moderno e os “selvagens”, a partir de suas observações clínicas. A expressão do horror ao incesto constitui o fundamento da neurose, que se constrói a partir da instituição do totem. Totem significa qualquer objeto sacralizado que se encontra no lugar de outro²⁰, em substituição a outro: os animais totêmicos representam a figura do pai ausente regente do clã, que foi morto por seus filhos. A instituição totêmica é a base da cultura, que, por sua vez, representa a falta do pai²¹.

Segundo Freud, nenhum filho pôde realizar seu desejo primitivo de ocupar o lugar do pai. Essa consciência de culpabilidade engendrou os tabus fundamentais do totemismo, que coincidem com os desejos reprimidos do complexo de Édipo. Assim, necessidade da reprodução sexual e social da espécie somente é possível pela interdição do incesto, ou seja, pela proibição da endogamia de uma mesma tribo, que se materializa pelo tabu: a regra social fundamental que extrai sua autoridade de si própria (Freud, 1972, p. 1758). O “temor objetivado” do tabu produz o *délire du tocher*, que representa o medo ou a angústia

¹⁹ Veremos, no capítulo II, os condicionantes de tais transformações.

²⁰ O mecanismo de substituição, de retirar o sentido oculto em lugar de algo representa o que Latour chama de fetiche e que Durand chama de ‘imaginação simbólica’. O oráculo opera exatamente pela construção de representações simbólicas, ou mesmo pela percepção (sensorial ou extrassensorial) pela substituição, de símbolos que se colocam *em lugar de* outros: A Foice representa a areia da praia; o rim representa o medo, etc., que se inserem na perspectiva do movimento, dos fluxos e intensidades.

²¹ “A psicanálise nos revelou que o animal totêmico é, na verdade, uma substituição do pai, fato com o qual se harmoniza a contradição de que, estando proibida sua morte, celebre-se como uma festa seu sacrifício e que, depois de matá-lo, lamente-se e se chore sua morte. A atitude afetiva ambivalente, que até hoje em dia caracteriza o complexo paterno em nossas crianças e perdura muitas vezes até a vida adulta se estenderia, pois, também ao animal totêmico considerado como substituto do pai” (Freud, 1972, p. 1837-1838).

primordial que fundamentam a neurose obsessiva²². Trata-se de um medo, mas também de uma obsessão latente por transgredir o tabu (*ibid.*, p. 1766), que se expressa tanto pela libido, que procura sem cessar o prazer da transgressão do tabu, quanto pela culpa da reprovação obsessiva (*reproche*), que inibe o sujeito a partir do supereu (*ibid.*, p. 1785).

Percebe-se, portanto, que, em Freud, a base histórica das chamadas sociedades primitivas até a modernidade se fundamenta por uma linha comum de desenvolvimento do recalque secundário²³, ou seja, pela instituição social de um padrão de totemização que se expressa, na modernidade, pela construção do inconsciente, cuja libido é acionada dependendo das condições psicológicas do sujeito, como também das condições culturais de sua permissão ou proibição.

Pode-se dizer que Norbert Elias, na tentativa de identificar elementos sociogenéticos para além de Freud, parte da mesma antropologia filosófica freudiana, como também de sua concepção de história. O que Elias permite pensar, para além de Freud, é a constituição de um processo civilizador que não está tão longe como em Freud nas sociedades primitivas, mas que já se expressa na sociedade de corte e que, mesmo dentro desse espectro menos amplo, possui singularidades e etapas bem demarcadas. Assim, a interdição do incesto pode se tornar, em uma leitura eliasiana, um processo que passa pela interiorização das regras sociais muito mais recente do que na pré-história. A diferença entre a instância do supereu e a repressão como marcos individual, no primeiro caso, e social no segundo não parece suficientemente aclarada em Norbert Elias.

Ainda que Freud parta de uma concepção de história evolucionista do totem, que passa da concepção animista, da fase da “onipotência das ideias” para a fase científica da “onipotência do homem” (Freud, 1972, p. 1803), a consciência aparece como “percepção interna da repulsa de determinados desejos” (*ibid.*, p. 1791). A consciência surge como instância necessariamente angustiante, pela consciência da falta de um objeto de desejo. Elias parte da mesma constatação sem, todavia, delimitar em que instância se constrói uma consciência social, ou seja, quais os padrões-tabu sociogeneticamente configurados e em que medida a agência individual é acionada, em termos da construção da reflexividade. Em outras palavras, a reflexividade em Elias aparece apenas como instância socialmente construída, a

²² A repulsa ou angústia do toque se expressa desde a sacralização do totem até a interdição de tocar os próprios órgãos genitais, muito comum na análise eliasiana, quando se depara, por exemplo, com a sociogênese do uso de trajes de banho para as mulheres. Trata-se de uma “relaxação” do padrão de interdependência, segundo a qual a mulher não mais se sente violada por potenciais violações, no contexto do século XIX (Elias, 2011, p. 179).

²³ Diferentemente de Elias, Freud separa a instância de socialização primária (ainda que não use tal expressão) do recalque primário, que ocorre quando o bebê sofre o corte de não mais se identificar como parte do corpo da mãe, no sentido de reconhecer-se no estágio do espelho como sujeito (Freud, 1996), da instância do recalque secundário, quando a interdição do tabu se coloca como condição *sine qua non* da sociabilidade.

partir das figurações sociais e de seu monitoramento reflexivo²⁴. Ao indivíduo, só resta o consciente como interdição do inconsciente.

A fundamentação em Elias é sua concepção de história da civilização como a progressão de fases da vida humana: de uma criança medieva a um adulto ocidental-moderno civilizado. Nesse sentido, Elias acompanha Freud no sentido da identificação do selvagem com a criança, ao mesmo tempo em que confunde pulsões infantis do inconsciente como pulsões necessariamente agressivas, em termos do controle da violência que perpassa todo o argumento de Elias.

Voltando a Latour, poderíamos contrapor a visão de modernidade como civilização em Freud e Elias à construção dos fe(i)tiches, que parece muito mais apropriada, dada a convivência de elementos iluministas-civilizadores com aspectos místicos e neorromânticos (Taylor, 1997; Duarte, 2012). A questão mais importante, talvez, seja a contraposição entre a culpa neurótica freudiana (tipicamente fundante do padrão civilizador) e a autonomia pressuposta pela modernização reflexiva.

Isso se verifica na maioria dos casos quando pergunto aos oraculistas sobre qual tema mais aparece em suas consultas. A resposta quase unânime é o amor.

Augusto: Por que você acha que as pessoas mais te procuram? Em qual setor da vida delas?

Sandra: Ah, amor! (assertiva) Qualquer cartomante, qualquer oraculista que você for perguntar, são os relacionamentos afetivos. 95%. ‘Ah, ele gosta de mim, ele não gosta de mim? Por que terminou? No que ele tá pensando? Qual a intenção dele? Ele tem outra? Ele vai terminar com a mulher para ficar comigo?’ Até por conta da era tecnológica, as pessoas desaprenderam a se relacionar. As pessoas não se ouvem mais, as pessoas não se entregam a um sentimento, não se entregam a uma relação, e quando fazem isso, fazem de uma maneira muito exagerada.

Augusto: Você sente que as pessoas têm uma certa ansiedade pro amor? As pessoas chegam querendo falar de amor?

Sandra: Ansiedade não, desespero, né? (risos) Tem que brotar um homem aqui ou uma mulher aqui na mesa, tem que surgir ali e materializar na mesa (risos). As pessoas estão muito carentes, eu escuto isso. E não é só mulher não, tem muito homem que não encontra uma mulher bacana também... Mas o que eu vejo? As pessoas estão muito travadas afetivamente. Têm medo de amar, estão resistentes. Por mais que ela queira aquilo, ela tá resistente, ela se protege demais...

Augusto: Mas que medo é esse?

Sandra: É medo da entrega se machucar *outra vez*.

²⁴ A metáfora da dança sugere que a sociabilidade passa por uma construção tanto de passos marcados, de um roteiro pré-definido e da agência somente entendida como inscrição às interdições impostas pela coletividade, a uma configuração, também inscrita na perspectiva freudiana. “As mesmas configurações podem certamente ser dançadas por diferentes pessoas, mas, sem uma pluralidade de indivíduos reciprocamente orientados e dependentes, não há dança” (Elias, 2011, p. 240).

Augusto: Você sente que é uma coisa recorrente?

Sandra: Recorrentes nas consultas como um todo. Também tem muita idealização: quero um homem assim, quero uma mulher assado, e aí você não encontra. Muitas das vezes a pessoa não se apaixona pelo outro; se apaixona pela ideia que ela faz do outro. Muitas das vezes um cartomante tem que frustrar um consulente. Isso é complicado às vezes.

Augusto: Você acha que a terapia te ajuda a frustrar, dar um corte?

Sandra: Muito! Todos os meus recursos terapêuticos é em função do que eu uso no atendimento com as cartas. Muitas das vezes a pessoa nem olha pras cartas, ela só quer desabafar, ela só quer contar um segredo, e aí rola mais terapia do que oráculo em si. É muito comum isso acontecer.

Esse incômodo implícito que Sandra expressa com a forma como seus clientes a procuram é extremamente significativo. A ansiedade em torno da qual ela reclama de seus consulentes aponta para uma mudança estrutural dos relacionamentos, entendida por Giddens. Se, na modernidade, os relacionamentos se pautam por valores como estabilidade e matrimônio e são ancoradas no mito do amor romântico, formando a *codependencia*, na modernidade reflexiva a busca por um “relacionamento puro” dá lugar a colocar à frente da relação os projetos individualizados (Giddens, 1993; Beck e Beck-Gernsheim, 2017)²⁵. Assim, o ‘relacionamento puro’ aparece como ideal normativo de Sandra para seus consulentes.

Muitos oraculistas relatam que seus consulentes os procuram por “carência, desespero, depressão, pessoas com baixa autoestima que se relacionam com pessoas complicadas, questões emocionais, instabilidade e desestrutura familiar”: essas foram as principais questões que os oraculistas relataram. “Muita desestrutura familiar. 90% deles são muito desestruturados e carentes. São problemas sérios da alma e da mente”, diz Silvana. Segundo ela, “a pessoa tem que controlar o problema, e não o problema controlar a pessoa”. Eles afirmam, ainda, que, em muitos casos, sequer abrem o oráculo: as consultas tornam-se meramente conversas ou momentos de desabafo terapêutico.

Marilda conta que, certa vez, uma senhora de 80 anos a procurou para saber se seu relacionamento “daria certo” com um rapaz cerca de 40 anos mais novo. Segundo ela, pelo mapa astral, já sabia que não “daria certo”. Como não quis dizer a ela diretamente, Marilda

²⁵ Beck e Beck-Gernsheim apontam na mesma direção: “A contradição entre as exigências do mercado de trabalho e as exigências dos relacionamentos” movem uma “auto-obrigação de padronizar a existência” (Beck e Beck-Gernsheim, 2017, p. 19). Seu argumento centra-se em diversas manifestações próprias do contemporâneo, movidas pela individualização: (i) o aumento da expectativa de vida; (ii) o protagonismo feminino e sua correlata recusa pela tradicional divisão sexual de trabalho; (iii) o aumento da taxa de divórcio em comparação com a taxa de matrimônios (na Alemanha, onde realizaram a pesquisa); (iv) a equiparação de condições educacionais e de mobilidade social e (v) a colocação do filho no lugar do parceiro (*ibid.*, p. 44-45).

resolveu que o Tarô responderia a sua consulente, que nada conhecia acerca de seu repertório simbólico. Ela, então, tirou três cartas, ao que ela disse: “não vou falar nada, diga você mesma”. Então, como Marilda esperava, a consulente disse: “não vai dar certo. Ele só está querendo o meu dinheiro”.

Sarah reitera a ansiedade dos consulentes pelo amor perfeito.

“A grande maioria procura oráculo, magia e terapia por amor. As pessoas não sabem amar, e não estão preparadas pra amar. Como os ciganos são vistos como um povo ardente, lindo e maravilhoso, então as pessoas que aparecem na minha mão aparecem muito por isso. Mas, as pessoas não sabem o que é amar, porque não sabem se amar. Eles acham que é prisão. Amor é livre, amor liberta, amor cura!” (Sarah).

A chave para o problema dos relacionamentos no oráculo, segundo Simone, quiromante, é muito menos sobre com quem iremos casar e sim como está nossa autoestima e nosso autoconhecimento.

“A linha do coração é sempre a última linha que eu leio. Eu não dou essa importância. Porque as pessoas acham que a linha do coração é ‘ai, se eu vou arrumar um marido, se eu vou arrumar um bofe, se é louro, se é moreno, se é negro, se é verde, se é amarelo...’ Não! É a sua linha, é o seu chakra cardíaco. É o seu coração. Não tem nada a ver com os relacionamentos. Eu posso ver quantas vezes você vai casar, quantos filhos você vai ter, mas a sua linha é você! Como você se sente, como você sofre, como você se alegra, como você se apaixona... se naquele período é positivo ou negativo, se vai ter um grande rumo ou só beijinho na boca... Entendeu?” (Simone).

O que importa, nesses casos, é a constatação de que a relação amorosa com o outro perpassa muito mais um pressuposto de individualização, reflexividade e autonomia do que a culpa, que se sustenta pelo repertório da moralidade tradicional.

Nesse sentido, Ehrenberg aponta para a transferência de uma patologia do conflito psíquico para uma patologia da insuficiência, que coloca em jogo a transferência do mal-estar no contemporâneo no sentido da ansiedade e da depressão, muito mais do que pela neurose e pela culpa: da disciplina à autonomia (Ehrenberg, 2004, p. 147). As reflexões de Ehrenberg surgem no contexto da passagem da disciplina para a ascensão do governo da medicina de bem-estar.

Os oraculistas relatam que seus consulentes sofrem de ansiedade e depressão, como sintomas mais clássicos, o que coloca em xeque seu repertório de cultura psicológica, que não passa pelo repertório freudiano, mas ao mesmo tempo aponta para essa transformação do mal-estar e do sofrimento psíquico no contemporâneo. Ehrenberg identifica o duplo movimento de

liberação psíquica e insegurança identitária (2010, p. 192), que se aproxima da dinâmica de encaixes e desencaixes da segunda modernidade e do ‘desmapeamento’ e da perda dos referenciais tradicionais de classe, status, religião, moralidade etc. Trata-se de lidar com dilemas existenciais próprios da solidão da individualização (Beck e Beck-Gernsheim, *op. cit.*, p. 65).

Eva Illouz aponta, também, para a tensão entre o pessimismo freudiano e o otimismo *New Age*, que inclui o movimento *mind-cure*, que explica outra vertente do repertório dos oraculistas. Segundo ela, todas as reinterpretações de Freud no sentido de lê-lo a partir do referencial otimista *New Age* passam por deslocar o ego do controle das pulsões do inconsciente para um *self* criativo e resiliente, que é capaz de crescer e evoluir, e portanto, de perfectibilidade (*ibid.*, p. 159), como também destaca D’Andrea em relação ao ‘*self* perfeito’ da Nova Era (*op. cit.*). O que defendemos, porém, é que o regime da moralidade do *self* na segunda modernidade passa pela ‘autonomização do sujeito’, ou melhor, por uma nova forma de assujeitamento no contemporâneo.

O que se percebe, todavia, é que a angústia dá lugar ao preenchimento existencial dos valores como “missão de vida”, ou mesmo “missão de alma”, que recolocam o pressuposto da individualização. Como veremos nos próximos capítulos, o universo do trabalho e o da espiritualidade se imiscuem entre os oraculistas, a partir do duplo movimento de espiritualização do trabalho e da missão espiritual como força de trabalho. Além disso, a configuração da ‘pessoa holística’ dos oraculistas complexifica a tese da individualização de Beck e Giddens, uma vez que este se restringe a apenas um dos modelos possíveis de pessoa agenciados pelos oraculistas.

1.4 Mãe Rosana de Oyá e a consciência mundicêntrica

Em novembro de 2017, Tânia me convidou para um evento de cartomantes na Igreja Reformada Ecumênica, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Trata-se de uma igreja de cunho radicalmente antidogmático, cuja busca pela fé se baseia em valores como o amor, a justiça e ao chamado de Cristo aos homens na Terra. Algumas características da igreja são um tanto inesperadas: um de seus pastores é Babalorixá e muitos fiéis são LGBT. Um deles me disse que isso se deve à simples tolerância, e não a algum tipo de política inclusiva. Foi muito crítico, ainda, à posição moralizante e intolerante da Igreja católica. Durante o culto, cuja

homilia teve por tema a Solidariedade, percebo como os fiéis enfatizam a dimensão da caridade muito próxima de valores socialistas, de transformação social radical.

Nesse rol de valores, foi pensado o evento Cartas na Igreja, em apoio à reconstrução do terreiro de Mãe Rosana de Oyá, destruído pela intolerância religiosa. Tânia, Alexander e Edjane estavam dispostos em mesas, antes do culto, para dar consultas, cujo dinheiro arrecadado (50 reais por consulta) seria todo revertido para a reconstrução do terreiro.

Figura 06 – Cartaz de divulgação do evento Cartas na Igreja

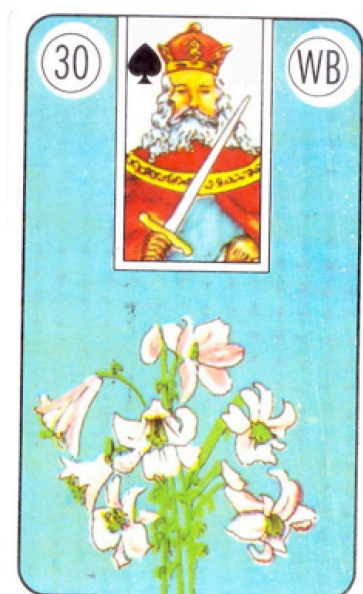


Ao final da homilia, que funciona de forma bem horizontal, com muitos debates e discussões, Mãe Rosana apareceu no *skype* projetado na igreja. Suas palavras versavam sobre o amor, o Deus que transcende religiões e que se projeta no bem por meio de linguagens diferentes, seja a dos Orixás no Candomblé, seja a de Cristo na Igreja. Suas palavras ecumênicas emocionaram a todos.

Ao final, Mãe Rosana cantou para Oyá, mais conhecida como Iansã, sua mãe de cabeça. A eucaristia foi realizada logo em seguida e, segundo o Pastor, a hóstia era “abençoada por Cristo e Iansã”. O ecumenismo e a tolerância pregadas tanto pelos cartomantes e pelos pastores, quanto por Mãe Rosana são muito significativos do *ethos* da Nova Era, que se preocupa muito mais por responder à violência com amor. Segundo Mãe Rosana, se respondermos ao ódio com ódio, abaixamos nosso padrão vibratório e nos

tornamos iguais àqueles que o praticaram. Ao contrário, se o combatemos com amor, elevamos nosso padrão vibratório e podemos aprender com nossos inimigos e com as dificuldades da vida.

Figura 07 – Os Lírios



Legenda: A carta 30 do Baralho Cigano, Os Lírios, representa gentileza, generosidade e carinho.
Fonte: Acervo pessoal.

A sensibilidade de Mãe Rosana e dos cartomantes representa muito bem o quadro de cosmopolitização do fenômeno religioso, que se observa na forma como os oraculistas apresentam sua ‘consciência mundicêntrica’. Segundo Beck, as religiões tradicionais operam a partir da lógica ‘ou-isto-ou-aquilo’, segundo a qual a demarcação entre fiéis e infiéis operam por meio de fronteiras, que reservam ao outro que não comunga de sua verdade religiosa a intolerância estrutural (Beck, 2016, p. 76).

O cosmopolitismo da solidariedade e da tolerância parte do pressuposto da paz – em oposição à verdade – e se conjuga à individualização religiosa na construção do “Deus de cada um dentro do sistema de referência de uma imagem individualizada do mundo e do ser humano” (*ibid.*, p. 115), que se conjuga à tolerância ativa e mesmo militante dos oraculistas, que opera pela lógica ‘tanto-isto-como-aquilo’ cosmopolita (e mundicêntrica, como acrescentaria Wilber).

Tânia costuma dizer que devemos distribuir Lírios em nossa caminhada, já que atraímos aquilo que projetamos no universo. De fato, sua gentileza e solidariedade não

somente comigo enquanto pesquisador, mas com muitos cartomantes iniciantes constrói uma atmosfera de cooperação, em vez de competição, entre os cartomantes de Baralho Cigano²⁶.

A discussão em análise perpassa a individualização religiosa, que promove a interiorização do sentido das práticas e crenças espirituais – reflexividade que perpassa o corpo, a percepção extrassensorial e mesmo as instituições religiosas – promove a equiparada resposta de agentes e grupos apegados aos modos de vida tradicional, que se expressam pelo fundamentalismo reacionário, que Mannheim chama de ‘conservadorismo utópico’²⁷.

Na VI Mesa Redonda sobre as Cartas Ciganas, evento nacional organizado por ela anualmente, o clima de ecumenismo e mesmo de amizade entre muitos dos cartomantes presentes é flagrante, o que não significa que não haja debates e embates. Ao final do encontro, uma grande mesa foi formada, em que estavam Tânia, Alex, uma Mãe de Santo e algumas outras pessoas mais antigas. Duas das palestrantes chegaram a comentar que somos “ciganos de alma”: mesmo que não sejamos de etnia cigana, nossa proximidade com o Baralho Cigano é forte indicativo de que fomos ciganos em vidas passadas, ou mesmo que somos protegidos pela egrégora de espíritos Ciganos. Alex trouxe à mesa alguns temas polêmicos, como a questão da ‘apropriação cultural’ em relação à cultura cigana, que nada tem a ver com o repertório do Baralho Cigano²⁸.

Alex foi quem primeiro desmistificou a história do Baralho Cigano no Brasil. Segundo ele, Alexsander e Marcelo Bueno foram os primeiros, nos anos 1990, a utilizar as comunidades do Orkut para trazer a bibliografia histórica estrangeira para o Brasil. Alex conheceu a obra de Giordano Berti (historiador do Tarô) quando foi morar na Europa em 1999.

“Eu fui pioneiro nisso. Se hoje se fala em Escola Brasileira e Escola Européia, isso se deve a mim e ao Marcelo Bueno nas comunidades de Orkut do Baralho Cigano. Essa coisa de resgatar

²⁶ Tânia é referência importante de Baralho Cigano no Rio de Janeiro. Seus cursos, livros, palestras e mesmo seu canal do Youtube são muito conhecidos.

²⁷ O conservadorismo utópico não somente pretende negar a ordem social existente, mas propor uma reação instituinte do atraso. Em outras palavras, trata-se de uma mentalidade que age sempre referenciada pela ampliação do espectro humanista (Mannheim, 2004, p. 237).

²⁸ O Baralho Cigano, também conhecido como *Petit Lenormand*, tem uma história envolta por muitos mistérios. No Brasil, apesar de muitos associarem suas origens aos ciganos, e na Europa, à afamada cartomante de Paris, Mlle. Marie-Anne Lenormand, o primeiro *Petit Lenormand* de que se tem conhecimento é datado do século XIX na Alemanha. Trata-se de um baralho de 36 cartas que retrata desde situações cotidianas até elementos da natureza, utilizado como jogo lúdico (*Spiel der Hoffnung*, ou o Jogo da Fortuna), criado por Johann Kaspar Hechtel (Mazza, 2015, p. 17). Por seu uso corrente no Brasil, a hibridização cultural (Canclini, 2000) foi inevitável: Katja Bastos, conhecida sacerdotisa da Encantaria Cigana, o associou às forças dos Orixás, que, na tradição afrobrasileira, correspondem às forças da natureza. Por exemplo, a carta 03, O Navio, corresponderia a Yemanjá; a carta 05, A Árvore, a Oxóssi; a carta 22, Os Caminhos, a Ogum, etc. dependendo da regência do orixá associada a uma interpretação mais específica das cartas. Esse fenômeno é conhecido como “Escola Brasileira do Baralho Cigano”, que Tânia retrata em um de seus livros (Durão, 2017, p. 37).

a história do Baralho, que não é cigano e surgiu de um baralho de jogo, foi ‘culpa’ minha também. Tinha gente que falava pra mim [tom acusatório]: ‘porque você refuta os saberes!’ Eu respondia: ‘espiritualidade é uma questão de fé; história é uma questão de fato’. Todo oráculo tem que ter uma grande narrativa mítica, que ele era um segredo de uma grande civilização, ou dos egípcios ou dos ciganos. Depois, você vê que era um jogo de cartas vendido na esquina (risos)” (Alexsander).

A relação entre o baralho e os ciganos, como se observa, envolve embates no campo. Adriana é cigana e se irrita com relação a algumas práticas.

“Eu não concordo com alguns termos. Alguns se apropriam do nome cigano nas feiras esotéricas, se apropriam dizendo que a gente é um povo alegre e colorido. Ali não colocam que a gente tem costumes domésticos, que a gente é um clã. É importante para que as pessoas nos conheçam. Não é eu receber uma Cigana que me faz cigana. Não é eu botar uma rosa vermelha na cabeça e dançar dança cigana que me faz cigana. Tem toda uma trajetória. A grande parte que faz parte dessa cultura não participa disso porque envolve essa questão de comércio. Porque, pra gente, trabalhar com o que a gente sabe, com os dons divinatórios é algo natural” (Adriana).

Outros cartomantes também discordam desse tipo de artifício. Felipe chegou a comentar, em outra ocasião, que o traje de ciganos em feiras esotéricas já se tornou *mainstream*:

“Eu fico muito revoltado porque virou uma coisa meio circo. Lá em São Paulo, tinha um cara vestido de Avatar, outro vestido de egípcio; Cigana virou super *démodé*. Cigana tá muito século passado! (risos). Tinha o Profeta Gentileza... O mais tradicional que tinha ali era o pessoal de búzios vestidos com paramentos africanos. O chapeuzinho, as guias no pescoço, aquele vestido. O resto, pra mim, era tudo palhaçada! Quanto mais místico e fantasioso, mais as pessoas entram nessa vibe...” (Felipe).

Ele desconfia desse tipo de performance, não no sentido de que essas pessoas sejam charlatães – outros cartomantes efetivamente o afirmam –, mas sim de que, em termos de legitimidade profissional, não é necessário recorrer a essa construção de pretensos rituais e objetos ciganos, que misturam entidades da Umbanda com rituais de disposição da mesa de cartas, e sim, muito mais como ‘culturas híbridas’, tal como entende Canclini (2000).

Tal questão é espinhosa no campo: ninguém pareceu responder à provocação de Alex, ao mesmo tempo em que o evento era composto majoritariamente por mulheres que se

dispunham de saias rodadas. Na *Mystic Fair*, considerada a maior feira esotérica do mundo²⁹, em sua edição carioca, pude constatar a mesma percepção de Felipe, segundo a qual muitos oraculistas se trajam como ciganos. Outros estavam com roupas de terreiro (trajes brancos, guias e panos de cabeça); alguns, com chapéus de bruxa e muito poucos trajavam vestes ordinárias.

Uma das questões que acompanhou a Mesa Redonda até o bar foi o significado que os cartomantes atribuem à política. Questionei-os sobre o carma, pois sempre se referem a carmas em termos de sua dimensão individual. Como afirmou Angélica, em outra ocasião, “a minha salvação [expição do carma] é individual”.

Questionei-os sobre a existência de karmas coletivos, ou seja, se estamos atrelados karmicamente aos demais brasileiros, por exemplo, pelo motivo de termos nascido em um mesmo território, se isso implicaria uma espécie de ‘missão coletiva’. Todos me disseram que isso é bobagem.

Na verdade, o carma é totalmente individual, ligado ao sujeito e, no máximo, a sua socialização primária: familiares e amigos. A questão é que a aparente fala individualista do modelo: “se eu resolvo meu carma, resolvo o da minha família e dos meus amigos, e assim por diante”, como um modelo reticular, aparentemente individualista no campo político, aponta no sentido da do ecumenismo com que tratam a pluralidade de formas de vida: ‘eu aceito o outro, pois ele tem o carma diferente do meu’³⁰.

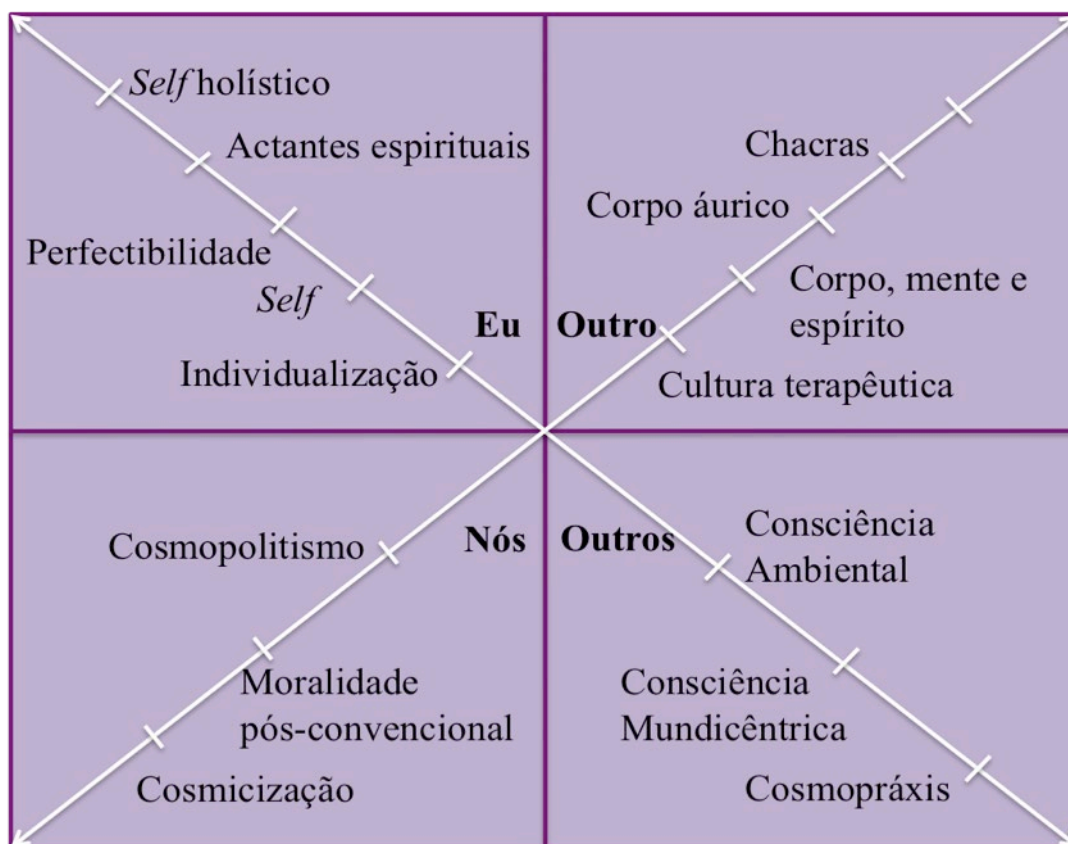
1.5 Conclusão

Dessa maneira, percebe-se que os oraculistas conjugam reflexividade corporal, individualismo político, cosmopolitismo religioso e pluralismo de formas de vida. Por fim, voltando à visão integral, a partir do quadro abaixo, afirmamos um modelo integral para uma ontografia do oráculo.

²⁹ Retirado de *mysticfair.com.br*.

³⁰ Outra faceta importante da dimensão política são as mentalizações e canalizações energéticas em torno dos impasses políticos. Recebi, durante o campo, por *whatsapp*, várias mensagens sobre mentalizações, por exemplo, de raios roxos (simbolizando a cura) sobre o Congresso Nacional.

Tabela 03 – O oráculo segundo a visão integral



2. O ORÁCULO E A ÉTICA PROFISSIONAL: TRABALHO E PROFISSÃO NO CIRCUITO HOLÍSTICO-ORACULAR

2.1 Introdução

A ontografia do oráculo, no contexto contemporâneo das camadas médias urbanas, requer uma percepção ampliada do que propõe Holbraad como a percepção do movimento. As histórias de vida e trajetória socioprofissionais de videntes e oraculistas revelam que o movimento do oráculo se estabelece a partir de pressupostos ontográficos do que procurarei chamar de “terapêutica do oráculo”, ou seja, a capacidade transformativa do oráculo de indicar padrões de comportamento que incidem diretamente sobre o que poderiam indicar inscrições temporais de futuro e autoconhecimento.

Já nas primeiras aproximações com o campo, pude perceber que muitos desses oraculistas se identificam como “terapeutas holísticos” e compartilham dos valores e práticas da chamada cultura psicológica, ou cultura terapêutica, tal como discutidos por diversos autores, dentre eles Figueira (1985) e Illouz (2008).

Pode-se observar, a partir dos dados de campo, que as tentativas de circunscrever o objeto tal como propuseram Campbell (2002) com o chamado *cultic milieu* ou Tavares (1999) com o “mundo do Tarô”, entendidos como campos circunscritos e restritos, não dão conta da complexidade das múltiplas conexões entre cursos, palestras, bens e serviços que formam o “mercado espiritual” (*spiritual marketplace*), segundo Roof (1999).

Empiricamente, é impossível tratar de campos bem desenhados, com fronteiras rígidas, tal como propuseram os pioneiros da sociologia do ocultismo e do esoterismo, como Tiryakian (1972). Ao contrário, propomos um modelo mais coadunado com o de Bernard Lahire (2002) do ator plural que, por meio dos bens e serviços do mercado espiritual, constroem seu próprio *self* (Campbell, 2001). Trata-se de um modelo de análise em que o esotérico torna-se exotérico, formando o que procurarei chamar de “circuito holístico-oracular”³¹.

O circuito se constrói, principalmente, a partir de temáticas comuns, como, por exemplo, os profissionais de Tarô, os de Baralho Cigano, os astrólogos, etc., que freqüentam e promovem cursos e palestras, respectivamente, para cada um deles. No entanto, partindo de

³¹ Utilizo a expressão baseado em Magnani (1999): “circuito neo-esotérico”.

observações mais acuradas, os oraculistas circulam por esse circuito e muitos deles se enquadram como “atores plurais”. Uma rápida observação de seus perfis indica que os oraculistas raramente possuem apenas uma modalidade de ofício oracular; todavia, o que também é muito comum, estabelecem os chamados “carros-chefe”, que são suas linhas de trabalho mais conhecidas. Acrescente-se a isso o fato de muitos deles possuírem formação em terapias holísticas diversas. No quadro abaixo, elenco aquelas que identifiquei como mais comuns, no sentido de um mapeamento mais básico.

Tabela 04 – O complexo das terapias holísticas

Terapias

- | | |
|-------------------------|-------------------------------|
| • Meditação | • Terapia Floral |
| • Mantras | • Musicoterapia |
| • Visualização Criativa | • Feng Shui |
| • Cromoterapia | • Radiestesia |
| • Aromaterapia | • Constelação familiar |
| • Cristaloterapia | • Regressão de Vidas Passadas |

Legenda: Quadro baseado nas observações da pesquisa.

Partindo desses pressupostos, procuramos entender a construção do trabalho, da profissão e da distinção de classe dos oraculistas. O estatuto do trabalho dos oraculistas adquire configuração ambígua, entendidos como trabalhadores autônomos no contexto de flexibilização do trabalho, ainda que compartilhem do ideário e do universo das camadas médias urbanas. Nesse sentido, é fundamental entender os nexos com a problemática do dinheiro na espiritualidade, que aparece como forma de justificação e moralidade do trabalho, de onde se desdobram as questões do charlatanismo e as trajetórias de mobilidade ascensional, que acompanha a tendência apontada por Russo (1993) acerca da geração de 1980 das terapias corporais.

Nesse sentido, uma breve digressão acerca dos antecedentes sócio-históricos do complexo alternativo da cultura terapêutica no Rio de Janeiro e suas rupturas com a hegemonia das terapias corporais será a primeira parte dessa empreitada. Assim, procuro

estabelecer as bases de construção do campo profissional de oraculistas e videntes na cidade, procurando desvendar suas trajetórias socioprofissionais, seu ideário e estilos de vida.

Procuramos, ainda, desvendar os processos de quantificação dos serviços espirituais, que evocam momentos de justificação no campo e estabelecer os nexos de justificação e crítica do que muitos oraculistas consideram como ‘charlatães’, no sentido de identificar os regimes de justificação dos oraculistas, que revelam sua ética profissional e seus valores morais, em termos de como lidam com o dinheiro no mundo espiritual. Em termos de análise de classe, procuro desvendar, ainda, os marcadores da distinção que fazem parte da construção de nichos de mercado espiritual específicos e que se expressam na distinção entre “oráculos do ser” e “do estar”.

2.2 O oráculo como trabalho no contexto das camadas médias urbanas

Uma primeira aproximação com a trajetória socioprofissional dos oraculistas e videntes nos faz indagar acerca do estatuto do trabalho de sua prática profissional. Não se pode categorizá-los como informais, já que, obviamente, não se encontram em situação de risco social, marginalidade ou qualquer situação de pobreza e precariedade (Machado da Silva, 2012)³². Porém, por mais que seja notável que comunguem do universo das camadas médias urbanas, sua situação de desproteção social, própria dos trabalhadores autônomos, não os coloca na condição de trabalhadores com “emprego”, o que pressupõe contrato formal de trabalho e proteção social (*ibid.*, p. 92).

A particularidade dos oraculistas consiste, exatamente, por se enquadrarem no universo das camadas médias urbanas, que, segundo Velho (1999, p. 108), são capazes de construir um “projeto de vida” dado o universo de possibilidades aberto pelo processo de individualização.

A trajetória dos oraculistas apresenta dois dados importantes: (i) a maioria deles vivenciou processos de mobilidade social ascendente, que se expressa tanto por melhor

³² A perda de centralidade do conceito de informalidade no contexto da reestruturação produtiva após o ocaso do *Welfare State* não faz o mesmo sentido do sentido clássico da informalidade, como coloca Machado. Segundo ele, a onda das populações marginais se ressignifica no decorrer do século XX, antes associada a contingentes “marginais” da força de trabalho, composta majoritariamente por trabalhadores imigrantes em grandes centros urbanos. Hoje, seguindo a classificação de Castel (2010), trata-se dos “inúteis para o mundo”, ou “supranumerários”.

escolarização do que os pais, além de viverem em zonas da cidade mais abastadas³³; (ii) muitos deles passam por processos de mudança radical de carreira, ou mesmo conciliam trabalhos burocráticos com a carreira de oraculista. Como afirma Tânia, “trabalhava com a sombra e com a luz”, em relação, respectivamente, ao trabalho de secretária e massoterapeuta. Grande parte dos entrevistados passou por “trabalhos-sombra”, identificados como extremamente burocráticos, racionalizantes e maçantes, tais como secretariado, bancários, técnicos judiciários, dentre outros serviços qualificados ou semiquualificados. Na maioria dos casos, optou-se por seguir os oráculos como “projeto”, ou, nas palavras de Tânia, “missão” de vida.

O quadro de análise, portanto, requer melhor exame e, ao mesmo tempo, recolocar alguns pressupostos da sociologia do trabalho em questão, com a especificidade do universo da Nova Era. Para isso, propomos um breve exame da literatura acerca do trabalho informal no contexto da flexibilização do trabalho pós-fordista (Gounet, 2005). Assim, identificamos nos trabalhos de autores que se debruçaram sobre o universo das diversas frações da classe trabalhadora para pensar limites e possibilidades de articulação com o universo das camadas médias.

Machado da Silva (1971), já nos anos 1970, pensava a complexidade da convivência entre “mercados formais” e “mercados não-formalizados”, que não necessariamente correspondem ao universo das empresas capitalistas *versus* serviços ou trabalho autônomo (*op. cit.*, p. 27). Ao contrário, a importância das rotulações como “biscateiros” ou “trabalhador autônomo” implicam não somente uma pressuposição de compartilhamento de um universo de classe e um estilo de vida distinto, além das condições objetivas de existência, como coloca Bourdieu (2015), como também uma formalização e categorização em termos dos riscos sociais e proteção social.

Todavia, a questão que se coloca, para o universo dos oraculistas, é muito mais a experiência de classe como estilização de uma forma de vida (Bourdieu, *op. cit.*), ou de expressividade das emoções, como salienta Velho (*op. cit.*), do que o estatuto do trabalho, uma vez que o que se coloca para esses atores, muito mais do que a acumulação financeira a partir dos serviços prestados, pesa o capital cultural adquirido ou acumulado, ou mesmo o “capital espiritual” (Verter, 2005).

³³ No quadro em Anexo A, relaciono os oraculistas à profissão e religião dos pais, assim como local de residência dos pais e seus locais atuais de residência.

A fala dos oraculistas é reveladora em termos do universo de gênero. Há uma percepção compartilhada de que a temática do amor aparece como campeã das consultas. Um deles afirma:

“As mulheres querem saber dos homens, do ex-marido, do marido, é sempre o lado afetivo, é sempre amor. Homem, quando vem jogar, é sobre trabalho, dinheiro, vai ter um lado amor também, mas normalmente, se é mulher: ‘aquele homem me ama, não me ama? Me trai ou não me trai?’ Isso me irrita profundamente! Porque eu acho o seguinte: procura saber se o seu namorado tá te traindo, você não precisa de mim. Quem procura, acha.” (Lúcio).

A questão que muitos deles colocam, todavia, é que a própria capacidade intuitiva ou extrassensorial dos oráculos associa-se muito mais ao feminino. Como ressalta Adriana, na cultura cigana, o cargo de Ofisa é restrito às mulheres, que realizam leituras de oráculos e leitura das mãos. Ela associa a faculdade oracular ao útero, que faz a mulher ser “mais acolhedora, cuidadosa, amorosa”. Já os homens ciganos se voltam para a produção de instrumentos de cobre, venda, e para a doma de animais. “O homem só joga baralho de naipes, mas não tem a mesma sensibilidade que a mulher”, diz Adriana.

Segundo Felipe, “é da natureza do feminino procurar contato espiritual. O homem é muito prático, pragmático, focado no trabalho, estabelecer fundamentos na vida...”. De fato, aparentemente e apressadamente, poderíamos classificar o oráculo como uma ‘profissão feminina’. A questão que se impõe é entender o repertório de classe social associado ao gênero, como demonstram Salem (2006), Zaluar (2014) e Illouz (*op. cit.*).

É parte fundamental da forma de vida oracular integrar os elementos masculino e feminino dentro de si. Nesse sentido, a questão amorosa aparece tanto para homens, quanto para mulheres. Muitos oraculistas contrariaram falas como a de Lúcio, ao afirmar que os homens também possuem as mesmas inseguranças e fragilidades das mulheres. Muitos deles contrariam cosmovisões machistas e são muito críticos em relação à posição de mulheres mais idosas, no sentido de encorajá-las ao “amor próprio”, ou ao cuidado de si.

Nesse sentido, as autoras reforçam a necessidade da integração do gênero à experiência de classe. Eva Illouz, particularmente, demonstra como a cultura terapêutica possuiu um papel fundamental de difusão da necessidade de os homens exteriorizarem seus sentimentos e de os casais se abrirem para a comunicação, construindo o que chamou de ‘*homo communicans*’, que não se restringe a seu universo de pesquisa. No caso dos oraculistas, a integração do feminino (identificado à Lua e à Venus, à maternidade e ao culto da beleza) ao masculino (identificado a Marte e ao Sol, ao ‘brilho pessoal’ e ao arquétipo do

‘guerreiro interior’) é parte fundamental da cosmoprática oracular, como se observa no arcano O Mundo.

Figura 08 – Arcano O Mundo



Legenda: Arcano XXI, O Mundo. Representa o último estágio dos arcanos maiores, que traduz a ideia de completude, fim de ciclo coroado de sucesso. Na alegoria, aparecem os quatro elementos em equilíbrio (Terra, Água, Ar e Fogo), assim como, no centro, uma figura andrógina, que representa o equilíbrio das polaridades masculina e feminina no indivíduo.

Fonte: Tarô Rider-Waite-Smith, acervo pessoal.

Pretende-se, agora, trazer à tona os antecedentes da cultura terapêutica no Rio de Janeiro como campo profissional e demonstrar que os oraculistas não participam do circuito holístico-oracular em separado do bojo das práticas terapêuticas. Ao contrário, procuro demonstrar que este surge como uma geração que ressignifica os pressupostos do “complexo alternativo da cultura terapêutica” (Russo, 2012).

2.3 Cultura terapêutica no Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro é considerado a capital brasileira da psicanálise, dado seu número de profissionais, cursos de formações e clínicas de psicanálise³⁴. Desde os anos 1970, o *boom* do campo psicanalítico na cidade abriu uma nova sensibilidade para a cultura psicológica. Segundo Figueira, a cultura psicanalítica, mais do que um campo profissional, inclui uma nova construção do *self* no universo das camadas médias urbanas, que passa por um *eidos*, entendido como “lógica do pensamento” ou operação mental; um *ethos*, ou “código de emoções” e um *dialeto*, entendido como mecanismo narrativo-discursivo (Figueira, 1985).

O trabalho de Russo (1993) é central para essa compreensão, ao apresentar a construção do campo psicanalítico como uma profunda possibilidade de trajetórias de mobilidade social ascensional, o que, já nos anos 1980, apresenta um relativo esgotamento: as necessidades financeiras que implicam na formação de um psicanalista, a impossibilidade de filiação às escolas freudianas, dado seu alto custo, e a necessidade de uma supervisão psicanalítica para os próprios psicanalistas fazem parte das teias complexas da construção da cultura psicanalítica, que inclui a forma como o campo profissional se institucionaliza, que rapidamente observa uma elitização.

Segundo ela, os anos 1970 representaram o auge da psicanálise no Rio de Janeiro, em larga medida, dado à institucionalização da profissão e sua eclosão tanto nos cursos de Psicologia, como fora deles. Retomando Figueira (*op. cit.*), o dialeto da cultura psicanalítica lhe acarrete carga enigmática, segundo a qual só pode ser compreendida pelos “iniciados”, o que, coincidentemente ou não, lembra a ética de grupos ocultistas, longamente discutidas por Campbell (2002) e Granholm (2014).

O alto valor das sessões e das supervisões formou um nicho de mercado que possibilitou, nos anos 1980, uma ruptura com a ortodoxia freudiana. Segundo Russo, surge, aí, o chamado “complexo alternativo da cultura terapêutica” (*op. cit.*, p. 111), que, nesse contexto, é majoritariamente identificado com o ideário de Wilhelm Reich e da bionérgica³⁵, no bojo das terapias corporais. Assim, de forma expressiva, nos anos 1980, já se pode pensar uma eclosão das terapias corporais, ainda que de matriz desencantada (*ibid.*, p. 130).

³⁴ Dado extraído por Joel Birman (*apud* Russo, 1993, p. 217).

³⁵ Segundo Alexander Lowen, seu idealizador, “a bioenergética é uma técnica terapêutica que ajuda o indivíduo a reencontrar-se com seu corpo, e a tirar o mais alto grau de proveito possível da vida que há nele (...) é uma aventura de autodescoberta” (*apud* Russo, 1993, p. 125). Segundo Russo, a bioenergética foi a principal difusora do *boom* do complexo alternativo das terapias corporais nos anos 1980 no Brasil. Trata-se de uma virada otimista da perspectiva reichiana sobre o corpo.

Russo mostra como a origem de classe dessa segunda geração de terapeutas constituía-se por um itinerário majoritariamente composto por imigrantes nordestinos que haviam sido os pioneiros em suas famílias a ingressar na universidade. Conforma-se, assim, a tensão e as disputas por legitimidade entre as terapias da palavra (freudianas) e do corpo (centradas na figura de Reich).

Em trabalho mais recente, Russo argumenta que a eclosão das terapias alternativas, representadas esquematicamente pelos Florais de Bach, convivem com o boom da psiquiatria de viés biológico e medicalizante, representado pelo Prozac (Russo, 2012). Segundo a autora, a aparente contradição da eclosão de suas práticas terapêuticas tão díspares se explica pela dualidade constituinte da pessoa moderna (*ibid.*, p. 213), que oscila entre o iluminismo e o expressivismo romântico.

O que está em questão, segundo ela, é que tanto os florais de Bach, quanto o Prozac incorporam a crítica ou mesmo o abandono do dualismo mente-corpo como elemento norteador comum. No caso da psiquiatria biológica, a partir do antimentalismo; no caso das terapias alternativas, devido a uma espécie de anti-intelectualismo ou antirracionalismo, que promove uma conseqüente revalorização do corpo (*ibid.*, p. 130; Maluf, 2015).

O trabalho de Russo é recheado de esquematismos, que preferimos tratar como tendências. A questão que se coloca, no universo de análise dos oraculistas, é que existe uma fratura entre a geração dos anos 1980 dos terapeutas corporais e o complexo alternativo das terapias contemporâneo: se as terapias corporais possuíam matiz desencantada, a partir do pessimismo reichiano, as terapias alternativas, que hoje majoritariamente se identificam como “terapias holísticas” possuem um ideário muito particular, que se imiscui com elementos do que os atores entendem como “espiritualidade”, em consonância com a construção das “culturas da Nova Era” (Maluf, *op. cit.*; ver também, Amaral, 2000; D’Andrea, 2000; Magnani, 1999).

É curioso que, passados mais de três décadas, a quase escassez de pesquisas e trabalhos acerca das transformações desse campo ainda seja significativa. Sustentamos que a imiscuidade entre práticas da chamada Nova Era nos apontam para uma inflexão fundamental no complexo da cultura terapêutica. Isso se verifica, ao tratar com os oraculistas, que, por questões geracionais, muitos deles realizaram cursos e formações com os terapeutas corporais colocados à baila por Russo.

Fátima Tavares, já nos anos 1990, desvenda a construção do campo profissional dos ‘alquimistas da cura’, que, segundo ela, constroem no Rio de Janeiro um campo profissional que identifica com os valores da “espiritualidade terapêutica” (Tavares, 2012, p. 112), que

conjuga a técnica terapêutica com a ordem cosmológica. Nesse sentido, procuramos desdobrar da espiritualidade terapêutica com o que procuro chamar de terapêutica do oráculo, que se desdobra em uma categoria de crítica e justificação profissional, a “oráculo-terapia”.

2.4 Terapêutica do oráculo: terapias holísticas e o limite das fronteiras terapêuticas

A maioria dos oraculistas se identifica como “terapeuta holístico”. Tavares (2012) afirma que, dentro do complexo circuito da Nova Era, a espiritualidade terapêutica ganha força e *status* a partir dos anos 1990 no bojo das diversas culturas da Nova Era. Procuramos identificar, então, os contornos da “terapêutica do oráculo”.

A terapia holística opera pela abordagem integral/sistêmica, contra a abordagem analítica, em que seus elementos são tomados isoladamente. Nesse sentido, fenômenos biológicos, físicos, psicológicos e espirituais são entendidos como totalidades irreduzíveis à soma das partes, que se integram a partir da tríade *corpo-mente-espírito*.

Ao contrário do termo terapia alternativa ou complementar, que sugere a ideia de complementaridade em relação às práticas médicas e terapêuticas tradicionais, a locução terapia holística sugere tanto tratar o indivíduo em sua integralidade, sem especialização funcional do saber e do trabalho, além dos valores associados à totalidade do corpo, mente e espírito (Toniol, 2016).

Assim, o holismo, em oposição à alopatia, entende o paciente como “participante ativo no cuidado com a saúde”. Nesse sentido, é fundamental a “autopercepção consciente” das doenças, que não são vistas como disfunções ou falhas orgânicas, e sim como “desafios e lições de vida; uma mensagem para mudarmos” (Kaminski; Katz, 1997, p. 6-12). Nesse sentido, engajar-se na cura como expressão do autocuidado, responsabilizando-se e retirando lições da doença se opõe ao ideal de luta *contra* a doença, conforme a alopatia.

Segundo William Osler, famoso homeopata, “é melhor conhecer o paciente que tem a doença, do que a doença que o paciente tem”, ou mesmo, segundo Edward Bach, fundador da terapia floral, “a falta de saúde é a falta de percepção consciente de nossa alma. A doença é uma mensagem para mudarmos” (*apud* Kaminski; Katz, *op. cit.*, p. 17).

O holismo da terapia holística fundamenta-se em uma inversão de perspectiva acerca da doença e da cura, como também em duas cosmologias centrais para a compreensão do corpo. Os chacras são 7 pontos de energia vital que, integrados, constroem a harmonia, que aparece como o ideal da espiritualidade terapêutica. Nesse sentido, o chacra básico se integra

à dimensão da experiência material e do corpo, assim como o chakra coronário ou superior ativa a inspiração, intuição e espiritualidade. A partir dos chacras, é possível entender, portanto, a cosmologia holística³⁶, no sentido da integração entre corpo, mente e espírito.

Porém, deve-se acrescentar o elemento que integra o corpo ao cosmos. Nesse sentido, existem 7 corpos chamados áuricos. Eles conectam o corpo físico ao registro de reencarnações do corpo, à espiritualidade e aos registros emocionais.

³⁶ No capítulo I, discute-se a transferência da neurose para a autonomia, patamar fundamental do elemento mental do esquema holístico, assim como no capítulo III, será discutida a dimensão da percepção extrassensorial, portanto, do espírito. Neste capítulo, a discussão está concentrada no corpo, ainda que sejam patamares indissociáveis.

Figura 09 – Os sete corpos

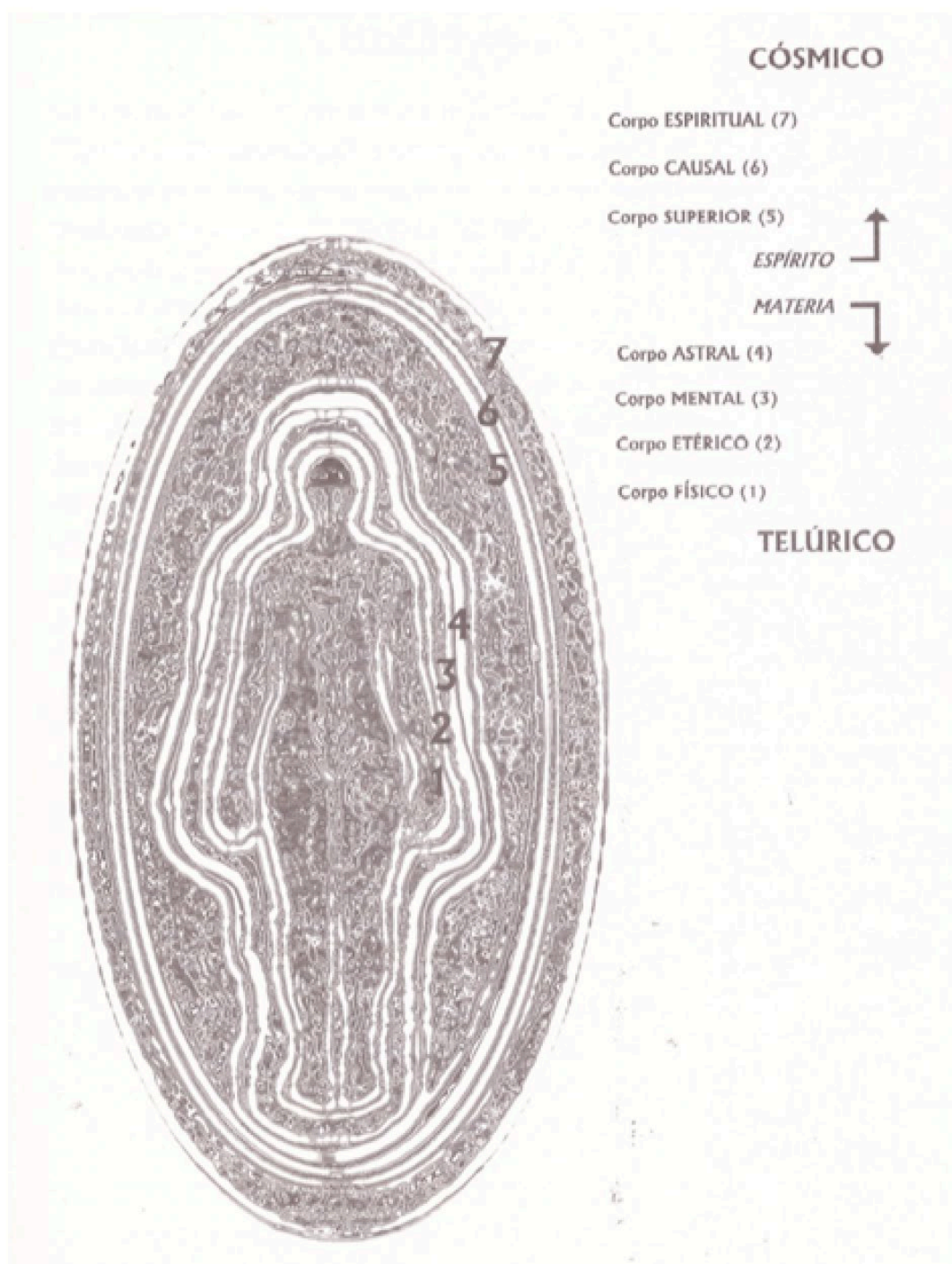
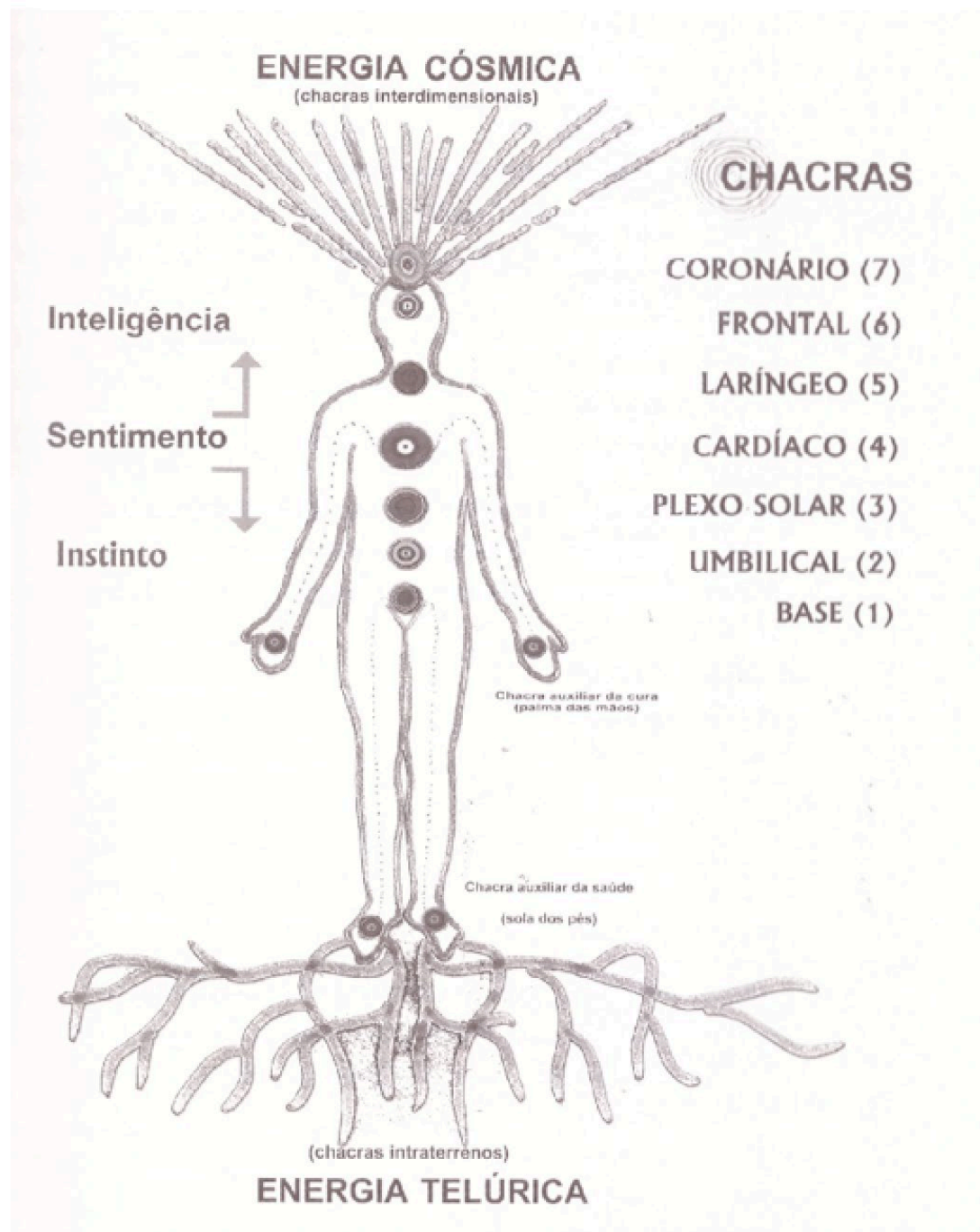


Figura 10 – Os sete chacras



Fonte: NAIFF, 2018, p. 51

Como se observa na figura 09, o corpo físico é apenas um dos corpos áuricos. Por exemplo, o corpo astral, duplo etérico ou perispírito condensa o registro de encarnações anteriores, e todas as doenças passam por ele. Pai Vando identifica que, triplamente, precisa-se tratar a doença nos níveis físico, mental e espiritual, que se relacionam aos chacras, ou centros de energia (na segunda figura, observa-se que, quanto mais próximos do coronário, mais próximos da ‘espiritualidade’ e, quanto mais próximos do chacra base, mais próximos da experiência corporal). Nesse sentido, as doenças ressoam do corpo ao espírito e do espírito ao corpo.

“A doença é uma energia maléfica e ela vem e aquilo gruda no seu etérico, que é uma energia que circunda o seu corpo [2º corpo áurico]. Enquanto ela está ali, você faz um ebó³⁷ e tira. Agora, quando ela tá no físico, aí você tem que fazer o ebó e procurar um médico, porque aí você tem que tratar dos dois lados. Quando eu jogo e às vezes a pessoa diz que nem tá com problema, ela está e não sabe. Aí tem que fazer o ebó porque tá grudado! [no corpo etérico]. (...) Aqui, procuram muito por questões de saúde. Saúde e trabalho. Teve uma senhora que veio aqui, morava no Leblon. Ela trouxe a mãe dela, que tinha uma doença que eu não sei qual o nome, que tava enrijecendo o músculo do coração dela. A velha tava com os dias contados. Daí eu fui, joguei, o Santo disse que não, que dava jeito! Daí eu peguei, cuidei dela, mais ou menos um ano, quase. Todo mês ela vinha aqui, eu jogava e fazia ebó. Eu sei que o músculo parou de enrijecer, até amoleceu mais um pouquinho, e a velhinha morreu com mais de noventa anos, por outros motivos (Pai Vando).

O oráculo é capaz de indicar, portanto, doenças astrais que as pessoas sequer sabem que possuem. Sarah utiliza um método de jogo em que integra a terapia, a parapsicologia e o oráculo. “É muito difícil o oráculo contrariar o que a pessoa fala na consulta terapêutica, mas eu sempre jogo e sempre bate!”, diz ela. Eduardo, que se declara terapeuta holístico, também se aproxima dessa perspectiva. Ele diz: “meu oráculo é o pêndulo”, que indica, por meio da radiestesia, assuntos relacionados ao corpo, à mente e ao espírito do consulente, a serem tratados em terapias específicas.

Simone também possui vasto trânsito nos cursos de terapias corporais e holísticas, tais como shiatsu, reflexologia, massoterapia, entre outras. Ao contrário de outros oraculistas, Simone começou como organizadora de feiras esotéricas, onde, curiosamente, acabou

³⁷ Segundo Pai Vando, “os ebós são compostos de grãos: bolos de farinha, bolos de arroz, acaçá, equidi (bolinho de fubá vermelho), você usa canjica, feijão preto, feijão branco, milho...” que atuam em trabalhos de magia.

aprendendo muitas técnicas e ciências esotéricas, dado seu interesse como produtora de eventos. Ela diz que começou pela quirologia e pela leitura do Baralho Cigano, mas que enveredou-se para as práticas terapêuticas “porque as pessoas tendem a voltar e, aí, você tem um retorno melhor”.

Se os consulentes aparecem, quando muito, uma vez ao ano para uma consulta de cartas, ou uma vez na vida para a construção do mapa astral, as terapias aparecem como prática profissional mais voltada para a observação dos padrões de comportamento dos consulentes, que possuem mais “retorno”, tanto financeiro como de eficácia, como aponta Angélica. O trânsito desses agentes nas culturas da Nova Era, em cursos e formações de terapeutas corporais, implica na construção não somente de uma nova categoria profissional, mas também de um campo profissional, com valores, regras e legitimidade específicos. É significativo, nesse sentido, a justificação (Boltanski, 2011) de sua legitimidade profissional.

Segundo Sandra,

“E o que é terapia? É um tratamento, é cuidar. E o terapeuta é aquele quem cuida, né? E o que é holística? Corpo, mente e espírito. Quando a pessoa tá mal de doença, procura um médico; quando a pessoa tá mal de cabeça, procura um psicólogo; quando tá mal espiritualmente, procura um sacerdote. Então nós terapeutas holísticos somos *um pouquinho* médicos³⁸, um pouquinho psicólogos e um pouquinho sacerdotes.” (Sandra).

Sandra define-se, assim, como uma “leitadora de almas”. A partir do oráculo, consegue integrar e vislumbrar, nas consultas, diversas perspectivas para diagnosticar e, potencialmente, curar corpo, mente e espírito do consulente. Segundo Simone, que se define como uma “estudante de mão” e terapeuta holística, a mão não é apenas um ponto de energia que possui linhas, montes e traços enigmáticos. Ao contrário, as mãos apenas expressam emoções, assim como os demais órgãos do corpo. Segundo ela, assim como para Sandra, “o corpo fala”. A mão é tão significativa quanto um rim, que expressa medo, o pulmão, que expressa apego, ou as linhas da mão, que expressam, cada uma, um chakra.

“A pessoa não sai sem uma receita, não sai sem um sacode e que, depois, eu dou aquela lambida *linda*, pra deixar a pessoa bacana. Mas, pontuo: ‘olha, atenção a esse perigo!’; ‘atenção a esse

³⁸ Sandra enfatiza uma dimensão da forma como muitos consulentes lidam com a espiritualidade. Pode-se inferir que ela enfatizou que não é médica com mais força do que psicóloga ou sacerdotisa pois muitas pessoas que a consultam podem se recusar a procurar tratamento médico. Essa abordagem é totalmente diferente de como muitas práticas religiosas e espirituais lidam com a saúde, especialmente aquelas associadas a setores populares, como sessões mediúnicas de cura e mesmo cirurgias espirituais. Um exemplo muito contundente no país foi o do médium espírita José Pedro de Freitas, mais conhecido como José Arigó, que incorporava o Dr. Fritz, alegado médico alemão que faleceu da I Guerra Mundial. Zé Arigó ficou famoso quando condenado à prisão por prática de curandeirismo e recebeu o indulto do então presidente Juscelino Kubitschek, cuja filha também havia sido atendida pelo médium.

comportamento!'; 'atenção em relação a sua saúde!' 'Olha, você tem mão de cura, não tá trabalhando por quê?' 'Olha, você é espírita, frequenta algum lugar?' 'Ah, não? então, vamos resolver!' Se você tem esse dom, não vai utilizá-lo por quê? Então eu sou uma sacudidora, entendeu? Mas também direciono" (Simone).

Além do "sacode" e da "lambida", o diferencial da espiritualidade terapêutica em relação às terapias corporais é a espiritualidade, como colocado por Simone. Alguns oraculistas definem espiritualidade como o "invisível", mas a maioria deles também relaciona essa categoria a uma "busca", que pode se desdobrar por um caminho religioso (como colocou Simone, quando o consulente tem "mão de cura" e precisa desenvolver sua espiritualidade no centro espírita), mas também – e principalmente – tem a ver com o processo de autoconhecimento.

A oposição entre espiritualidade e religião é uma marca fundamental do campo. Segundo os entrevistados, existe uma ambiguidade muito marcada em sua fala: quando se referem aos consulentes ou ao Outro, de forma geral, marcam uma posição de respeito aos caminhos religiosos que podem se desdobrar dessa busca espiritual. Porém, quando pergunto se eles mesmos possuem religião, a resposta é, na quase totalidade das entrevistas, de repúdio às religiões. A questão é que muitos deles se definem como pessoas livres, exatamente porque não se colocam em posição de ouvintes passivos e doutrinados de qualquer templo ou sacerdote religioso.

Diferentemente da espiritualidade terapêutica, como observou Tavares (2012), o movimento das práticas oraculares se inscreverem em uma dimensão necessariamente terapêutica. Procuo sustentar que a "terapêutica do oráculo", para além da "espiritualidade terapêutica", verifica-se na forma como os oraculistas lidam com a leitura do oráculo de forma integrada e inseparável das práticas terapêuticas. O primeiro livro de Tânia tem como título *As Cartas Ciganas: uma visão holística*, o que sugere exatamente a passagem da espiritualidade terapêutica para a terapêutica do oráculo. Um dos muitos exemplos poderia ser construído a partir da carta 07 do Baralho Cigano, A Cobra. Classicamente associada como 'a carta da inveja', a Cobra, para Tânia, pode, sim, representar "desarmonia, discórdia, briga, intriga, fofoca, maledicência, troca de ofensas, adulação por interesses mesquinhos e todo tipo de veneno que geral mal-estar" (Durão, 2017, p. 53).

Porém, seu repertório simbólico se amplia: "Outro aspecto dessa carta é a autossabotagem, o medo e a insegurança que paralisa a ação" Acrescenta ela: "E este é o pior veneno que alguém pode produzir e é a pior traição que alguém pode cometer, porque é a

traição para consigo mesmo”. Assim, a bricolagem de elementos e referenciais simbólicos é tão marcante em sua leitura, quanto seu aspecto terapêutico-reflexivista. Tânia amplia o significado da Cobra a partir dos chakras:

“Em sânscrito, Kundalini significa ‘aquele que tem a forma de serpente’ ou ‘enrolada como uma cobra’. É uma energia que transita entre os chakras e localiza-se no centro de força situado próximo à base da coluna e aos órgãos genitais. Por isso, essa carta representa a libido do consulente e a maneira como ele expressa sua sexualidade” (*ibid., idem*).

A partir dos dados da pesquisa, observamos, então, três tipos ou métodos de significação das cartas: (i) tradicional; (ii) intuitivo e (iii) reflexivo. O método tradicional apela ao uso corrente da carta, muitas vezes expresso no senso comum (A Cobra como uma representação da pessoa-cobra). O tipo intuitivo, cujo exemplo surge mais associado a videntes, pode ser entendido a partir do relato de Patrícia, 56 anos, cartomante e vidente, que afirma que a carta 26, O Livro, significa, em sentido tradicional, conhecimento ou segredo, mas que, segundo sua intuição ou clarividência, pode aparecer no momento da consulta como imagem mental de um livro de páginas esvoaçantes, que passa a significar, para ela, que a consulente deve “virar a página na vida dela”. A leitura de Tânia transita, portanto, na leitura reflexiva e, portanto, terapêutica do baralho, que se expressa como tomada de atitude do consulente: em vez de associar alguém a uma cobra, passa a pensar de que forma o consulente, muitas vezes, age como “cobra”, dentro e fora do repertório simbólico tradicional.

Assim, a terapêutica do oráculo sustenta a forma de vida oracular, como vimos. Nesse sentido, é fundamental estabelecer os mecanismos de quantificação e a precificação dos serviços terapêuticos das consultas com os oraculistas, que constitui dimensão central de sua prática profissional.

2.5 O dinheiro é espiritual: “energia de troca”, autovalor e autoconstrução

Uma das questões que têm chamado atenção no campo é a introdução do dinheiro na espiritualidade. Enquanto profissionais que se sustentam financeiramente somente a partir das consultas de oráculos e terapias holísticas, a cobrança financeira aparece como uma necessidade. Há um conflito cosmológico latente entre o espiritismo kardecista e o circuito holístico-oracular. O estudo de Cavalcanti (1983) acerca do espiritismo aponta para a oposição entre espírito e matéria, o que reforça a visão da mediunidade como um dom.

“O que é dado, não é cobrado”: a sentença, proferida por muitos oraculistas, em tom acusatório e debochado ao espiritismo condensa a cosmovisão espírita em relação às capacidades mediúnicas e ao dinheiro. Assim, embora uma das dimensões fundamentais do complexo da Nova Era no Brasil seja a cultura espírita, como pontua D’Andrea (2000), o dinheiro relaciona-se à matéria, ou seja, ao plano da experiência da carne, em oposição ao plano espiritual, segundo Cavalcanti (1983). Assim, o dinheiro aparece como instância de problematização e justificação (Boltanski, *op. cit.*).

“Principalmente no Kardek, você tem que se jogar no chão, você vai virar um tapete, e a pessoa tem que te pisotear porque você tá “transcendendo seu karma”. Vá transcender o seu karma lá no raio que o parta! (Risos). Faça você, vire carpete, eu não! Se é uma doação, não, eu tô fazendo uma doação da minha história pra você. Não estamos cobrando nada um do outro, como um acordo. Aí é diferente...” (Angélica).

Angélica é muito enfática e tranqüila quanto à cobrança por seus serviços. “Virar carpete”, em suas palavras, significa uma doação que não implique uma troca. Enquanto nos centros espíritas e de Umbanda as práticas de consulta, passes e tratamentos espirituais possam acontecer gratuitamente, os oraculistas enxergam qualquer dom como passível de trocas. Por mais que muitos deles (a maioria dos que entrevistei) partilhem do ideário espírita no sentido da reencarnação e do carma, discordam frontalmente das práticas de “doação”.

Tabela 05 – Cosmologia espírita e cosmopráxis oracular

Cosmologia espírita	Cosmopráxis oracular
Matéria X Espírito	Matéria = Espírito
Reencarnação/Carma	Reencarnação/Carma
Doação	Troca
Dom	Trabalho
Dons espirituais não devem ser cobrados e, se o forem, podem ser retirados do médium.	Tudo é espiritual. Cozinhar, por exemplo, é tão sagrado quanto utilizar oráculos. “Assim na Terra, como no <i>cosmos</i> ” (Hermes Trismegisto).
Incorporação e mediunidade.	Oráculo envolve estudo, percepção extrassensorial, dedicação e autoconstrução. “A prática com Tarô desenvolve a intuição e fortalece os elos espirituais a longo prazo, mas sempre embasado no estudo e na pesquisa” (Naiff, 2014, p. 39).

Adriana afirma, nesse sentido, que, por mais que na cultura cigana seja entendido o oráculo como um dom, que corresponde a um cargo hierárquico, deve-se, sim, cobrar pelo oráculo. O dom deve, portanto, ser aperfeiçoado.

“Isso é uma visão espírita kardecista limitada. Na nossa cultura, sempre foi cobrado. Se eu vou cobrar, nós acreditamos na troca, nós não queremos comprar carma³⁹ de ninguém. Quando a gente cobra, é exatamente pra isso e pra mostrar que pra nos é um trabalho, é um sustento. Eu poderia estar fazendo outra coisa. O cigano tem uma visão muito forte de cobrar. Isso é uma

³⁹ Incorporar-se no carma alheio.

visão ocidental. Quem disse que ‘o que é dado não é cobrado’? Foi dado, mas eu aperfeiçoo” (Adriana).

Adriana apresenta, portanto, uma visão de meio termo entre a cosmovisão espírita e a cosmopraxis oracular. Nesse sentido, por mais que a leitura de oráculo possa ser considerada, para ela, um dom, deve-se aperfeiçoá-lo e, para isso, cobra-se dinheiro. Angélica aponta, ainda, para as diversas possibilidades de pagamento a que se sujeita.

“Eu acho que é uma troca. Eu faço esse trabalho pra você e você paga por ele. Porque nós pagamos de todo jeito, a gente paga de alguma forma. Claro que a gente precisa sobreviver, você precisa cobrar o seu trabalho. Mesmo que eu tivesse um puta de um emprego, fosse mega blaster internacional, mas é o meu trabalho, é a minha doação. Eu poderia até dizer: ‘olha, pra você eu não vou te cobrar, pras 10 primeiras pessoas eu não vou cobrar nada. A 11ª vai pagar 50 reais. O restante vai pagar um real’. Não importa: você tem que trocar com o universo. Tem que trocar. Eu não acho que essa coisa de doação, ‘ah, porque tem que doar...’ Você doa se o seu coração desejar! Porque senão: ‘ai meu Deus, mais uma pessoa que eu vou ler essa porra dessa mão, não vou ganhar um real...’ Vai adiantar alguma coisa? Vou ler de mau humor, vou ficar puta da vida, vou jogar uma energia do cão em cima da pessoa... Então é melhor não fazer! Eu vou cobrar 10 reais. ‘Ah, Simone, eu não tenho 10 reais, tenho um pacote de velas.’ Pode trazer seu pacote de velas. ‘Ah, eu só tenho incenso.’ Incenso! Eu faço isso muito com as pessoas que eu conheço. Às vezes, falam: ‘ah, Simone, não tenho dinheiro agora...’ OK. Faço 50% pra você. ‘Ah, mesmo assim...’ Caralho, hein! (risos). Então tá, paga no caralho do cartão, mas dá um jeito!” (Angélica).

Além de o dinheiro adquirir uma dimensão energética, ele constitui uma “troca”. A “energia de troca” que adquire o dinheiro talvez seja o jargão mais comum entre os oraculistas. Troca-se não apenas com o “consulente”, como também com o universo, o *cosmos*. A relação do dinheiro e da quantificação dos bens e serviços espirituais fazem emergir questões sobre como quantificar ou “mensurar o imensurável” (Espeland; Stevens, 1998); como se realizam as operações de precificação de serviços e bens espirituais que, por sua natureza, sugerem qualidade de intangibilidade? Como trazer em termos de equivalência e comensuração entidades e valores espirituais e materiais, de forma quantificável?

“A economia do dom ou da graça se confunde constantemente com o mundo dos interesses”, afirma Baptista (2006, p. 5) acerca das cobranças monetárias no universo do candomblé. Apesar de não existir, no circuito dos oráculos, obrigações e relações de hierarquia tais como nas relações estabelecidas nas casas de santo, o ponto central de Baptista

é propor uma análise do dinheiro no campo religioso para além da dicotomia composta, em um pólo, pela quantificação racionalista, e, por outro lado, da dimensão da dádiva (*ibid.*, p. 112).

Assim, o dinheiro não aparece como “equivalente geral”, quantificador universal e medida assoladora das relações sociais (Marx, 2003), e sim como forma de atribuição de valor tanto dos “consulentes” em relação aos oraculistas, dos oraculistas, que acionam sua reflexividade para a cobrança a partir dos locais de consulta e da divulgação de seu trabalho, como também do chamado “mercado espiritual”, que condiciona e formula interações a partir do duplo movimento de sacralização das mercadorias e mercantilização da espiritualidade (Heelas, 2008, p. 235).

Pai Vando alerta para particularidades do universo do candomblé em relação à cobrança do jogo de búzios.

“Eu não me vejo na obrigação de parar os meus afazeres ou interromper o meu descanso pra ajudar uma pessoa que eu nem conheço. Eu vou parar a minha vida por sua causa? Não! Até porque, pra eu chegar até onde eu cheguei, eu gastei muito dinheiro! Essa maratona toda, esses anos todos de santo... Dinheiro do meu trabalho que ninguém me deu, ninguém me ajudou em nada? O médico não estuda a vida inteira pra dar consulta de graça. E tem um detalhe: o Exu que responde no jogo, se você não cobrar, ele diz pra você assim: ‘ué, você não gosta de dinheiro? Você não precisa de dinheiro? Então, eu não vou te dar mais dinheiro!’. E o seu caminho de dinheiro, ó, créu! Porque ele tá trabalhando aqui, mas ele pede comida a você também, o jogo come! Tem o Exu Abá da casa, que é o mais velho, que responde por tudo, ele vive sempre comendo! Então, tem que cobrar, não adianta (Pai Vando).

A expressão do dinheiro também aparece como *autovalor*: os oraculistas tendem a cobrar pela necessidade dos cursos e palestras, para que se aprimorem no trabalho, mas também como medida de sua autoestima, no sentido da medida do valor que atribuem ao próprio trabalho. Marilda diz que gosta muito de concorrência, o que “estimula você a se ultrapassar”, em suas palavras. Segundo ela, o preço de suas consultas se estipulam “pelo que eu acho que é justo pela minha sabedoria e conhecimento”. Quando a perguntei se já trabalhou em feiras esotéricas, ela me respondeu:

“Nem que a vaca tussa! (Risos). Ou melhor, eu dei uma vez, há uns 30 anos atrás, teve uma feira esotérica, não foi no Rio, aí me convidaram, eu tava... já não era bem no início: eu já fiz 43 mil mapas, ou melhor, 43 mil consultas. Eu tenho uma experiência enorme! Naquela época, eu devia ter feito, sei lá, umas 500, no máximo 1000, sei lá, não fico guardando isso não! Aí me convidaram pra uma feira que ia ser na Bahia. Aí eu disse: ‘opa! Eu quero ir à Bahia!’. A

organização dava passagem de avião, a gente ficava em hotel de luxo (não era pousada, não!). Era uma feira grande! Eu fui, mas tinha que fazer uma palestra pequena e tinha que dar consulta. Aí eu disse: ‘consulta só se for no meu preço! O preço que vocês vão cobrar, de jeito nenhum!’ Aí eles disseram: ‘qual seu preço?’ ‘É tanto!’ Eu pensei: graças a Deus, com esse preço, não vai ter ninguém! Tipo assim, se eles cobravam 600, eles pagavam 60, 10%. Aí eu me vesti bem, aí dei a palestra, e aí fui dar a consulta. Esperava que não tivesse ninguém... Tinha uma fila enorme! Eu perguntei pro primeiro: ‘escuta aqui, por que você veio se consultar comigo, se aquele ali tá cobrando menos?’ Ele disse: ‘porque você cobra mais caro, deve ser melhor!’ Aí eu perguntei a todos: todos disseram a mesma coisa” (Marilda).

Isso se deu no ano de 1983, quando, ainda não era famosa. Percebemos que o valor das consultas se confundem com o preço delas, postulando, não somente uma “energia de troca”, como também o *autovalor* dos oraculistas. Assim, postulam preços e quantificações de bens e serviços intangíveis, a partir do quadro de avaliação, que se confunde com a valoração que atribuem a si mesmos e sua posição e *status* no circuito holístico-oracular (cf. Cefaï, *et al.*, 2015; Sayer, 1988).

O tema das feiras esotéricas aparece, também, como circuito de circulação e trocas do mercado espiritual. Já nos primeiros contatos e entrevistas com os oraculistas, foi apontada a importância da *Mystic Fair* como uma rede de sociabilidade dos videntes e oraculistas. Trata-se de uma feira esotérica anual e itinerante de alcance nacional. Segundo os organizadores, *Mystic Fair* Brasil é a “maior feira mística e esotérica do mundo”⁴⁰.

Estive na feira em 2017, em sua edição carioca. A maioria dos entrevistados aponta para a mesma na condição de dinamizadora do “mercado espiritual” como um possível atrativo para novos clientes, já que uma das seções da feira é exclusivamente destinada a oraculistas, que ficam dispostos em mesas a uma distância de menos de um metro uma da outra (o que chega a impressionar pela devassidão com que a intimidade dos consulentes é tratada), em que os “consulentes” escolhem com quem se consultar.

O uso do termo *consulente* é significativo, pois sugere um eufemismo para não chamar aqueles que se consultam com oráculos de clientes. Na edição em questão, o preço de uma consulta com apenas uma pergunta era 30 reais, e uma consulta de 30 minutos custava 50 reais. Havia outros oraculistas em suas próprias tendas, que cobravam por preços diferenciados, além de três mesas dispostas em um local distante das demais, cujos oraculistas são ex-participantes do reality show *Os Paranormais*, exibido no SBT em 2014. Trata-se de

⁴⁰ Retirado de <mysticfair.com.br>.

uma competição entre diversos oraculistas baseada na série norte-americana *Psychic Challenge*. O preço de suas consultas era mais caro: 80 reais.

Tais valores parecem significativamente inferiores aos cobrados pelos renomados oraculistas entrevistados. Um curioso dado, ainda com Marilda, foi uma aluna de seu curso de Runas que estava muito aflita quanto a realizar ou não uma cirurgia. Marilda tentou tranquilizá-la, porém comentou que seria um prazer responder ao questionamento da aluna em uma consulta particular, por 600 reais. Segundo ela, suas consultas “podem durar de 5 minutos até 1 hora e meia”. Tal atitude sugeriu um corte, ao que Marilda comentou comigo que os profissionais precisam “se valorizar e não dar consultas de graça”. O curioso foi que Marilda, durante a entrevista, perguntou meu signo, ascendente e minha Lua, e ainda discorreu sobre a missão de vida dos nativos do meu signo, o que, muitas vezes, ocorre no decorrer das conversas e entrevista: a porosidade de fronteiras entre consultas e o trabalho de campo.

2.6 Autoconstrução de moradia, autoconstrução profissional

No circuito holístico-oracular, o dinheiro também aparece como necessidade de autoconstrução das moradias, assim como pré-requisito para a construção dos centros espirituais e terreiros, principalmente no universo dos sacerdotes e pais e mães de santo.

Uma exceção peculiar à regra é a casa em que moram três dos entrevistados, que entendem como uma “casa de oráculos”. O trio divide o espaço com entidades, santos e divindades, um quarto para consultas e uma sala grande onde, periodicamente, ocorrem cursos, aulas e palestras. A casa de amigos tornou-se, assim, um espaço esotérico, onde se oferecem cursos e consultas. Todos os dias, os três tiram três cartas do dia, que representam, às vezes, um enredo geral sobre o dia e, outras vezes, manhã, tarde e noite.

“A gente aqui usa oráculo pra tudo. A gente todo dia tira carta do dia e anota. É um estudo que a gente faz. Isso dinamiza e fortalece muito a gente trabalhar com as cartas, com o consulente, com o oráculo. A nossa experiência vivida no dia a dia e prestar atenção nos sinais dessas cartas porque tem situações muito similares, parecidas. Porque oráculo é a vida! (Tamara).

Assim como ela, a maioria dos atores vive na Zona Sul da cidade, muito embora reclamem da incerteza em relação à demanda por clientes, sempre muito variável, além de arcarem com altos custos de aluguel, dado que a maioria deles atende em casa. A casa torna-

se o *locus* central das consultas, diferentemente do quadro da *mystica urbe*, proposto por Magnani (1999), que centra seu trabalho em centros holísticos e feiras esotéricas.

Assim, a proximidade com a temática da autoconstrução de moradias chama atenção (Woortman, *op. cit.*; Kowarick, 1980). Motta (2004) relaciona a dinâmica da contabilidade doméstica com a problemática da autoconstrução⁴¹. Pretendemos, na conexão entre a individualização e a autoconstrução, propor um modelo de autoconstrução profissional, uma vez que os oraculistas dispõem de casas no mercado imobiliário formal, porém com uma situação ambígua e incerta em termos do aluguel e da necessidade de garantir um número razoável de consultas por mês, tal como indicam muitos deles.

Pai Vando comenta sobre um curioso caso de um pai de santo que cobrava de seus clientes muito além do que entendia como eticamente permitido, pois precisava manter as contas da casa de santo.

“Eu conheci um pai de santo que tinha uma lista com o nome dos clientes que eram bem de situação. Quando ele tava sem dinheiro, ele fazia um feitiço pro cliente, o cliente se ferrava, ia lá, ele desmanchava. E ganhava o dinheiro dele. Ele cansou de me falar isso! Eu achava aquilo um absurdo. Já morreu, morreu mal pra burro, ele arrumou um diabetes, foi perdendo pedaços do corpo... Ele colheu o que ele plantou! Você não vai plantar pera e colher goiaba, que não tem como” (Pai Vando).

Lúcio é oraculista e professor. Ele é um dos oraculistas que não se sustenta a partir do oráculo, por isso, segundo ele, não divulga o oráculo e cobra relativamente mais barato do que os demais.

“Eu não divulgo o oráculo. A gente tá sempre sendo associado a dinheiro. ‘O pai de santo é sempre o safado que cobra tanto pra jogar, tanto pra fazer magia’. Ninguém olha que ele tem uma vida por detrás, um terreiro e um aluguel pra pagar. Eu sempre tentei não vincular muito a minha imagem a dinheiro. Não cobro pra fazer iniciação de ninguém, nem ritual, nem casamento, só cobro pra fazer o curso, 120 reais [mensais]. Cobro porque tenho luz e aluguel pra pagar” (Lúcio).

⁴¹ Woortman (*op. cit.*) e Kowarick (*op. cit.*) entendem a autoconstrução como necessidade, dentro do quadro das “estratégias de sobrevivência” de construção de casa por moradores de favelas. A questão levantada pelos autores não se coloca, portanto, no universo dos oraculistas. Pensamos, com eles, todavia, a autoconstrução de si, já que a individualização pode ser pensada para o universo das camadas médias urbanas. Segundo Motta (*op. cit.*), o modelo de família no contexto da favela da Aliança, no Complexo do Alemão, contribui para uma forma de individualização dos filhos em relação às mães a partir do referencial da casa, em que se observa um circuito de dependência. A questão de gênero também pode ser observada, já que se verifica o protagonismo feminino na administração dos bens e do consumo doméstico.

Assim, a casa espiritual onde exerce o sacerdócio precisa se sustentar a partir de suas consultas e cursos, principalmente. Quando visitei o centro, em uma de suas atividades, havia muitas salas com diversos produtos esotéricos, que incluíam aromaterapia, velas, produtos ligados à bruxaria e à Wicca, tais como espelhos negros, caldeirões, estrelas de cinco pontas entalhadas, bijuterias, baralhos, imagens de entidades, dentre outros. As mesas com os produtos incluíam iniciados de Lúcio que tinham a oportunidade de divulgar seus trabalhos, tais como atendimentos particulares e mesmo encomenda de outros produtos.

Katja Bastos, também sacerdotisa e mãe de santo, afirma que a Trybo Cósmica, sua casa de religião, que abriga e congrega o culto à Encantaria Cigana e ao Candomblé e aos Mestres Ascensionados. A Trybo Cósmica é um espaço sagrado, um Castelo, entendido como uma fortaleza espiritual.

“A casa foi plantada toda estrategicamente: então, por isso, é um castelo. Palácio é um luxo; Castelo é uma fortificação. Por isso, é o Castelo da Cigana. Magisticamente, foram plantados fundamentos. Por isso, inclusive, o Castelo se mantém sozinho” (Katja).

Katja revela que existem 68 assentamentos de Exu dentro de casa, alimentados e plantados há 40 anos. Fui até o local, muito escuro, que não pode ser fotografado, onde senti um calor fora do comum⁴². Segundo Katja, os Ciganos e os Exus e Pombagiras sustentam financeiramente e protegem a casa, representados, especialmente, por duas imagens ciganas de 5 a 10 metros de altura acima da porta da casa.

⁴² Muitos locais que visitei, durante a pesquisa, promoveram sensações corporais diferentes e estranhas. Já me foi dito que tenho capacidades extrassensoriais ligadas à clarissenciência.

Figura 11 – Assentamento dos Orixás



Fonte: Acervo pessoal

Figura 12 – Assentamento dos Orixás



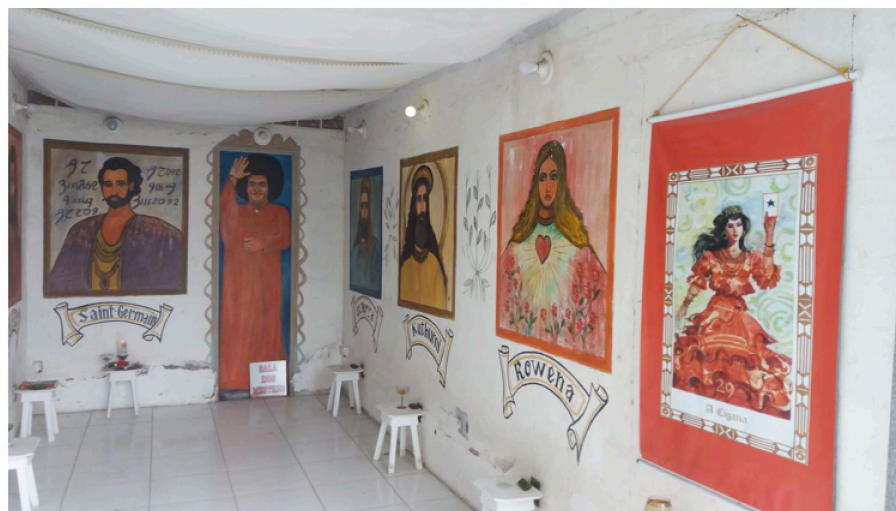
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 13 – Consagração do Tarot Cigano da Trybo Cós mica



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 14 – Sala dos Mestres Ascensionados



Legenda: Os Mestres Ascensionados compõem a egrégora da Teosofia. Ao fundo, na porta, observa-se a imagem de Sai Baba, famoso mestre hindu com quem Katja e a Rainha Cigana travaram contato.
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 15 – Ritual da Lua Cheia



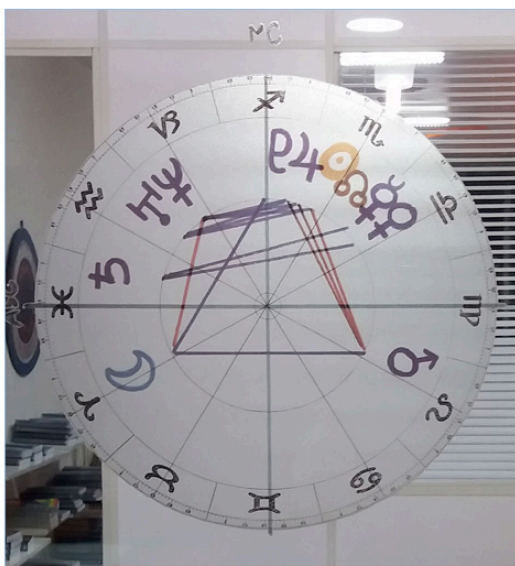
Legenda: Ritual realizado na primeira lua cheia de cada mês no Castelo da Cigana, na Trybo Cósmica, em Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo pessoal.

“Por que você cobra uma consulta de Tarot cigano? Você estipula o preço X pela consulta. Mas, existe o valor da consulta: a importância que seu cliente dá pelo seu trabalho. Então, o conteúdo é o valor: é tempo de vida e é resgate kármico, mas tem um intercâmbio, porque dinheiro é meio de troca. O importante é justamente o compartilhar, o trocar, o circular. ‘Ah, então por que você não atende de graça?’ Porque de repente, você não dá valor ao trabalho que você tá fazendo. É o seu autovalor. Então a Cigana fala: primeiro você tem que estar bem, pra depois cuidar dos outros. Caridade começa em casa. Você tem que estar bem pra transmitir coisas boas, e pra você estar bem, se você vive no mundo da matéria, você tem que estar com seu aluguel pago, com sua conta em dia, você tem que estar com comida na geladeira... É o básico” (Katja).

Katja e a Cigana reforçam como a autoconstrução de moradia, a energia de troca e o autovalor se coadunam na forma de vida do oráculo. O dinheiro, em particular, aparece, ainda, como modo de afastar ou aproximar os oraculistas de determinados clientes. Sarah afirma que costuma cobrar valores diferenciados para clientes de bairros diferentes. Como atende em Bangu e na Zona Sul, sua consulta em Bangu custa 70 reais, enquanto na Zona Sul, 150. Muitos deles afirmam que temem que o preço muito alto das consultas o afastem de certos clientes. Os preços, em geral, variam de 100 a 300 reais por consulta, podendo chegar a 600, no caso de uma das entrevistadas.

O que acontece, segundo Dimas, é que consulta de Astrologia costuma ser mais cara. A Astrologia é considerada um oráculo extremamente complexo, dado que, até os anos 1990, não havia *softwares* que calculavam a posição dos planetas nas casas astrológicas. De forma simplificada, a Astrologia retrata o momento do céu no momento do nascimento de uma pessoa, que indica seu mapa natal. Existem cálculos que apontam para o posicionamento dos planetas naquele momento, que podem compor movimentos favoráveis ou desfavoráveis (quadraturas, trígonos, etc.). Existe, ainda, a possibilidade de confirmar tendências do que está ocorrendo ou vai ocorrer no ano corrente, a partir da chamada revolução solar (Lisboa, 2013).

Figura 16 – Mapa natal da Urantiam



Legenda: Mapa natal do momento de inauguração Espaço Urantiam, de Anna Maria Costa Ribeiro, afixado em sua porta.

Fonte: Acervo pessoal.

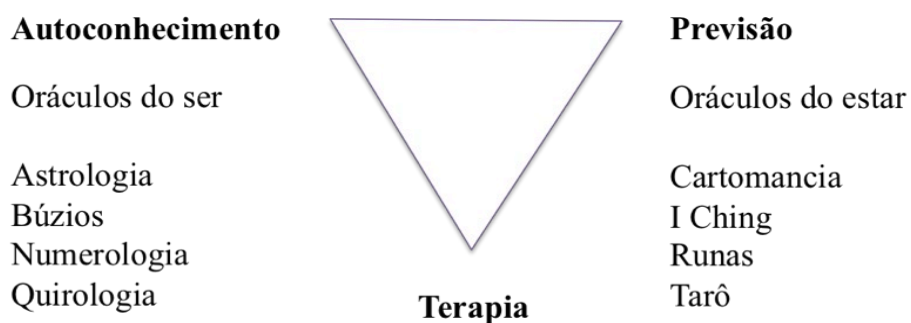
A Astrologia costuma provocar muita controvérsia entre os oraculistas, principalmente entre os cartomantes. A questão que sucede, nesse sentido, é o limite de cada oráculo. Nei Naiff propõe uma classificação bastante influente entre os oraculistas: oráculos do ser e oráculos do estar. Nei ilustra com o exemplo:

“Eu via muita dificuldade no mapa natal usando a chamada Astrologia eletiva. Ela se chama eletiva porque, vamos dizer, eu quero saber se vou comprar uma casa na rua X. Ele vê o mapa da hora, ele vê o céu de agora e responde a partir da chamada Astromancia. É muito pouco utilizada porque é muito complexo e é muita coisa pra você ver. Além de eu demorar 3 horas pra ver o mapa da hora, eu vou demorar 3 horas pra fazer o cálculo daquela hora, e eu demoraria 6 horas pra ver a pergunta daquela pessoa. Ora, com Tarô e baralho eu demoro 1 segundo pra responder!” (Nei).

Nesse sentido, os oráculos do ser, como a Astrologia, são mais bem adaptados para questões ligadas ao autoconhecimento, ou seja, como determinada pessoa é; “analisam a tendência da vida sem observar o livre-arbítrio humano. Expressam potencialidades de eventos mas não determinam qual a relação do indivíduo perante o fato em si” (Naiff, 2014, p. 37). Já outros, como o Tarô e a cartomancia em geral, possuem a qualidade de prever e antever fatos com mais exatidão, por isso dizem respeito ao momento ou ao estar de determinada pessoa; “analisam a condição humana sem ressaltar a tendência da vida.

Anunciam a potencialidade de eventos considerando o estado do indivíduo perante o fato em si” (*ibid.*, *idem*).

Tabela 06 – Oráculos do ser e do estar



A Astrologia pode, segundo Nei, fazer previsões sobre o futuro, assim como o Tarô pode apontar para questões existenciais de autoconhecimento, a partir de tiragens específicas. Mas, como apontou Alexander, também cartomante e astrólogo, trata-se de que “alguns oráculos possuem mais excelência para o ser e outros, para o estar. Se você perguntar na quiromancia, não dá pra saber se ele gosta de mim, ou não”. Simone, quiróloga, também diz: “na linha da sua mão, eu vejo um portal, mas eu não sei se você vai casar com um louro, um moreno ou um ruivo. No Baralho Cigano, eu consigo!” Nei se aproxima dessa linha.

“Na Astrologia, eu posso ver a *tendência*. Mas no Tarô eu posso dizer com certeza se ele vai casar! Na Astrologia, não tem como eu afirmar muito se eu não fizer a Astrologia eletiva. O Tarô vê se você vai casar, independente das tendências astrais. A tendência do momento pode ser boa, mas a pessoa pode estar tão aborrecida no momento, que ela não via as possibilidades abertas pelo mapa, assim como, às vezes, a pessoa está otimista e o mapa não afirma isso” (Nei).

Nesse sentido, as consultas de quiromancia e Astrologia, por exemplo, costumam durar mais tempo, por volta de uma hora e meia a duas horas, enquanto que as consultas dos oráculos do estar costumam durar de uma a uma hora e meia. Para além dessa diferença, existe o elemento da distinção, que opera entre os oraculistas. Nesse sentido, na esteira de Bourdieu, o capital cultural dos oraculistas acaba condicionando a construção do *habitus* de classe que estruturam campos dentro do circuito holístico-oracular. A começar pelos preços

das consultas. Segundo Alexander, na consulta de Astrologia costuma-se cobrar mais caro porque a interpretação do mapa requer um trabalho prévio que dura de 1h a 1h30, além de mais uma hora e meia que dura a consulta efetiva para o cliente. “Então o trabalho começa muito antes de o cliente chegar”, diz ele.

Consultas de Astrologia, portanto, costumam ser mais caras do que as dos demais oráculos. Existem, na Astrologia, cursos de formação que podem durar até 4 anos, o que, de alguma forma, separa os universos do circuito holístico-oracular. Segundo alguns cartomantes com quem conversei, existe um preconceito de alguns astrólogos, como se os cartomantes fossem oraculistas de segunda categoria. Chegaram a comentar, também, que, muitas vezes, os astrólogos “não se misturam” com os cartomantes.

Os astrólogos possuem público diferenciado (pessoas de alto poder aquisitivo) que, a depender, despendem de 500 a 600 reais por consulta. Um deles comentou: “os astrólogos têm um comportamento diferente. Eles são mais elitizados. É como se os cartomantes tivessem nível médio, e os astrólogos, nível superior”. O *habitus* de classe dos astrólogos se constrói a partir de um saber astrológico e do público que frequenta as consultas e cursos, que conformam a distinção de classe dos astrólogos. Segundo eles, os astrólogos possuem um jargão que impossibilita o entendimento recíproco, uma linguagem que só eles entendem: “Por a gente não entender o jargão deles, a gente acaba não se misturando”, diz um deles.

Alexander é cartomante e astrólogo, mais reconhecido pelo seu trabalho de divulgação do Baralho Cigano. Ele é visto pelos pares como alguém que frequenta os diversos campos, um “ator plural” (Lahire, 2002). Ele aponta para o elemento narcísico da Astrologia: “a Astrologia tem um elemento de vaidade, de depois [da consulta] falar pros outros que a Lua dela é em tal signo”. Ele brinca ao dizer que existe um ‘Astrologuês’, que dificulta e separa os mundos sociais, tanto na interação entre os cartomantes e astrólogos, quanto durante as consultas, entre os astrólogos e os consulentes.

“É ruído até dizer chega: quadratura, Saturno, Plutão, Quíron!”. Alex o diz abertamente: “O astrólogo tem preconceito com o pessoal da cartomancia, ‘porque eu trabalho com cálculos’”, diz ele em deboche aos astrólogos, como se a cartomancia fosse mais fácil, porque eles usam programas, o que sugeriria uma prática mais complexa.

“Agora, quem trabalha com Tarô também tem preconceito com quem joga Lenormand, porque acha que Tarô tem um *logos*, falam que são tarólogos com a boca cheia, como se os outros fossem cartomantes de segunda categoria!” Alex alerta, ainda, que foi Etteila, conhecido ocultista e tarólogo, quem criou a palavra cartomancia (“primeiro foi

cartonomancia, e depois *cartomancia*”) então, segundo ele, “esse preconceito não tem o menor sentido”.

No I Encontro Carioca de Baralho Cigano, em 2012, organizado por Alex, a proposta foi, segundo ele, “tirar o Baralho Cigano da cozinha e trazer pra sala”.

“Como eu compus a mesa? Eu, Katja Bastos e Vanessa Tuleschi. Presenteei o Nei Naiff na frente de todo mundo, por ele ser minha inspiração, e Vanessa Tuleschi que é astróloga, taróloga e que joga Baralho Cigano para mostrar que não existe hierarquia entre os oráculos e pra ela falar da prática da cartomancia na vida dela” (Alexsander).

Alex fez questão de comentar um caso ocorrido com Edijane em relação ao portal Wengo (www.wengo.com.br), um site francês de grande repercussão na Europa. Alex e Edijane se submeteram a oracular por meio do site. Alex passou na entrevista, enquanto que Edijane não passou, dado que seu carro chefe de trabalho é o Baralho de D. Maria Molambo. Como trabalha também com Baralho Cigano, os dois não entenderam por que não aceitaram seu trabalho no site, que não deu qualquer resposta a ela. Alex atribuiu à intolerância religiosa e ao racismo, dado que D. Maria Molambo é uma entidade da Umbanda, além de afirmar que essa eclosão de baralhos faz parte de um significativo momento histórico da cartomancia, em que se constroem baralhos para além do Tarô e das sibilas⁴³.

Alguns oraculistas procuram, hoje, combater o preconceito em relação à profissão e adotar uma postura afirmativa, tal como Alex.

“As pessoas querem ser aceitas numa sociedade que não aceita esse tipo de oráculo. Eles querem se tornar importantes, se desgarrar da visão de cartomantes para que a família os veja de uma forma diferente. Enquanto eles tiverem essa postura, eles não vão ser nada, absolutamente nada! Eu acho que o mais importante é ter autoestima e autoconfiança. O grande problema do tarólogo é que ele tem vergonha. 80 a 90% dos tarólogos são tapa-buraco: assumem duas posturas. ‘Enquanto eu não arrumar trabalho, eu vou jogar Tarô’. Não vai ser bom profissional! Quem tá aí no mercado é quem investe na carreira de Tarô. Na década de 1990, eu dava aula todo dia e palestra 2 vezes por semana. Você tem que investir na carreira, como qualquer profissão” (Rogério).

Nadam apresentou uma visão de um relativo outsider ao circuito holístico-oracular. Ele descreve como o preconceito em relação aos oráculos é visto no campo das artes visuais.

⁴³ Qualquer baralho de cartas de vertente oracular que não obedeça à estrutura do Tarô (78 cartas, dentre elas 22 arcanos maiores e 56 menores) são chamados Sibilas. Os mais comuns são a Vera Sibila, ou grande Sibila, muito utilizada na Europa, que compõe um baralho de 52 cartas. O chamado Baralho Cigano, na verdade, é uma pequena Sibila, composto por 36 cartas. Muitas cartas são comuns às duas.

“Eu fui uma vez na casa do Tunga [famoso artista]. A gente teve uma tarde incrível, e ele me disse que o trabalho dele tinha a ver com oráculo, que tinha estudado todos os oráculos, alquimia, magia, e aí eu perguntei pra ele, por que eu vou ver uma obra do Tunga com cristais, com líquidos alquímicos sendo transformados, que tem tudo a ver com alquimia, e aí o texto da curadora diz que ‘ele é um artista visceral que trabalha com elementos’? E zero essa percepção do que é o Toros, do que é a busca pelo ouro alquímico, zero! E eu perguntei pra ele, por quê, se ele entende tanto disso? ‘Porque na minha geração não podia falar nada! Isso era tabu, não posso falar sobre religião e espiritualidade’; ele tá na geração dos artistas políticos, era uma obrigação dessa geração falar de certos assuntos e se voce começa a falar do seu misticismo, e muitos artistas têm misticismo e têm ligações espirituais fortes, mas a maioria deles não fala, e ele fez esse gesto [de silêncio]; não podia falar. E aí voce vai ver os textos do catálogo, parece que a alquimia é uma referência longínqua! Ele ficou 5, 6 anos trabalhado sobre os signos da alquimia, por que fazem isso? De onde vem, pra onde vai isso? Aí ele faz as performances e as pessoas entram em transe! Se você escutar os relatos de quem faz as performances com ele, é sempre uma coisa mística, uma coisa de catarse, é uma coisa espiritualmente intensa pra quem participa. Os relatos são todos assim, isso não tem escrito nos textos [de catálogo], passa só pelas brechas. Não entra: ‘Tunga, um artista místico’.” (Nadam).

Nadam relata, ainda, que levou suas obras para que um famoso curador as examinasse. O curador disse que “religião” não interessava a ele, fazendo referência ao Tarô e ao oráculo dos sonhos. Em outra ocasião, uma galerista ficou com muito medo de “queimar o filme dela”, porque isso gerou medo nas pessoas. “E ela é super mística, faz macumbinha na porta da galeria, mas quando ela foi fazer o embate com os clientes dela, ela sentiu medo de sofrer preconceito”, relata ele.

Por conta do preconceito, os oraculistas hoje possuem uma postura muito afirmativa em relação a sua profissão. Rogério revela duas tendências muito importantes da profissão de oraculista hoje: a necessidade de realizar cursos, de entender a cartomancia ou qualquer oráculo como fonte de conhecimento e, também, a necessidade de exposição, que marca a transição de um circuito esotérico, ocultista, para as redes sociais, os canais do YouTube e demais mídias para um circuito exotérico, afirmativo, e, por vezes, militante.

2.7 Charlatanismo, preconceito e crítica: os limites da oráculo-terapia

Certo dia, liguei para um pai de santo que distribui panfletos na Zona Sul da cidade. Apresenta-se como poderoso babalorixá que traz a pessoa amada de volta. Uma pessoa de tom jovial atendeu ao telefone, identificou-se como o próprio pai de santo e me inquiriu, com certo entusiasmo, se minha vida amorosa e financeira iam bem. Expliquei que sou um pesquisador, apresentei-me e perguntei a ele se tinha interesse em conversar comigo. Rapidamente, seu tom de voz mudou e ele me disse que não se tratava do pai de santo, e sim de uma espécie de secretário ou ajudante. Quando retornei a ligação, à noite, um senhor, o verdadeiro pai de santo, respondeu-me que não tinha tempo “sequer para comer ou para dormir”. Esse foi o único caso em que desconfiei da idoneidade de algum oraculista, não pelo fato de ter-me negado a entrevista, e sim pois seu ajudante se identificou de imediato como o pai de santo, além de seu tom de voz me parecer suspeito.

Ouvi, durante o campo, histórias parecidas que extrapolam um senso mínimo da cosmoprática oracular. Os relatos indicam oraculistas que extrapolam o universo simbólico das cartas, por exemplo.

“Tenho uma amiga que me procurou preocupada porque jogou com um cara e saiu a carta da Estrela. E ele disse: uma mulher nua, à noite, na beira do rio, sem ninguém por perto, toma cuidado! Você pode ser estuprada! Só se for por ele! (risos)” (Felipe).

A história foi confirmada por diversos outros cartomantes, dado que ocorreu com um antigo cartomante de renome. A Estrela, no Tarô, relaciona-se à esperança; na prática oracular de Felipe, nada que remeta a estupro pode ser remetido a partir do arcano, o que foge do referencial simbólico ‘legítimo’ da carta. É interessante notar que os relatos de charlatanismo operam como forma de reafirmar a idoneidade moral e a legitimidade profissional dos oraculistas, por se tratar de um campo profissional que sofre múltiplos processos de acusação e crítica. Porém, algumas práticas efetivamente sugerem fanatismo religioso e extorsão, segundo os entrevistados. Este caso também foi-me relatado por mais de um oraculista:

“Havia um templo de bruxaria em Botafogo. Já escutei historias cabeludérrimas sobre [o sacerdote]. Virou pastor da Igreja Universal. Ele misturava o que ele fazia com o jogo de pôquer. Isso foi um escândalo no meio pagão alguns anos atrás. Quando todo mundo ia embora, rolava uma jogatina. Nada contra poker, mas não é o local. É a mesma coisa que eu transformar isso aqui em prostíbulo. O ritual tinha coisa de Exu e Pombagira nos altares, mistura de egrégoras... não concordo com isso [disse um deles]. Ficou todo mundo sem chão. Ele dizia que ele descendia de uma família irlandesa e era mentira... Era pagão num dia, depois vira pastor?”

Então, quer dinheiro! Toda uma história da gente lutando contra o cristianismo desde muito tempo, o cara vira pastor? Não dá!”

À parte esse relato curioso, Dimas afirma que não há diferença entre o charlatão que entende o sistema simbólico das cartas e o ignorante. Para ele, o que importa é a intenção: “charlatão pode acertar tudo no jogo, mas mentiu. Pode até usar os acertos dela para tirar dinheiro. Qual a diferença disso? Nenhuma! Os dois têm a mesma intenção e ela é voluntária”, diz ele.

Outro oraculista relata que, na época em que trabalhava em sites de oráculo online, outro profissional comentou com ele: “não diz pra essa cliente que o marido dela vai voltar; alimenta a esperança dela! Porque ela é muito minuteira” [cliente que dá muito dinheiro]. Isso sugere uma prática antiética, dado que o veredito oracular deve ser respeitado, segundo ele.

A primeira marca importante e unânime no circuito oracular do que se considera um bom profissional do oráculo é o investimento em sua identidade profissional. Via de regra, os oraculistas possuem perfis públicos, identificando-se com nome e sobrenome, além de mostrarem o rosto. Com certeza, muitos oraculistas, pelo preconceito profissional que sofrem, decidem não mostrar o rosto ou mesmo colocar um nome-fantasia. Porém, grande parte dos entrevistados enxergam a prática com desconfiança.

Rogério afirma que “o charlatão normalmente trabalha sozinho. Atendem de portas fechadas e não freqüentam o meio oracular. Eles são reclusos; não se envolvem nos grupos”. Segundo ele, o apelo de identidade profissional excessivamente lúdico é componente comum das feiras esotéricas.

“O charlatão, muitas vezes, está se enganando, então eles acham que não precisam estudar, porque são pessoas que se autoproclamam ‘o Mago não sei das quantas’, a ‘reencarnação da Bruxa Morgana’, criam uma personagem. Eu sempre me recusei a me vestir de Cigano ou de Mago. Eu não vou me vestir de uma pessoa que eu não sou, porque você está vendendo uma imagem de poder” (Rogério, 60 anos).

O oráculo, sem dúvida, possui poderes, mas, como afirma Sarah, a questão do charlatão é a forma como o oraculista se apropria desse poder.

“O charlatão tem sempre um discurso pronto. Vai repetir o mesmo discurso pra varias pessoas. Segundo: quando ele é questionado, ele se altera. Ele não gosta de ser indagado. Terceiro: se ele faz essas coisas circenses, ele coloca as coisas com muita intensidade. Como a gente vê essa parte energética de forma muito natural, o charlatão sempre vai apelar pra idolatria” (Sarah, 36 anos).

A segunda crítica quase unânime gira em torno do universo da magia, ou de consultas com “vendas casadas”. Alguns deles relatam que muitos oraculistas, principalmente pais de santo ou ligados a alguma religião, cobram relativamente barato por consultas oraculares, mas cobram valores exorbitantes por trabalhos de magia, o que parece um lugar comum no circuito oracular. Por exemplo, quando identificam nos jogos oraculares demandas espirituais que precisam ser cortadas ou desfeitas. Os subsequentes valores dos trabalhos de magia costumam exceder mil reais. Pai Vando possui muitos relatos no universo do candomblé sobre tal prática.

“Tem muita charlatanice. Você ouve coisas do arco da velha. Tem gente que inventa. As pessoas se aproveitam da fraqueza dos outros. Eu atendi uma moça advogada, mora no Leblon. O namorado dela terminou com ela, e ela me procurou porque queria que ele voltasse, mas voltar assim, igual a um cachorrinho! Daí eu disse, expliquei pra ela que eu não posso fazer isso. Aí ela disse: Mas eu pago o quanto o senhor quiser! Aí entra o lado ruim da pessoa. Ela bate na casa de alguém que aceita isso... Porque ela tá fragilizada com a perda do namoro, ainda diz que tem dinheiro e pode pagar! Tem gente que vive disso: quando eles pegam uma situação dessa, eles deitam e rolam!” (Pai Vando).

Essa questão, todavia, extrapola o universo das religiões que lidam com magia. Ao contrário, a relação entre o oráculo e a terapia é freqüente tema de debate e mesmo embates no circuito holístico-oracular. Muitas vezes, também se desconfia das vendas casadas de consultas oraculares com aromaterapia e óleos essenciais, por exemplo.

Existe uma tendência contemporânea, no circuito holístico-oracular de expansão das terapias holísticas e complementares, que incluem muitas modalidades que enfatizam as terapias corporais, no sentido da “espiritualidade terapêutica” (Tavares, 2012) sem, todavia, a mediação da palavra, que indicam uma nova modalidade de “corpo contra palavra”, tal como analisou Russo (1993).

Porém, muitos oraculistas desdenham de algumas práticas, que se propõem a transcender barreiras do biológico, que aparecem como processos terapêuticos de cura que apelam unicamente para os fluxos energéticos. O chamado *ThetaHealing* aparece como inovação do circuito holístico, que integra a física quântica à terapia.

“Eu printei esse absurdo, isso não é uma crença, isso é uma desonestidade! Porque eles estão falando [Alex lê a postagem da divulgação no facebook]: ‘Esse curso vai trabalhar a nível atômico, expandindo as moléculas e alterando o DNA nas mitocôndrias; alinhar as moléculas do corpo, aprender telecinese, trabalhando em campo de forças magnéticas. Aprender bilocação e

aprender com as forças da natureza alterações climáticas... Esse curso é intensivo em 5 dias!’ *ThetaHealing* [tom de deboche]. Tá mais pra ‘Treta-healing’ (risos)” (Alexsander).

A questão que suscita o *ThetaHealing* não é sobre a eficácia da prática, e sim quais os contornos legítimos das práticas terapêuticas. Em outras palavras, qual a fronteira do que pode ser considerado terapia, oráculo ou magia. O *ThetaHealing* aparece como problemático justamente porque diz atuar na fronteira do biológico (“alterar energeticamente as mitocôndrias”), o que sugere uma impossibilidade físico-química, segundo Alexsander e outros oraculistas que apontaram para a ilegitimidade da prática.

Para Alexsander, assim como para muitos outros, oráculo não é terapia, já que “terapia implica uma prática continuada. Aquilo [consulta oracular] te dá um vislumbre provisório, em que você sai da consulta encantado”. As cartas podem se inserir, segundo ele, como parte de um processo terapêutico, mas não são construídas com esse propósito. A afirmação contraria muitos oraculistas, que se apresentam como terapeutas. A oráculo-terapia é alvo de muitas disputas, ainda mais para aqueles mais experientes, que identificam práticas sincréticas como meras invenções de marketing.

“As coisas são complicadas. Eu botei uma brincadeira no facebook sobre uma iniciação em Reiki Chákrico. Nem o Google tem referencias sobre Reiki Chákrico e, olhando pela conta do instagram da pessoa, e eu nem sei se ela é uma picareta, pode até ser, mas de repente ela faz aquilo com uma fé enorme, de que tem um fundamento... Tem umas coisas que naturalmente eu tenho implicância. Qualquer pessoa que prometa qualquer tipo de milagre, eu desconfio... Porque tem todo um trabalho que é interno, se você não traz consciência, as coisas não acontecem. então todo esse discurso hoje quântico, ou Barra de Access, *ThetaHealing*, você, com o toque das mãos, sua vida muda, então, você reprograma o seu DNA? Como assim? Tinha um cara na Tijuca que fazia Reiki Samurai: tirava seus chips implantados. Não dá pra levar essas coisas a sério! Quando as pessoas começam a fazer muito floreio, pra mim soa ruim.” (Felipe).

Felipe tem acordo em relação às fronteiras do corpo e da palavra. A problemática de Russo retorna de forma requalificada, a partir das fronteiras energéticas e espirituais. Muitos oraculistas afirmam, ao contrário, que o oráculo é terapêutico e que pode ser conjugado a outras terapias holísticas. A questão suscitada, todavia, é o uso indevido, segundo alguns, de saberes terapêuticos antigos que se recolocam, como no exemplo de Felipe do Reiki Chákrico (para ele, Reiki é legítimo; realinhamento de chacras é legítimo, mas Reiki Chákrico parece sem fundamento).

Nesse sentido, a maioria dos entrevistados considera como uma invenção sem fundamentos o movimento do que chamo de ‘oráculo-terapia’. Enquanto a terapêutica do oráculo é uma unanimidade entre eles, a inversão dos termos causa desdém. Uma terceira forma de acusação, portanto, aponta para repúdio a algumas técnicas aparentemente novas que se revelam como artifícios de marketing, tais como *Coaching* espiritual, que uma cartomante chamou de “Pai de Santo *gourmet*” e *Tarô-terapia*, tendência recente de abordagem tarológica, que é criticada por duas vertentes: tanto por aqueles que consideram o termo uma redundância, já que o Tarô é uma forma de terapia, quanto por aqueles que dizem que o Tarô não tem nada de terapêutico, uma vez que a terapia pressupõe consultas periódicas, o que vulgarizaria, nesse sentido, tanto as terapias, quanto o Tarô, que se trata, para eles, de consulta oracular, apenas. Tamara e Fernando sintetizam bem essa relação.

“Eu sou contra essa história de baralho-terapia. Isso não é terapia [oráculo-terapia]. Mas, de alguma forma, como você senta ali, você abre o jogo, consultando a energia da pessoa [terapêutica do oráculo]. O meu baralho não é de ficar adivinhando as coisas. É muito mais aconselhamento, são muitas possibilidades!

Fernando acrescenta: “A partir do momento em que você tá cheio de angústias, o baralho vai te mostrar a sua realidade.

“Mas como não é contínuo, você não pode chamar de terapia. A maioria das pessoas precisa de terapia, porque estão completamente desalinhadas!” (Tamara).

Felipe é ainda mais crítico da oráculo-terapia.

“Eu não gosto da expressão Tarô-terapia. Eu acho isso um marketing barato, porque o Tarô tinha um lugar de uma coisa meio pobre da cigana da esquina. Quando eu falo Tarô-terapia, boto Jung no meio, é uma coisa de marketing pra dar uma valorizada” (Felipe).

Felipe relata que frequentemente indica psicólogos para os clientes. Mas, ao mesmo tempo, diz: “eu tenho uma amiga que é psicóloga [psicanalista freudiana] que manda cliente pra mim”. Ela relata que, no processo terapêutico, não consegue colocar algumas questões para a cliente, e o Tarô facilita que ela se enxergue com mais clareza e mais rapidamente determinada questão clínica. “É diferente e eu posso fazer um comentário mais incisivo. Essa dobradinha [Tarô e terapia] funciona muito bem”, diz ele. Marcelo ainda diz que é sempre necessário fazer terapia e que frequentemente indica a seus consulentes, quando as cartas assim recomendam.

Assim como a oráculo-terapia é condenada, por se tratar de uma prática que apenas parece requintar a prática do Tarô, Joana afirma que os charlatães, na verdade, atraem pessoas

na mesma freqüência energética e espiritual deles. Assim como os consulentes que encontram charlatães, consciente ou inconscientemente os procuram!

“Eu não acho que existam charlatães, existem pessoas ignorantes, que não têm conhecimento. Mal comparando, eles são obsessores⁴⁴, ou seja, são galhofeiros. Ele é cinzento. Um charlatão está enganando a ele mesmo. Então ele só dá passagem a obsessores. Ele só vai atrair pessoas que tem afinidade com obsessores e galhofeiros. Então cada um tem o que merece! ‘Ah, eu [cliente] não sabia!’ Será?! É um diferente estágio de evolução, só isso” (Joana).

Joana sugere que, inconscientemente, tais pessoas procuram respostas quaisquer a suas perguntas, não assumem postura reflexiva e mesmo que são displicentes com a própria vida. Em outras palavras: “semelhante atrai semelhante”, como define a lei da atração⁴⁵. Felipe concorda com Joana.

“Eu acho que a gente tem um público que tem a ver com você. Eu jogo pro universo e aparecem pessoas que têm mais ou menos a minha *vibe*. Eu não tenho essa coisa da cliente desesperada que quer voltar toda semana perguntando de amor. ‘Ah, eu encontrei com José. Será que Raimundo é fiel?’ Esses assuntos podem até existir, mas não de uma maneira pequena. A pessoa que tá com essa preocupação não vai pagar 215 reais em uma consulta; vai pagar 40 reais e um pacote de velas, que vai ficar te enrolando, manda fazer um banho de rosas (risos). Sem desmerecer, mas essas pessoas, de fato, não são ajudadas. Elas acham que, se encontrar a pessoa certa, todos os assuntos do campo emocional vão se resolver. Não! Você precisa fazer os consertos internos e aí sim pessoas bacanas vão aparecer, e, se não der certo, vai ficar tudo bem. O seu problema hoje é o que? Você acha que só vai ser feliz se você tiver alguém. Isso é uma besteira enorme.” (Felipe).

2.8 Conclusão

A partir da proposição de uma análise do estatuto do trabalho e do campo profissional dos atores, chega-se ao difícil enquadramento dos oraculistas como trabalhadores autônomos, em tempos de desproteção social e flexibilização do trabalho que, ao mesmo tempo, compartilham da mobilidade ascensional da classe média, que permite o trânsito dos

⁴⁴ Obsessores são espíritos ou pessoas encarnadas que sugam energia de outrem, por conta de processos de obsessão espiritual, interferindo no karma alheio.

⁴⁵ Como veremos no Capítulo III, é quase unânime a ideia de que os consulentes e oraculistas se afinizam em todos os sentidos: energética, espiritual, cármica e cosmicamente

atores por entre diferentes campos, como atores plurais (Lahire, *op. cit.*), configurando a profissão de oraculista também como estilo de vida, para além de uma forma de vida.

Observou-se que os oraculistas formam uma segunda ou terceira geração dos terapeutas alternativos no Rio de Janeiro, cujas modalidades de ação, discursos e práticas não foram completamente aclaradas. O trabalho de Tavares (2012) configura uma tentativa de compreensão das terapias holísticas que necessita, porém, ser complementado pela análise de uma “terapêutica do oráculo”, o que retira dele a simples referência a uma ordem temporal, como previsão de futuro, e que se expressa na forma reflexiva e terapêutica de leitura das cartas.

A quantificação e a precificação dos bens e serviços espirituais, terapêuticos e oraculares também carecem de maiores esforços de pesquisa e, como argumento, são um patamar fundamental não somente na construção do campo profissional, na legitimidade de seu trabalho e como forma de autoconstrução de si, para além da autoconstrução de moradias. Nesse sentido, a construção do ‘autovalor’ e da ‘energia de troca’ são modalidades essenciais de atribuição de valor ao dinheiro.

Invertendo a proposição entre terapêutica do oráculo e a oráculo-terapia, existe uma grande diferença para os atores: a primeira, entendida como camada das consultas oraculares que é capaz de revelar insights terapêuticos, e a segunda, como prática duvidosa de possíveis filões e novos nichos de mercado, de onde podem surgir charlatães.

Assim, no próximo capítulo, pretende-se afinar a concepção de corpo, mente e espírito e entender as três dimensões a partir de seu aspecto cósmico, em conjunção com a construção do *self* holístico. Dessa forma, o oráculo integra não apenas trabalho, profissão e uma forma de vida, como também uma missão de vida, que se expressa a partir do destino e do livre-arbítrio, da intuição, de entidades, espíritos e Orixás e de capacidades perceptivas extrassensoriais.

3. COSMOLOGIA E PESSOA: A COSMICIZAÇÃO DO SELF HOLÍSTICO

3.1 Introdução

A cosmopraxis do oráculo possui uma dimensão fundamental de reencantamento do mundo. Entender a vida como oráculo é parte integrante da experiência dos oraculistas. Nesse sentido, a ordem cósmica apresenta um universo encantado para eles, que são capazes de captar sinais sincrônicos, seja em suas consultas, como também em seu cotidiano.

O estabelecimento da forma de vida oracular pressupõe, também, requisitos de integração entre a pessoa e o *cosmos*. Especificamente, procuro entender a dimensão da ‘pessoa holística’ como possibilidade interpretativa. Como visto anteriormente, tal configuração de pessoa conjuga corpo, mente e espírito e se integra no *cosmos* a partir (i) dos corpos áuricos e dos chacras e (ii) por meio de faculdades perceptivas conhecidas como ESP (*extrassensory perception*), ou percepção extrassensorial, que fazem parte do repertório parapsicológico, assim como da cultura espírita, que postula o termo ‘mediunidade’⁴⁶, em interação com energias, espíritos, entidades e Orixás.

A construção da pessoa, como preconizado por Mauss (2017), dos cartomantes e oraculistas integra a cosmopraxis oracular, a partir do individualismo moderno, particularmente a partir do *self* individualizado na segunda modernidade, da orientalização, da presença de energias, entidades e espíritos, próprias da cultura espírita e, ainda, das faculdades de percepção extrassensorial.

Nesse sentido, a pessoa holística possui alma e espírito; destino e livre-arbítrio; individualismo e holismo; carma e darma; intuição e ESP. Assim, procuramos discutir brevemente os antecedentes da construção da pessoa holística, integrando-o às energias, entidades, Orixás e espíritos a partir de sua intuição ou ESP. Dessa forma, a pessoa holística passa a ser entendida em relação movimento que procuro chamar de cosmicização, que significa a integração do *self* holístico com o cosmos, a partir de sinais e sincronicidades cosmocêntricas e espirituais.

⁴⁶ Mediunidade pressupõe a ideia de que o médium é um mediador entre o plano material e espiritual, além de implicar um dom, e não uma profissão, como discutido no Capítulo II. Por isso, prefiro o termo percepção extrassensorial, que é menos carregado da dicotomia matéria/espírito (Cavalcanti, *op. cit.*), que não se coaduna com a cosmopraxis oracular, uma vez que o *cosmos* aparece como uma síntese encantada desses mundos.

3.2 Cosmicização, orientalização e sincronicidades

A forma de pessoa do *self*, que se situa como um desdobramento radicalizado do ‘eu’, proposto por Mauss (2017), trata-se de um fenômeno próprio da segunda modernidade, ou da modernização reflexiva⁴⁷. Como exposto no Capítulo I, a partir do modelo do *self* se desdobra o descentramento da neurose para a autonomia, segundo Ehrenberg (*op. cit.*), o deslocamento da moralidade tradicional para a moralidade pós-convencional (Habermas, *op. cit.*), assim como a cosmopolitização do “Deus de cada um”, a que se refere Beck (2016).

Assim, outra camada que poderia ser acrescida à teoria da modernização seria o exame de uma segunda dimensão da construção da pessoa na modernidade. Uma delas é, de fato, a que preconiza: o aspecto racionalista, cientificista, iluminista que conforma um tipo de individualismo quantitativo (Simmel, 1971), ou seja, o individualismo sem o qual não se poderia galgar a esfera pública e a construção dos direitos civis, ou seja, o individualismo pela igualdade, próprio do século XVIII (Simmel, 2006, p. 83 ss.). Porém, o individualismo do século XIX se constrói pela diferença, como uma reação da autenticidade frente à “sociedade de massas” que se torna a modernidade (Simmel, 2006; Tocqueville, 1979). Surge, daí, o elemento do expressivismo, que, segundo Taylor, trata-se de uma “filosofia da natureza” que articula um impulso interior ou *élan* que precisa ser expresso e se articula com o ideário de vocação, originalidade e “individuação radical” (Taylor, 1997, p. 480-483).

Assim, não proponho um dualismo expressivismo-iluminismo, mas sim uma possibilidade interpretativa que integre-os como um fe(i)tiche. Observamos, a partir dos dados empíricos, que a tensão não explorada pelos autores entre os pólos iluminista e romântico-expressivista, fundantes da pessoa moderna se combinam na chamada Nova Era de formas específicas: segundo Amaral (2000), a cosmovisão do amor-sabedoria – seu elemento ‘romântico-expressivista’ –, opera em contraponto à lógica da energia-poder, de inspiração neoiluminista, que se exprime a partir de ideários e práticas científicizantes, como as paraciências, a “teodiceia racionalizante” do espiritismo e da reflexologia, por exemplo.

Dessa forma, quando o romantismo emerge como contraponto à racionalização iluminista, pode-se afirmar que a Nova Era encontra seus antecedentes históricos de forma muito anterior à contracultura ou aos “novos movimentos sociais” (Alexander, 1998). Ao contrário, encontra sua base no romantismo clássico – porém, transcendendo-o –, no

⁴⁷ LeBart (2008) faz uma leitura muito interessante que não envolve a modernização reflexiva. Segundo ele, o marco histórico de Maio de 1968 conformou o que chama de “segundo individualismo”, que se caracteriza pelas mesmos atributos salientados por Beck.

ocultismo (Granholm, 2014) dos clássicos ocultistas difundidos nos países anglo-saxões, mas também no que James chama de “religião do equilíbrio mental” (James, *op. cit.*, p. 81 ss.), um conjunto de discursos e práticas religiosas que surgem dentro do Cristianismo. Trata-se de um fenômeno de tal forma difuso e complexo que seria impossível estabelecer marcos históricos precisos.

Anthony D’Andrea ressalta que o expressivismo do *self*, aliado à formulação de pureza individual marcam o que chama de “*self* perfeito”, ou seja, um *self* que se entende em busca de evolução espiritual e que reluta em absorver o tecnicismo e o racionalismo modernos. A tensão que se instaura entre a pureza individual e o carma coletivo são uma marca do *ethos* da Nova Era (D’Andrea, 2000, p. 103).

Todavia, o que se pode afirmar é que o *ethos* da Nova Era compartilha do hedonismo e do otimismo próprios do neorromantismo, além do elemento da perfectibilidade do *self*, ainda que compartilhe de traços iluministas, como destacam Amaral (*op. cit.*), D’Andrea (2000) e Magnani (1999). Além de esses autores enfatizarem dicotomias muitas vezes tão dificilmente verificáveis empiricamente, o que os autores desconsideram é a forte influência de uma leitura ocidental de diversas práticas e discursos de matiz orientalizante, em sintonia com o *cosmos*.

A dissolução da pessoa, a que Mauss (*op cit*, p. 403-404) se refere em relação à Índia, de individualizar o eu para, em seguida, dissolvê-lo (*Ahamkara*, ou consciência individual que permeia o *cosmos*), é uma forma bastante recorrente; porém, no contexto da modernidade tardia. Essa forma da pessoa adquire notoriedade, por exemplo, dentre as múltiplas práticas meditativas que os atores praticam antes das consultas, de reequilíbrio dos *chakras* e da energia vital.

Marcos, 57 anos, um dos pioneiros do *Mindfulness*⁴⁸ no Brasil, não se enquadra bem no universo dos oraculistas. Porém, sua vivência espiritual o faz se considerar, como muitos outros entrevistados, um “espiritualista”⁴⁹, apesar de frequentar regularmente um centro de budismo tibetano. Segundo ele, sua incapacidade de ver espíritos e seu realismo não o impedem de ter uma interpretação oracular para a vida e, com isso, prever seu próprio futuro; nesse sentido, sua prática espiritual se coaduna com o princípio de atenção plena da meditação. Em suas palavras, “você atrai o que você pensa”.

⁴⁸ *Mindfulness* ou atenção plena é uma técnica de meditação pautada no foco do “aqui e agora”, muito utilizada por empresas no ambiente corporativo.

⁴⁹ Essa categoria nativa enfatiza o contraste entre a cosmologia espírita e a cosmopraxis oracular. Não se trata nem de espíritas kardecistas ou umbandistas, nem de praticantes de religiões orientais, e sim de um tipo próprio de adepto da espiritualidade, em oposição à própria noção de religião.

Marcos narra sua vida como uma viagem. Aliás, sempre se refere à viagem de Macchu Picchu e às experiências vividas na região como um marco fundamental de sua vida. Um pouco diferentemente dos “buscadores” (Bastos, 2016), Marcos capta sinais da ordem cósmica pela simples atitude de vivenciar o presente com atenção plena. A partir de suas práticas meditativas, diz que é capaz de captar sinais cósmicos a partir da sincronicidade. “Basta você se conectar, que você consegue as respostas que você deseja do universo”, diz ele.

Marcos teve um momento epifânico quando viajou a Macchu Picchu. Avistou um pássaro no céu, como um falcão, que, segundo os locais, está ligado à essência do deus Ink. “Isso aí é um bom presságio”, disse um guia local. A ave no céu significou, para ele, a liberdade que necessitaria para seguir a vida em diante: largou o emprego e se tornou terapeuta em Meditação. Muitos outros oraculistas relatam esse tipo de experiência de receber sinais do universo.

“Meu pai faleceu há 12 anos. Na caixa de correio, tinha um envelope pro meu pai. Falei pro meu filho: ‘engraçado seria receber, 32 anos depois, uma carta da minha mãe’. Você acredita que, no dia seguinte chegou uma carta da minha mãe? (Risos) Eu te juro por Deus!” (Rita).

Rita me explicou que essas experiências servem como uma mensagem do universo para que tenhamos fé na vida. Nadam também aborda o cosmos como um oráculo. Segundo ele, “tudo o que acontece nesse instante, participa de tudo o que se insere nesse mesmo tempo”. Para ele, é esse o sentido da sincronicidade: a interação entre o microcosmos e o macrocosmos. “Então, eu posso jogar moedinhas e varetas e isso vai estar falando do momento de agora”, diz ele.

“O oráculo depende primeiro de uma pergunta. Tem momentos que você fala: ‘será que é isso que eu deveria fazer? Será que é esse o caminho correto?’ Então, quanto mais clara é a pergunta pra você, mais clara é a resposta. Aí você tá andando na rua e vê uma propaganda de Coca-Cola e vem a resposta! Qualquer coisa pode ser a resposta pra sua pergunta” (Nadam).

Identificamos tal cosmoprática em termos holistas, em oposição ao individualismo (Dumont, 1985; 1992), segundo a leitura dumontiana de englobamento da lógica da ordem do universo/cosmos, ou seja, uma cosmovisão, em relação ao valor-indivíduo. Por outro lado, tal fenômeno também pode ser entendido como expressão do que Campbell (2007) entende como *orientalização*.

A tese de Campbell envolve uma hibridização do que o Ocidente entende como Oriente. Para ele, a orientalização se configura como uma nova teodiceia⁵⁰ no Ocidente. Trata-se, segundo ele, da desconstrução do materialismo dualista ocidental com a construção de um monismo metafísico oriental, de onde se desdobram diversas consequências culturais de escala macrossociológica. Essa teodiceia se estabelece a partir de crenças e práticas orientalizantes, tais como o carma, a reencarnação, o Yoga e o Feng Shui, do revivalismo da natureza e dos movimentos neopagão e New Age, assim como de tendências místico-ocultistas difundidas desde o início da modernidade (Campbell, 2016, p. 319).

A orientalização é também verificada por Bastos (*op. cit.*) em relação aos “buscadores” da espiritualidade na Índia e possui inflexões muito particulares no contexto em questão. Bastos mostra que os “buscadores”, viajantes em busca de espiritualidade na Índia, imiscuem a orientalização com a autenticidade, o que mostra que ambos os modelos de pessoa são compatíveis e complementares. Porém, é imprescindível discutir, para entender esse quadro da noção de pessoa, o fenômeno da reencarnação, que se aproxima, no caso dos oraculistas, portanto, por uma concepção reencarnacionista da pessoa, que tem a ver com as noções de espírito ou alma, como veremos adiante.

O quadro da pessoa holística, portanto, se complexifica quando percebemos que os atores realizam uma certa bricolagem entre a ordem do universo, que parte dessa cosmovisão orientalizante, com a “ordem” da lei do carma, das encarnações e reencarnações. Tal discussão é central e se expressa na visão que os atores formulam sobre o oráculo, no sentido específico do lugar que ocupam o “destino” e o “livre-arbítrio”.

3.3 Alma e espírito; destino e livre-arbítrio

Partimos da constatação de que a tensão entre as noções de ‘alma’ e ‘espírito’ é central para a compreensão da noção de pessoa desses atores. Se, por um lado, a alma tem caráter individualizante, o espírito adquire caráter holístico englobante, nos termos de Dumont (1992), que se conecta ao ordenamento do *cosmos*. Percebemos que os atores operam por atribuições próprias do que entendem como sua própria ‘alma’ e seu próprio ‘espírito’.

A noção de alma diz respeito a um anseio fundamental, autenticidade como expressão da natureza pessoal, tal como proposto por Taylor (*op. cit.*) acerca do expressivismo

⁵⁰ Campbell retoma Weber, que entende a teodiceia como a relação entre Deus e o mal, sobre as diversas cosmogonias que lidam com a imperfeição no mundo (Weber, 1974, p. 412).

romântico, que se expressa no universo do caminho profissional ou da carreira: faz parte tanto do universo da cultura espírita, em confluência com a orientalização, quanto da autenticidade e da perfectibilidade do *self*. A fala de Sandra é exemplar, nesse sentido.

“Eu aprendi muito também com o [Luiz] Gasparetto. Uma coisa que ele falava, que eu concordo com ele, é: ‘qual é o anseio da sua alma? O que a sua alma quer?’ Porque se a alma quer uma coisa e a mente quer outra, o corpo paga com doença, com depressão... O *ideal* seria que a gente estivesse em harmonia: corpo, mente e espírito (Sandra).

Assim, ‘alma’ aparece como uma espécie de síntese do espírito, da mente e do corpo encarnado, que está sempre atrelada a um desejo, ensejo ou anseio do sujeito. A alma sempre quer algo, almeja algo, projeta sua vida, no sentido mesmo dos projetos de vida (Velho, 1999, p. 23).

Um dos livros mencionados por Sandra, *A Viagem de uma Alma*, de Peter Richelieu (1995), é ilustrativo nesse sentido: trata-se de uma narrativa em primeira pessoa entre um rapaz que acaba de perder o irmão e seu Mestre indiano, que o instrui sobre os mistérios da morte, da reencarnação e do plano astral. A noção de alma que aparece no livro retrata como algumas almas são “velhas” ou “novas” a partir do processo evolutivo do espírito. Trata-se da diferença entre o holismo dissolutivo, “em que o *self* se dissolve no todo” (espírito) e holismo individuado, “em que o todo é expressão da pessoa” (alma) (Heelas, *op. cit.*, p. 238).

Nesse sentido, conhecer a própria alma, como enseja o autoconhecimento, relaciona-se ao ordenamento do cosmos, uma vez que, se o indivíduo conhece a si próprio, o universo responderá ao anseio de sua alma e, assim, será capaz de transcender seu carma e realizar seu darma.

Assim, a partir do tripé autoconhecimento-previsão-terapia, os oraculistas sabem muito bem que as previsões podem indicar padrões de comportamento que trazem sofrimento ao consulente. Segundo eles, a relação entre destino e livre-arbítrio é complexa e tem muito mais a ver com o carma e o darma – tanto seus, quanto dos consulentes – do que qualquer outra coisa. Destino e livre-arbítrio são, assim, inseparáveis e dependem diretamente do carma e do darma.

“Eu, hoje em dia, tenho muita dificuldade de entender onde começa destino e livre-arbítrio. Às vezes podemos falar: ‘seu destino é ter livre-arbítrio!’ (risos). A gente enxerga como coisas separadas, mas na verdade, são uma coisa só. Pra você ter livre-arbítrio, você tem que ter destino. Porque se você não tiver um destino, você não tem uma base, uma referência pra fazer escolhas. Porque quando a gente fala de destino, é um *não-tingo*, você não guia, você não dá direção pra sua escolha. Como se você tivesse que seguir uma direção determinada. Porque

quando a gente nasce, nós temos um destino. Você não nasceu com asas. Você não pode ter asa. Alguém pode dizer: você está indo longe demais. Não! Você chega num ponto em que você não tem poder de escolha: você não pode parar de comer, não pode deixar de respirar, não pode parar de fazer cocô. Você nasceu numa família. Você pode até fugir dela, mas você não pode apagar seu nascimento, sua ancestralidade. Você pode desconsiderar os seus pais biológicos, mas você não pode negar sua genética. Você tem uma marca indelével (Dimas).

Muitos deles estão saturados do discurso que preza pelo livre-arbítrio. Quando os questionei sobre a relação entre destino e livre-arbítrio, seus esforços concentraram-se em mostrar que somos muito mais constrangidos pelo destino do que imaginamos e que nosso livre-arbítrio é limitado.

“As pessoas hoje adoram falar em livre-arbítrio. Você morre, cadê seu livre-arbítrio? Seu marido te abandona, foge com a vizinha, cadê seu livre-arbítrio? Isso vem muito da autoajuda, que é uma ideia completamente equivocada! Vem desses livros: ‘Você pode tudo!’; ‘Pense, que você consegue!’. Não! Você pode aceitar; tem coisas na vida que não têm volta. A Torre: o destino é esse. Ela não aceita a Torre porque é livre-arbítrio dela” (Rogério).

Segundo Rogério, carma trata, simplesmente, de “questões além da compreensão humana”. Ele associa o carma às cartas da Temperança, da Torre e do Julgamento. “Ou você transcende, ou você se ferra! (risos)”, diz ele. Transcender, no sentido de não racionalizar, em suas palavras. Processos cármicos, portanto, reportam a situações que, “enquanto a pessoa não muda, as situações se repetem”. “Exemplos: a pessoa casa três vezes e, em todas, apanha do marido; em todos os trabalhos por que a pessoa passa, existem situações de inveja que a afastam”. Ele questiona: “será que ela era capacitada para o trabalho? Enquanto você não aprende com sucessivos erros, você se ferra: isso é carma”.

A maioria dos oraculistas é reencarnacionista, ou seja, associa o carma pessoal a questões de vidas passadas. Porém, como afirma Rogério, o carma apela para a transcendência da racionalidade cartesiana ou etiológica, ou seja, trata-se, apenas, de questões cuja compreensão serão menos sofridas, caso se apele para a transcendência. Essa questão é central para estabelecer como os oraculistas lidam com certos padrões de comportamento repetitivos dos consulentes, para como ponderam a relação entre previsão, autoconhecimento e terapia. Felipe exemplifica:

“Eu não confio em livre-arbítrio. O destino não é uma coisa gravada em pedra. Você pode conduzir as coisas da maneira que você quiser. Mas, ao mesmo tempo, tem uma certa tendência. Livre-arbítrio pra mim é assim: você pergunta pra mim se você vai passar num concurso. Você

fica em casa, não sai pra beber e estuda muito. ‘A partir do momento em que o Marcelo falou que eu vou passar, vou à praia, paro de estudar e tal’. Não passou. Mas, não passou por quê? No meio do caminho, você mudou a sua tendência. E o inverso é verdadeiro. Eu falo que você não vai passar, a pessoa fica puta comigo, estuda muito e, seis meses depois, passou! Você passou porque você não tinha a menor chance naquele momento, mas você se qualificou para isso” (Felipe).

Se, para ele, o jogo é um retrato do momento, enfatiza muito pouco a dimensão da previsão, que, como vimos, não necessariamente significa inscrição temporal de destino. Nesse sentido, Felipe apela para a percepção da ontografia do oráculo, tal como pretende Holbraad (*op. cit.*): as sentenças oraculares transformam o fluxo do destino. “O jogo é um retrato do momento. Obviamente, o jogo tem sempre uma tendência de futuro, mas é um futuro provável. O meu jogo fala muito de como voce está lidando com as situações”, diz ele.

A construção do destino, portanto, é intimamente relacionada ao carma e ao livre-arbítrio. Tamara possui outra concepção de carma que incide sobre sua prática oracular.

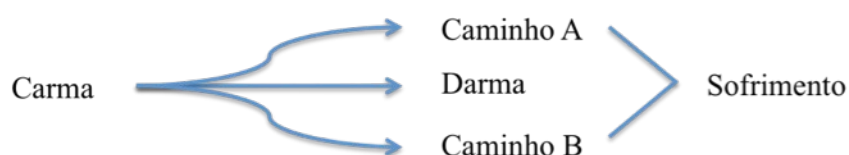
“O carma existe, que é o porquê de você reencarnar. É aquilo por que você vem aqui, eu acredito que você venha com um propósito. O carma é aquilo por que você precisa passar pra você aprimorar, pra que você possa – eu não gosto da palavra evolução, não! – trilhar o seu caminho como ser. Eu sou reencarnacionista. Então o carma ele é mais latente em alguns momentos. Principalmente quando você se torna uma pessoa mais madura, que você vê o seu propósito. Em relação a destino, eu acho que a gente tem uma pré-disposição. De acordo com os astros. Eu sou a Tamara que nasci ariana. Não! Eu sou ariana porque eu sou Tamara, consegue entender? Mas, eu acredito que muita coisa você é quem faz. O oráculo serve exatamente pra te mostrar as possibilidades! Quando envolve o outro, você não vai ter livre-arbítrio total. Você não pode influenciar as outras pessoas. Claro, existem magias, mas eu estou me referindo ao seu poder pessoal. O seu poder pessoal não pode influenciar as outras pessoas, só a forma como você vai lidar com elas”.

Fernando responde: “Por isso que muita gente por aí tenta mudar o destino, mesmo com magia pesada, e não funciona e, às vezes, volta de uma forma péssima pra você. Por causa do carma mesmo daquela pessoa”

“A minha mãe foi uma mulher que nunca teve sorte no amor, por exemplo. Ela passou a vida toda cuidando de alguém. Isso com certeza é um carma dela. Ela veio nessa vida pra cuidar. Ela aprendeu a lidar com isso porque ela conseguiu vivenciar o carma dela da forma mais positiva possível” (Tamara).

A questão é que, como a alma escolheu passar por essas experiências, lutar contra o carma a partir do livre-arbítrio não é exercer o livre-arbítrio em sua magnitude, e sim, apenas, falta de cuidado de si (autoconhecimento). Nesse sentido, é necessário estabelecer uma inversão de perspectiva para a compreensão da relação entre destino, carma e vidas passadas.

Tabela 07 – Carma e darma à luz dos oráculos



Plano reencarnatório

Livre-arbítrio

Registro akáshico

Ética: sorte e azar.

Exercício do livre-arbítrio do espírito: encarnação em uma alma específica.

Vidas futuras: acúmulo de novas informações no registro akáshico e, de acordo com o caminho escolhido, retorno para resolver questões pendentes.

Bagagem cármica para exercer o darma.

Na tabela 07, podemos observar que o sofrimento é associado não à restrição do carma ou do destino. A ética dos oraculistas passa muito mais por ‘abraçar’ o carma e por entender que o destino é parte da experiência de vida na Terra, já que a própria alma escolheu, a partir do exercício do livre-arbítrio, encarnar como determinada pessoa, no plano reencarnatório.

Nesse sentido, a mãe de Tamara é feliz, graças à compreensão de seu carma e de seu destino. Isso impacta a forma como Tamara utiliza o oráculo.

“Eu jogo pra pessoas que nunca vão ser feliz no amor. Eu vejo isso. A pior coisa são as mulheres que me perguntam se vão casar e ter filhos. É uma facada no meu coração, por que, às vezes, eu vejo que não, porque não é do caminho da pessoa viver isso. Eu falo com muito cuidado, porque eu sei, como terapeuta, que eu vou afetar a vida da pessoa se eu jogar essa informação de qualquer jeito” (Tamara).

Apesar do sofrimento, existe o elemento de conscientização. Por isso, Tamara afirma, ainda: “o oráculo nunca me deixou impressionada a ponto de eu não dormir; ele é um

conselheiro”. Como ouvi de muitos outros oraculistas, o sofrimento não está em descobrir seu carma e seu destino, e sim em lutar contra a expressão de sua alma.

Todavia, existe nítida diferença de abordagem em relação aos ‘oráculos do ser’ e aos ‘oráculos do estar’, no sentido da relação que os oraculistas estabelecem entre destino e livre-arbítrio. Via de regra, os oraculistas do ser operam por um apelo maior ao destino, ao lidar diretamente com o carma e o darma dos consulentes, uma vez que se deparam com questões existenciais de autoconhecimento com mais freqüência. Por exemplo, uma consulta de búzios é capaz de indicar os Orixás e o Odu que regem o consulente por toda a vida, assim como o mapa natal, na Astrologia, indica as tendências de personalidade imutáveis, como uma espécie de “essência” do consulente.

Marilda, 83 anos, diz que o mapa natal representa mais do que o destino: é um “decreto”. O mapa natal representa um retrato do céu no momento e no local do nascimento de uma pessoa ou lugar. Segundo ela, se assim não o fosse, “poderia rasgar o mapa todinho! A Astrologia não existiria se não fosse um decreto”. Questionei Marilda acerca do determinismo de sua proposição:

Augusto: Parece que você sempre coloca o livre arbítrio como algo do tipo: se você fugir da raia, você vai sofrer...

Marilda: Veja bem, você vai sofrer, mas o que você quer dizer com fugir da raia?

Augusto: Fugir do que está no seu mapa natal.

Marilda: Pois, se você fugir do seu mapa, eu vou te dizer que você é burro! (Risos). Veja o seguinte: as pessoas ficam dando interpretação pro mapa dentro de uma coisa menor. Você é um ser humano: você não pode fugir de ser ser humano. Você não é um cachorro, você não é um jabuti... você não pode fugir disso! A Virgem⁵¹, por exemplo, precisa ser útil, que é a melhor palavra. Agora, o que eu vou fazer pra ser útil, o que você vai fazer pra ser útil... Aí é livre arbítrio, entendeu? Quando você escolhe, você tá mexendo numa coisa que se chama sorte ou azar. Agora, deixa eu explicar, porque eu falo simples, mas eu falo complexo. Entenda: o mapa astrológico é um decreto. Quando eu digo isso, eu sei que 500 pessoas vão dizer: não é um decreto! [Ela bate uma mão contra a outra]. É um decreto! Porque se não fosse um decreto, você não teria nascido com Sol em Virgem, que mais? Sua Lua?

Augusto: Sagitário.

Marilda: É, você tem cara de Sagitário. Você não teria nascido com a Lua em Sagitário e com ascendente em quê?

⁵¹ Eu e Marilda somos virginianos, ou seja, possuímos o Sol no quadrante de Virgem no mapa natal, de onde surgiu o exemplo em questão.

Augusto: Gêmeos⁵².

Marilda: Ascendente em Gêmeos. Isso é um decreto! Um destino... Decreto é uma palavra suméria. Se eu falar destino, você entende mais. Mas, eu vou além do destino: os sumérios já conheciam astrologia muito bem. Eles diziam: se o meu decreto é isso, eu vou fazer isso. E tinham sucesso. Se você aprender o que é Virgem, você vai ter sucesso. E Virgem quer prestar serviço pra quê? (Qualquer coisa que você for dizer é besteira.) Pra ser indispensável! Consulta grátis, hem! (Risos).

Marilda sugere, então, que o mapa natal das pessoas seja interpretado como forma de alinhamento tanto com o propósito da ordem cósmica, como da missão de seu espírito, seu “decreto”⁵³. Assim, todo virginiano deve encontrar uma forma de ser útil e, principalmente, indispensável, para que seu destino se cumpra. Essa vertente cosmológica da construção da pessoa holística possui, então, repercussões diretas sobre a interpretação oracular. Marilda, por exemplo, classifica os astrólogos que apenas descrevem características de personalidade como “principiantes”, já que, para ela, o decreto não abre possibilidade dessa interpretação.

Para Simone, quiróloga, o espírito encarna com uma disposição à evolução, e, no “plano pré-estabelecido”, *escolhe* encarnar em determinada família e com determinada vida exatamente pelo exercício de seu “livre arbítrio”.

“Porque eu acredito que você vem com a família A, com a mãe B, com o pai C, com o irmão D, com o primo C por esse plano pré-estabelecido. Minha visão, o meu olhar – ninguém vem a esse tempo, a essa encarnação, nesse plano espiritual de expiação e culpa porque é obrigado. Ninguém é obrigado a fazer nada. Nós viemos porque temos apegos, porque ainda temos coisas que a gente ainda fica ligado... Porque eu fiz, porque eu sacaneei, ou porque eu deixei de fazer. Isso é nosso. Então nós viemos justamente pra transcender, pra despertar, pra desconectar. Eu os escolhi por algum motivo de aprendizagem, por troca, por chegar num trabalho de perdão. Aí eu não sei te dizer, quando chegar lá eu te mando um fax (risos)” (Simone).

A relação entre destino e livre-arbítrio, na perspectiva dos oraculistas envolve a dimensão da pessoa, de forma que a pessoa não somente encarna no corpo, mas tem uma alma que escolhe encarnar em determinado corpo, em determinado momento e lugar – que determina nosso mapa natal. Segundo Joana, “a gente é alma com corpo, e não corpo com alma. E essa alma tem a bagagem dela”.

⁵² Um dado importante do campo é que as entrevistas acabam tornando-se consultas particulares, sem que eu assim requisite aos atores. Esse aspecto não poderá ser desenvolvido, dados os limites do presente trabalho.

⁵³ Marilda também trabalha com metagenealogia, constelação familiar e terapia de vidas passadas. Possui forte ênfase em Astrologia cármica.

Pai Vando afirma, em relação ao pai de santo que utilizava de meios mágicos para conseguir dinheiro de seus filhos de santo, que o Candomblé possui uma visão de livre-arbítrio sempre submetida à lei de causa e efeito. Nesse sentido, afirma que o pai de santo “pagou” pelos erros com o diabetes logo antes de falecer.

“Na nossa religião, existe o livre arbítrio: você faz aquilo que você quiser fazer. Claro, que amanhã você vai pagar por aquilo, mas ninguém vai te impedir, entendeu? É da cabeça de cada um, é a índole de cada um. Tem gente que não tem índole nenhuma, que é ‘venha a nós’, mas ‘ao vosso reino’, nada, né? (Pai Vando).

O interessante de ser enfatizado é que a maioria dos oraculistas não aceita a cosmologia kardecista mesmo no sentido do que chamam de “evolução”. Segundo Cavalcanti, o espiritismo pressupõe a dualidade cosmológica entre matéria e espírito, como também, a evolução do espírito.

“A cada nova encarnação o Espírito esquece o seu passado. Entretanto, nessa nova vida, o perispírito, elemento central para a compreensão das sucessivas passagens que o Espírito empreende entre os dois mundos, funciona como “um molde do corpo”. Ele é o registro de todas as vidas pretéritas: tudo a que o Espírito submeteu seu organismo físico, desde as mais variadas emoções e atitudes até todos os tipos de vícios, nele se inscrevem. O determinismo do carma estará assim presente em cada nova vida do Espírito em dois planos:

- a) ao nível da matéria, do corpo e
- b) ao nível das situações concretas em que o Espírito encarnado se verá envolvido – a família em que nasce, sua riqueza ou pobreza, as relações que trará ao longo da vida. Todavia, o *esquecimento do passado* preserva, segundo o Espiritismo, um espaço de indeterminação que garante a possibilidade de exercício do livre-arbítrio humano” (Cavalcanti, 2008, p. 39-40).

Assim, na cosmologia espírita, subjaz a ideia de evolução do espírito que, encarnação após encarnação, atinge a reintegração com Deus na forma de “espírito puro” (*ibid.*, p. 43).

Não é desse valor de reencarnação de que partem os oraculistas. Ao contrário, a cosmopraxis oracular sugere que o universo ou o *cosmos* é, na verdade, um grande caos, ou algo desordenado, e não um universo ordenado e que requer uma moralidade estrita como no caso da cosmologia espírita. Ao contrário, a noção de responsabilidade para os oraculistas é central, no sentido de que a alma passa por situações a partir de seu livre-arbítrio e se integra ao seu registro de alma.

“Vidas passadas é um assunto mais complexo do que fala o kardecismo. Eu não gosto dessa linearidade. Eu acredito que uma alma vive o que ela tem que viver. Não necessariamente na lógica de ação e reação. Por exemplo, se eu assassinei um monte de gente agora, então na próxima vida eu vou me foder todo. Não! Às vezes, eu vou ser um cara rico que pratica ação social, super generoso, que é um elemento compensador do genocídio. Isso não deixa de ter uma ligação com a vida passada ruim. Quando a gente diz: ‘ah, você fez isso nessa vida que repercute em uma outra’, você está tornando um momento absoluto. Você não pensou o que você fez na outra vida pra ser assassino nessa! Isso é cíclico e o círculo não tem começo nem fim. Então, a gente tem que entender que as coisas são o que elas são, e que cada momento e contexto vão ter o seu valor. A próxima vida tem tudo a ver com a vida passada” (Dimas).

Assim, os oraculistas sugerem uma forma de vida integrada a todas as vidas passadas e futuras, como em um esquema circular, e não evolutivo. Alguns deles, apesar de terem mais ou menos acordo com o referencial cosmológico espírita, insistem na circularidade da experiência das vidas.

“Eu acho que na vida passada – Kardek e Rosacruz dizem a mesma coisa – quando a gente desencarna, você entra em contato com os mundos paralelos e existe o registro Akáshico: como se fosse um cristal que tem toda suas memórias, todas suas vidas, todo seu enredo. Isso se chama átomo Nous que é quem encarna de novo” (Joana).

O registro Akáshico é um ótimo exemplo de interpretação que envolve orientalização, cosmicização e cosmovisão espírita. Registro akáshico diz respeito a uma integração dos quatro elementais (terra, água, fogo e ar), que compõe o éter. Nesse sentido, todos os indivíduos se compõem de éter, que fica armazenado no perispírito, ou no corpo astral, como registro das vidas passadas (Laszlo, 2008, p. 14).

A circularidade da experiência da alma postula, segundo Sarah, que não se trata de ‘vidas passadas’, e sim de ‘vidas integradas’.

“Vida passada não, vida integrada! Nossa alma é integrada com os outros momentos que tivemos aqui na carne: ora momentos carne, ora momentos espírito: é como se fosse uma montanha russa, uma viagem! Você é a soma de todos esses momentos que você viveu” (Sarah).

Assim, a integração dos momentos vividos no registro do espírito aponta para uma cosmopraxis que integra o carma e o darma e que se expressa no oráculo. Se o oráculo é uma “missão de vida”, Joana associa a integração da vida como forma de resgate cármico entre os

cartomantes e os consulentes. Nesse sentido, se a profissão de oraculista aparece como um darma, existe um carma registrado em sua alma que se exerce a partir da integração com o carma dos diversos consulentes com que o oraculista tem contato na vida. Assim, todos os diferentes jogos para diferentes consulentes, aparecem como, na verdade, um único jogo: o jogo da vida.

“Você quando faz seu primeiro jogo, até hoje, até quando você for fazer a passagem, é um jogo só. Porque, na realidade, cada pessoa que senta na sua frente, você tem carma pra resgatar com ela, mas ela tem carma pra resgatar com você. Então o que você tá vendo pra ela, você tá ampliando sua percepção, ampliando a sua visão e se conhecendo um pouquinho mais. Porque tem uma partícula sua dentro da pessoa, como uma partícula dela dentro de você. Então, se a partícula da pessoa dentro de você ficar limpinha e brilhando, ela vai contribuir pra próxima pessoa que você atender, você atender melhor. Cada dia o Tarô vai te mostrar um detalhe novo. Até hoje eu aprendo” (Joana).

Susana, em concordância com Joana, afirma que o cartomante possui um resgate cármico com outros oraculistas. “Se, em uma feira esotérica, existem não sei quantos oraculistas. Por que alguém foi exatamente me escolher? Existe um resgate aí!”, diz ela. Se Russo insiste no repertório pós-psicanalítico (Russo, 2012), apontamos para o pós-espiritismo, ou seja, por mais que os atores insistam na abordagem espírita, a cosmoprática do oráculo integra tanto o reencarnacionismo como processo de orientalização.

Nesse sentido, a missão de vida oracular pode adquirir dimensões existenciais profundas, principalmente quando essa missão envolve lidar com desencarnados, entidades e Orixás. É comum ouvir relatos de que “a espiritualidade encurrala” pessoas para que transcendam seu carma e possam exercer seu darma. Veremos, então, como se desdobram os fenômenos ditos ‘paranormais’. Antes, para tanto, examinaremos a atuação dos actantes espirituais: entidades, espíritos, encantados e Orixás no universo oracular.

3.4 Actantes espirituais cosmocêntricos

O mundo das almas encarnadas encontra os espíritos que rondam a Terra. Não somente o *cosmos* é ordenado, mas também é habitado por seres mais ou menos evoluídos que se imiscuem na construção da pessoa dos oraculistas. Muitos deles trabalham com espíritos e entidades, majoritariamente do universo da Umbanda.

No caso brasileiro, o trabalho das entidades espirituais é muito conhecido nos terreiros de Umbanda, mas é interessante notar que os oraculistas se colocam da forma como Wood (2010, p. 280) entende a *self-authority* da espiritualidade da Nova Era. Trata-se de indivíduos “autorais”, donos de sua própria vida e destino, senhores de sua história, de plena autoridade pessoal, independentes e muitas vezes contrários às instituições (próprias do campo religioso), dotados de autoridade pessoal, em oposição à autoridade do sacerdote, próprio do universo das religiões tradicionais. Assim, os oraculistas são capazes de desenvolver o trabalho com as entidades fora das instituições religiosas.

Nesse sentido, a pessoa holística não se submete a rituais e práticas religiosos e costuma cultuar suas entidades no espaço doméstico. Hoje, Silvana trabalha com as entidades Maria Molambo e a Cigana Salomé. Ela dá consultas com um copo d’água, em que suas visões são projetadas, e utiliza as cartas do Baralho Cigano. É interessante notar que existem afinidades espirituais das entidades com o uso das cartas: no caso dos entrevistados, todos trabalham com Exus (principalmente mulheres, as Pombagiras) e Ciganas.

Segundo Silvana, os Orixás também influenciam no trabalho com os oráculos. Ela é filha de Iansã com Oxaguiã e, por isso, atribui uma vidência muito forte quanto a temas de morte e doenças, “porque Iansã carrega Eguns⁵⁴”. “Eu tenho que estar toda hora limpando a casa, porque eu sou uma esponja, eu absorvo tanto o lado negativo, quanto o positivo”, diz ela.

Os Orixás e entidades convivem com a pessoa holística de forma que estas influenciam em suas sentenças oraculares. Esse modelo de pessoa aparece como o da pessoa divisa, ou divíduo, como já observado em pesquisas de sociedades não-modernas (Mosko, 2010; Vilaça, 2015)⁵⁵.

No contexto em questão, todavia, observamos a presença de entidades espirituais que operam como actantes (Latour, 2005) e condicionam a partibilidade não da pessoa, como nos estudos citados, e sim do *self*. Seguindo o modelo de Mauss, trata-se de indivíduos

⁵⁴ Na tradição africana, Iansã carrega o *exurin*, crina de boi ou búfalo que se assemelha a um chicote que tem o objetivo de controlar os Eguns, espíritos dos mortos. Iansã rege os cemitérios e os mortos, junto com Obaluayê.

⁵⁵ Mark Mosko parte das relações de troca e da dádiva na Melanésia, segundo o qual os divíduos entregam parte de si como forma de dádiva, esperando a reciprocidade, a partir de um modelo que integra ‘sujeitos’ (pessoas) e objetos, tradição e inovação. “Por meio da ação, agentes são decompostos, antecipando e evitando o reconhecimento de suas capacidades externalizadas por meio das repostas de seus pacientes” (Mosko, *op. cit.*, p. 218). Assim, a reciprocidade é acionada, sem se explicitar o interesse de cada um. Mosko identifica que a rápida conversão dos melanésios ao Cristianismo resulta e é eficaz graças a sua compreensão acerca da capacidade partível de Deus e à construção da relação da dádiva. Aparecida Vilaça identifica a construção de divíduos entre os Wari, tribo indígena brasileira da região amazônica, que vive próximo à fronteira da Bolívia. O mundo Wari opera a partir da partibilidade da pessoa: sua condição *wari*’, humana, e sua condição *kawara*, animal, convivem na mesma unidade da pessoa, que configuram “o duplo sentido do humano e do animal, predador e presa” (Vilaça, *op. cit.*, p. 205), que operam como um “par relacional”.

socializados na modernidade tardia, no contexto brasileiro da Nova Era, que é imiscuída à cultura espírita e à orientalização. Muitos entrevistados mencionam experiências extrassensoriais, tanto a partir de sua intuição, como a partir de vidência⁵⁶, mas também com entidades da Umbanda, como Pomba-giras e Ciganas. As mensagens transmitidas pelos espíritos e entidades influenciam e, algumas vezes, mesmo, constituem o contexto microinteracional da consulta.

Uma forma muito importante como as entidades espirituais atuam se situa no contexto das rupturas biográficas. Cláudio, conhecido sacerdote de bruxaria e tarólogo, trabalhava como professor de inglês em um curso particular. Sua mestra, certo dia, indicou a Cláudio que se consultasse com o Exu Pimenta, entidade de trabalho do marido dela. Nessa consulta, o Exu foi enfático ao dizer que Cláudio, em um futuro não muito distante, ocuparia a função de sacerdote, o que ele, à época, achou um absurdo, em suas palavras.

Tânia também passou por uma experiência quase traumática, mas reveladora, em uma consulta com sua amiga. Ela era secretária executiva de uma multinacional, mas não estava satisfeita com o emprego. Começou a trabalhar como massoterapeuta nas horas vagas e acabou se apaixonando por um cliente. Em crise, Tânia pede a uma amiga uma consulta de Baralho Cigano.

“Eu pedi pra uma amiga minha botar carta pra mim e, no final dessa consulta, ela recebeu uma Cigana, porque ela é da Umbanda. (Eu não tenho religião.) E aí essa cigana falou: ‘Eu sou sua Cigana, não sou dela. Você não dá passagem, mas ela dá. Você tem um ano pra botar carta porque eu tô cansada de esperar!’. Com um dedo na minha cara! ‘Estou cansada de esperar!’ ‘Mas o que eu vou fazer?’ ‘Compra um baralho, o resto é comigo!’ Eu fiquei apavorada, saí dessa consulta completamente desorientada. (...) Foi uma *ordem*! ‘Estou cansada de esperar! Compra o baralho!’ E aí eu fiquei apavorada, aquela coisa toda, e aí eu comecei a estudar e assumi isso como uma missão de vida, uma missão de vida mesmo. Então, deixa fluir. (...) Aí eu comecei a estudar, li o que estava disponível naquele momento. A literatura a nível de Baralho Cigano ainda é pequena, então eu fiz curso e aí comecei a estudar e estudar e me apaixonei. Graças a Deus eu me apaixonei pelo Baralho Cigano, e aí as coisas foram acontecendo (Tânia).

O momento epifânico vivido por Cláudio, Tânia e tantos outros marca uma ruptura radical em suas biografias⁵⁷. A esse fenômeno chamamos *conversão de vida*. A experiência

⁵⁶ Alguns entrevistados trabalham com bola de cristal ou mesmo com visões projetadas em copo d’água.

⁵⁷ Todavia, essa não é uma experiência isolada. Todos os entrevistados da pesquisa que se tornaram oraculistas ou videntes em tempo integral apresentam relatos similares, em que a relação com o simbólico reordena seus projetos de vida e suas vivências espirituais.

espiritual vivida⁵⁸ por eles de conversão⁵⁹ tem implicações tanto para sua espiritualidade, quanto para seu trabalho, mas de forma mais ampla, para uma percepção de si⁶⁰. O espraiamento da espiritualidade para a vida configura-se como o traço fundamental da Nova Era, tal como coloca Heelas, quando diferencia a “espiritualidade para a vida”, entendida como espiritualidade do teísmo transcendente para além da vida, da “espiritualidade da vida”, centrada na busca pelo Deus dentro de si, em que o sagrado torna-se imanente à vida (Heelas, 2008, p. 55). Ao contrário de negar a mediação das instituições religiosas, a Nova Era passa a se caracterizar por um *ethos* reflexivo de busca pela vida interior sacralizada.

Converter-se não é mais renegar-se em busca da salvação pautada no teísmo transcendente, e sim mergulhar nos fluxos e energias vitais, ou, em termos práticos, “ter uma atitude positiva”, como coloca a maioria dos entrevistados, livrar-se do estresse cotidiano, das frustrações e da raiva que impõem a sociedade do risco. Da mesma forma, “pensar sobre o Céu”, como metafísica religiosa dá lugar a pensar “o Céu dentro de mim” (James, *op. cit.*, p. 174).

Assim, a ruptura biográfica dos oraculistas é ordenada a partir de um momento epifânico construído a partir da cosmopraxis oracular. A força da dialética do mistério e da revelação possui imbricada relação com a descoberta do mistério da existência, ou do próprio sentido da vida – como chama atenção Durand (1988), na confluência do existencialismo com os “projetos últimos” de vida dos sujeitos (Archer, 2003, p. 141), materializados, dentre outras formas, em sua busca e opções de trabalho. É interessante perceber que momentos epifânicos, observados nas entrevistas, resgatam a dimensão fundante da condição humana como dotada de um mistério que precisa ser revelado (como salienta Durand). Assim, não só as origens da vida são postas à prova, mas também seus diversos caminhos.

As entidades espirituais, como actantes, são pessoas que atuam no plano terreno, mas que passam a missão de trabalhar com a incorporação hereditariamente. Fernando relata que sua avó possuía uma entidade de trabalho do Catimbó, um Marujo, quando ainda morava em Aracaju. “Era praticamente como se fosse da família, porque a minha avó sempre acabava incorporando”. Segundo ele, herdou a capacidade de incorporação, pois, quando veio para o Rio, começou a trabalhar em um centro de Umbanda.

⁵⁸ Não se trata de uma experiência religiosa, pois não se configura a partir de mediação institucional. Trata-se muito mais de um modelo da eficácia simbólica, porém, diferentemente dos casos analisados por Lévi-Strauss (1967, p. 215 ss.), a espiritualidade da vida se configura como uma particularidade fundamental da Nova Era.

⁵⁹ Entendemos por conversão a acepção de James (*op. cit.*), segundo a qual existe uma cisão do self a partir do que chama de “eu diviso”. Não necessariamente, nesse sentido, a conversão precisa constituir uma ruptura biográfica profunda, ou mesmo ter duração curta e rompante.

⁶⁰ Após ler um trabalho que publiquei sobre ela, Tânia identificou o que chamo de “conversão de vida” com o que chama de “ponto de virada”.

Pai Vando também relata a atuação do orixá Exu em uma tentativa de assalto que sofreu e possui histórias interessantes confirmadas por outros filhos de santo:

“Uma coisa que me marcou muito foi uma tentativa de assalto que eu sofri e que eu me safei da situação porque, realmente, o Santo me defendeu. Eu tava vindo pra casa de madrugada, lá embaixo, perto do Shopping São Gonçalo, um carro emparelhou comigo, e me cortou na minha frente. Como era domingo, achei que os caras tavam bêbados. Quando eu joguei o carro, um já tinha saído com a arma apontada. Em vez de parar, eu acelerei. Ele atirou, a bala entrou no vidro, cravou no banco de trás. Eu estava bem numa encruzilhada. Quando eu virei, ele deu outro tiro, que cravou na lataria, que também vinha na minha direção. Resultado: a única coisa que aconteceu foi que o estilhaço do vidro deixou meu rosto cheio de pintinha vermelha de sangue. Na hora, parecia que tinha alguém do meu lado, me protegendo. Eu senti exatamente isso, que Exu tava do meu lado desviando aquelas balas, porque meu filho, elas vinhas direcionadas a mim. Isso era por volta de 2h da manhã. Quando foi 10h da manhã, do mesmo dia, os dois foram mortos.

“Você soube como?”, perguntei.

Eu tinha um filho de santo que era da polícia. Eu contei pra ele o que houve e ele disse: eu vou ligar pra um amigo meu, isso já era de tardinha, que ele é de milícia, ali do bairro Porto da Pedra. Ai ele me falou assim: ‘eu soube de um atentado aqui no bairro, mas pergunta pro seu pai de santo se o carro era uma Tuxon Prata?’ Eu falei: ‘era’. ‘Pois os dois já estão mortos. Porque a gente foi atrás deles, porque a gente não admite esse tipo de coisa aqui no bairro, apagamos os dois’. Eles eram de uma comunidade do Morro do Feijão, fica ali no Paraíso onde tem uma fábrica de velas, em que a gente compra material [para magia]. Quando eu fui lá, a fábrica de velas estava fechada, porque tinham matado os dois, mandaram fechar tudo. Realmente, o santo é forte. Esse foi um fato que me marcou muito”.

Em outra ocasião, conta:

“Como eu te falei, meu santo é um Encanto. Hoje em dia, ele não faz muito disso não. Logo que eu vim pra cá, todas as vezes que ele queria falar comigo, ele aparecia em forma de cobra. Uma vez, eu tava em casa, o portão estava semiaberto. Eu peguei o lixinho da pia e passei pela grade pra jogar fora. Eu passei pelo portão, mas não percebi que tinha uma cobra enrolada na grade. E joguei, e quando eu voltei, ela se esticou na minha frente, pra me chamar atenção. Quando eu entrei em casa, já vesti branco e vim aqui. Perguntei: quer falar comigo? (risos)”

“Outra vez, pedi pro rapaz fazer um serviço aqui em casa, mas esqueci de falar com o Santo. Como era de confiança, deixei ele aqui em casa e fui pro trabalho, mas falei: ‘não me mate cobra aqui na minha casa, hem! Pelo amor de Deus!’ Fui pro trabalho, daqui a pouco o telefone toca: ‘Vando, tem um negócio estranho acontecendo aqui: eu estou fazendo um serviço aqui,

quando eu olhei pra trás, tinha uma cobra. Você disse pra eu não matar, mas ela tá de olho em mim, e eu estou de olho nela. Eu fui lá embaixo buscar areia, ela foi atrás de mim. Eu tava peneirando areia, ela me olhou de longe. Quando eu voltei, ela foi atrás de mim. Eu to achando estranho isso, eu nunca vi cobra seguir ninguém!’ (risos) Aí eu comecei a rir, mas eu ri muito. Aí eu falei pra ele: ‘fica tranqüilo, isso é meu Santo’, e eu, de lá mesmo, pedi pra ele sair. A cobra foi pro mato e sumiu.

“Eu fui dar bori numa moça, cliente minha lá do salão. Ela foi terrível. Arrumei a cama de roncó. Quando eu entra no roncó, o que estava em cima da esteira? Uma cobra! (Onde ela ia dormir). Aí eu pensei comigo: essa moça vai embora agora! Todo mundo tem pavor de cobra! Aí eu baixei, bati paó [pedido de licença para o orixá]. Aí a cobra levantou, ficou quase que em pé! Falei: ‘Pai, a moça tá aqui pra dar bori, o Sr. sabe que, dessa forma, as pessoas têm medo, você assusta as pessoas... Então, por favor, vai embora, porque ela vai ficar assustada. Tira esse medo dela e aparece de outra forma!’ Em vez de sair, a cobra foi pra debaixo do móvel. Aí eu louvei ele de novo: falei: ‘não dá pra você ficar aí não. Quer assistir o bori? O Sr. fique na forma natural, não é no seu encanto não!’ Aí eu expliquei a ela. Ela disse: ‘Ah, que engraçado! Eu não tava com medo não, Vando, eu só não sabia que você conversava com cobra!’ (risos) Eu falei: ‘não comenta com ninguém não, senão as pessoas vão pensar que eu sou maluco!’ (risos)” (Pai Vando).

Pai Vando comenta que “o Orixá tira o medo das pessoas”. Edijane passou por uma situação muito similar de livramento espiritual em sua família. Ela conta que seu avô era presbítero da Igreja Batista. Sem qualquer precedente, ele incorporou uma Pombagira que livrou sua tia de uma tentativa de homicídio.

“A minha tia fugiu com um primo e ele tentou matar a minha tia. De repente, o meu avô, que era o presbítero, teve uma incorporação de uma Pombagira, que conseguiu chegar até o lugar onde a minha tia estava, incorporado! Isso foi na região aqui da Rocinha, mas isso se deu em Bangu. Depois disso, a coisa foi se manifestando. Meu avô sempre foi um homem muito estudioso e ele precisava entender o que tava acontecendo com ele. E aí, nessa busca toda, se deparou com a Umbanda, e aí minha mãe pôde colocar pra fora tudo aquilo que ela sentia, e aí aconteciam coisas incríveis” (Edijane).

Tamara conta que, a partir desse momento, toda sua família se envolveu com o espiritismo, a Umbanda e o Candomblé. Seu tio também passou por uma conversão de vida e chegou a se tornar pai de santo, e sua mãe, iniciada do Candomblé e vidente. Ela ainda relata que uma pessoa que não conhecia e que hoje é seu amigo precisou de um recado do Exu Marabô:

“Um amigo estava lá em casa e eu estava no andar de cima. Escutei uma voz grossa lá embaixo, mas eu não desci. Daqui a pouco, plantou um Exu do meu lado e disse que só sairia dali se eu fosse dar um recado pra ele. Como eu ia dar um recado pra um homem que eu nunca vi, que eu não conhecia? Ele falou: ‘ele não tá me ouvindo, ele deixou as coisas dele de lado, ele vai se dar mal!’ E era uma pessoa de muito dinheiro, que precisava de muita proteção, de muita coisa! Eu falei: ‘não vou fazer isso’. Ele disse: ‘Ah, não vai? Então, também não vou sair daqui’. Era Exu Marabô. Ele não saía e ele era muito grande, ia quase no teto do meu quarto! Ele me deixou agoniada, eu não senti nenhum medo, mas ele ficava na minha mente cantando e falando: ‘você precisa falar com ele’ (eu não vejo materializado, porque eu sou sinestésica). Eu, depois, desci e vi ele um homem lindo. Chamei minha mãe e disse tudo o que precisava”. [O homem confirmou a história.] ‘O recado tá dado’. Eu subi. Quando eu desci de novo e olhei pra ele, ele era muito feio! (Risos)” (Edijane).

As entidades, portanto, operam como actantes oraculares por meio da incorporação e da cosmicização. Mas, elas também constroem oráculos. Edijane dá consultas com o Baralho de D. Maria Molambo.

“É uma Pombagira que eu tenho, que eu carrego. Foi a única entidade que já se manifestou em mim – nunca incorporei com nenhuma outra entidade, só com ela. Ela age de uma forma muito diferente: ela não fuma, não bebe e não dá consulta. Ela disse que ia se comunicar comigo através de um baralho. Isso foi em 2016. Foi tudo muito rápido. E eu achei que fosse através do Lenormand, mas daí eu conheci a Sonia Boechat Salema, que lançou o Baralho de Maria Molambo. Então, hoje é o oráculo que eu mais uso” (Edijane).

Segundo ela, “não é todo mundo que tem energia pra eu jogar o da Molambo”. Na Mesa Redonda sobre as Cartas Ciganas, ganhei uma consulta com Edijane no sorteio. Para minha surpresa, Tamara disse, no decorrer da minha consulta, que Maria Molambo se apresentou.

“Eu vi a Molambo, e isso é raro de acontecer, raríssimo. Porque você tem uma frequência que te envolve com entidades femininas muito forte. Eu percebo isso em você, na aura. Sua energia é muito feminina. É mais que a minha! (risos). Tem muita entidade feminina perto de você. Você tem um yin muito forte, eu tenho yang muito forte” (Edijane).

Essa não foi a primeira vez em que fui implicado na pesquisa com entidades de Pombagiras. Certo dia, visitei uma senhora vidente. Ela vive em uma modesta casa no bairro do Estácio. Logo quando cheguei, ela olhou bem fixamente nos meus olhos e disse que coisas muito boas estavam por vir. Nossa conversa durou muito pouco, dado que nosso encontro se

deu quase por acaso. Ela disse que atendia a muita gente rica e importante, até bicheiros famosos se consultaram com ela. Sua entidade de trabalho é a Pombagira Cigana. Para meu espanto, após nossa conversa, seu neto me disse que a senhora quase incorporou quando me viu, no intuito de me dar uma consulta, dado que, segundo ele, as entidades trabalham “quando elas querem”.

A relação entre as entidades e a egrégora dos cartomantes e dos consulentes é fundamental, para alguns oraculistas. Assim como Edijane, Katja acredita que a egrégora cigana tem muito a ver com quem procura o Tarot Cigano.

“As pessoas que se sentem atraídas ou encantadas com o Tarot Cigano, 99% das vezes foram ciganas em outras vidas, quer dizer, é uma continuidade, é um resgate, é você dar continuidade ao que você sempre fez! Então é um lembrar. Às vezes, pessoas que você nunca imagina, de repente, ouvem o toque, pegam a vertente e se abre um mundo novo. É um portal” (Katja).

Katja é conhecida no circuito holístico-oracular como a “mãe da linha brasileira do Baralho Cigano”. Porém, segundo ela, não se trata de um baralho, e sim do ‘Tarot Cigano’. “Baralho é qualquer conjunto de cartas; Tarot é caminho. A diferença do Baralho Cigano pro Tarot Cigano é a essência da Encantaria, do Povo do Oriente, dos Orixás ou forças vivas e vibratórias da Natureza, e eles se apresentam no Tarot Cigano”, diz ela. Assim, o Tarot Cigano representa tanto a força da Encantaria, quanto a energia dos Orixás. Qualquer pessoa que jogue o Tarot Cigano, um baralho iniciático, estará se conectando com a energia da Encantaria e do Candomblé. O Tarot surgiu a partir de uma canalização mediúmica da Rainha Cigana do Oriente.

“A Rainha Cigana do Oriente, entidade espiritual guardiã da casa, que é quem segura a casa, pegou um artista plástico amigo meu chamado Julio Espinoso, espanhol, que pintou até na ONU, e criou um sistema de pinturas muito especial: a cola polar seca, fica um plano de reentrância e saliência, reentrância e saliência que dá a impressão de que as lâminas são em 3D. Então, você olha a carta da Casa, ela salta pra você. Você olha a carta do Coração e ele pulsa! Era uma técnica, há 25 anos atrás, inédita! Ninguém fazia em 3D. A Rainha Cigana incorporada orientou ele em cada lâmina” (Katja).

Mas, a Rainha Ciganas não só elaborou o baralho, como também, “quem mistura [embaralha] as cartas é a Rainha Cigana, por isso as cartas vão se repetir, porque o Tarot Cigano é encantado”, diz Katja. Assim, o trabalho com o Tarot Cigano envolve a egrégora dos espíritos e entidades Ciganas. O Tarot Cigano não é um caso isolado. Um fenômeno importante e recente no circuito holístico-oracular é a construção de baralhos a partir de

canalizações mediúnicas de entidades. Os mais famosos, além do Tarot Cigano e do Baralho de D. Maria Molambo (médium: Sonia Boechat Salema) é o Baralho de D. Maria Padilha, canalizado por D. Maria Padilha das Almas (médium: Elaine Arthman, que também publicou o Baralho de Dona Sete e de Seu Zé Pelintra). Todos eles são muito utilizados por oraculistas, não somente da Umbanda.

Adriana também relata sua forte ligação com as entidades. A Pombagira de Adriana se manifestou pela primeira vez quando tinha entre 7 e 8 anos. Diz até hoje se comunicar com ela por telepatia, não havendo mais necessidade de incorporação. Ela explica que a proximidade dos Exus, Pombagiras e Ciganos com o oráculo tem a ver com a proximidade com o plano material, com as preocupações cotidianas.

“Exus e Pombagiras são mais próximos do Povo Cigano. Tanto que existem as Pombagiras Ciganas do Oriente. Elas estão mais próximas do plano material, da subsistência, da Terra. A gente vive nossa materialidade acoplada à nossa espiritualidade no dia a dia. Nós, ciganos, cozinhamos com copo d’água do lado para purificar comida, por exemplo. Como nós ciganos valorizamos o sexo, a Pombagira e o Exu também. A gente diz que sexo é vida, é limpo, necessário e faz bem!” (Adriana).

Hoje, ela não dá consultas incorporadas, e diz que é preciso desfazer a ideia de que os oráculos só podem ser acessados a partir de entidades. É enfática ao afirmar: “eu sou a própria cigana! Eu trago a verdade do povo!”. Eduardo conta, ainda, que, apesar de não ter capacidade clarividente, muitas pessoas relatam que possui um guia, um médico indiano que o auxilia em seus trabalhos de cura.

“Há pouco tempo, trabalhei com pedras e Reiki com uma menina. Quando eu trabalho com Reiki, na primeira escola em que eu aprendi, fala que você tem que tocar na pessoa, o que até eu acho legal, porque a energia flui melhor. Na época, eu era massagista. Depois, com o tempo, eu passei a tocar na cabeça, colocando uma pedra em cima dos olhos. Fiz o Reiki na menina, fui pegar uma água e voltei. Ela perguntou, depois de dar o copo a ela: ‘Há muito tempo você está aí sentado?’ Eu disse: ‘Não...’ ‘Você achou alguma coisa aqui na minha barriga, enquanto você estava trabalhando?’ ‘Não, nada especial, trabalhei em geral...’ ‘Mas você ficou tocando aqui no meu umbigo!’ Quando eu disse que não, ela começou a chorar! ‘Eu senti umas garras, uma mão aqui no meu umbigo. Quando você colocou as pedras no meu rosto, eu comecei a ter visões do meu passado, e quando você as tirou, era como se abrisse um mundo novo, um futuro diferente!’ A menina saiu chorando daqui. A pedra que eu uso nos olhos é a Ágata Marrom, que facilita visualização de eventos” (Eduardo).

Eduardo é clarissensiente, ou seja, é capaz de sentir energias de ambientes e lhes imprimir significação. Nesse sentido, ele tenta descrever a sensação: “você sente uma energia gelada, mas o tempo [clima, temperatura do ambiente] não mudou. É uma coisa energética mesmo. É difícil explicar...”, diz ele. Como explicar a interação entre os actantes espirituais, o cosmos e os oraculistas? Na seguinte seção, a discussão sobre a percepção extrassensorial pretende lançar luzes sobre a questão.

3.5 Intuição, percepção extrassensorial e sofrimento na forma de vida oracular

A intuição não é uma unanimidade entre os oraculistas. Ao contrário, muitos deles tendem a desconfiar e mesmo depreciar o trabalho de oraculistas que trabalham apenas com intuição. Há uma tendência contemporânea que acompanha o caminho da institucionalização e da legitimação do campo profissional dos oraculistas, que se expressa por um crescente incentivo ao estudo e a frequentar cursos e palestras. Assim, a percepção intuitiva do oráculo parece desvanecer em um universo de atores que promove uma forma de vida que integra o fe(i)tiche intuitivo-racional.

O que procuramos desconstruir em relação à reflexividade do *self* como extremamente em termos da percepção racional encontra na forma de vida oracular uma síntese entre o elemento simbólico e o elemento movente do oráculo. Nesse sentido, acreditamos que, embora a valorização da percepção intuitiva estivesse acertada no contexto dos anos 1980, que coincidem com a eclosão da psicologia jungiana, como atenta Tavares (1999), a construção do oráculo no contexto contemporâneo no Rio de Janeiro observa a procura de uma síntese racional-intuitiva e que, como procuro fundamentar, constitui mais um fe(i)tiche.

“A vida é criatividade e imaginação. O ato de criar, juntando imagem e ação. As pessoas falam muito de intuição, intuição, intuição! Intuição é um fator inconsciente, você não controla, e nem é inteligível. voce precisa de alguma coisa pra poder encaixar aquilo no contexto” (Alexsander).

Alexsander cita Pedro Camargo (1993): ele diz que o ato intuitivo, para se tornar eficaz, é necessariamente complementar à criação de sentido, ou seja, à interpretação da intuição. Continua Alex:

“*Intuire* vem de dentro. Então alguém diz: ‘ah, sei lá, você tá me passando uma sensação estranha...’ Isso é um bocado intuitivo, porque eu preciso discernir que tipo de situação é essa, buscar palavras no meu repertório pessoal para construir uma narrativa que torne a sensação

inteligível. Então, a intuição depende muito da razão e acaba se confundindo muito com vidência. E os anos 1980 foi o boom da psicologia junguiana com o Tarô que valorizou demais a intuição. *Intuire* te bota uma luz onde você tem que olhar. A intuição aponta para outro lugar, que é o da imagem e ação, do processo criativo. Daí surge uma relação sistêmica, porque eu vou estabelecer uma narrativa da minha intuição e você vai se reconhecer na minha criação. Isso tem tudo a ver com O Mago” (Alexsander).

No Tarô, O Mago representa exatamente o processo de criação, o impulso inicial para a construção de algo, assim como o processo de comunicação. Alexsander se viu existencialmente tocado pelo tema, durante suas leituras oraculares a ponto de cursar a faculdade de Psicologia e, depois, de Comunicação Social. Quando Alex diz que “a intuição deve apontar para determinado lugar”, significa que o conteúdo simbólico das cartas deve ser aliado ao movimento (intuitivo) de perceber, durante o jogo, qual carta ou conjunto de cartas consegue construir uma narrativa eficaz para o consulente. Segundo ele,

“as pessoas se apropriam muito do discurso da terminologia psicológica, esculhambam ela todinha dentro da prática oracular – porque, agora, tudo é arquétipo – têm um discurso pesado psicológico – e isso é uma percepção minha – porque todo cartomante se sente como psicólogo a ponto de ler 4 livros de autoajuda e se sentir psicólogo, e isso nos é induzido pelo meio. A mesma percepção que eu tive na faculdade de Psicologia: por que a gente tá falando de Jung e o Tarô, arquétipo, numinoso e individuação, se a gente tem que entender o oráculo como troca de informações e um processo de comunicação de produção de sentido? Emissor, receptor, meio e mensagem. No fundo, são duas pessoas. Isso é mais importante pra gente do que qualquer outra coisa! Se eu não sei o que tá acontecendo, eu não vou saber como adequar minha linguagem, o que tá acontecendo nesse processo! Porque essa informação está lidando com símbolos, o que, por si só, já tem muito ruído. Primeiro, eu produzo sentido dentro de mim, depois eu vou escolher uma forma de transmitir essa informação produzida e a forma produzida vai interferir na produção de sentido do outro, e quando chega no outro, a vivência dela, o repertório pessoal e o contexto que ela vive, vai interpretar o que eu falei de uma outra forma. Eu tô cagando se isso é autoconhecimento, se isso é *self*, *id*, *ego* ou *superego*, eu preciso é que essa pessoa compreenda o que eu disse!” (Alexsander).

Portanto, Alex é muito crítico da psicologização do oráculo, tanto que foi cursar Comunicação Social para entender o processo de comunicação do oráculo e escreveu uma monografia sobre a Astrologia como fenômeno de massas. (Lepletier, 2018). Sempre levanta a bandeira, tanto em seus cursos, como em conversas informais, sobre a necessidade de comunicação eficaz entre o oraculista e o consulente.

Felipe também possui desconfiança em relação à pura expressividade da intuição. Ele expressa bem como se constrói a síntese racional-imaginativa-intuitiva.

“Qual o limite da intuição? Tem duas questões: embora eu saiba que existem pessoas extremamente mediúnicas, o Tarô não se restringe a essas pessoas. Por que o Tarô funciona? Não tenho a menor ideia, acho que ninguém tem. A gente só sabe que funciona. Então, eu tenho determinados códigos na minha cabeça que eu atribuo a cada uma das cartas. A partir do momento em que você me levanta uma questão, eu disponho as cartas em um método e tem uma linguagem ali que conversa com você. Quanto mais familiarizado você tá com a carta, menos você se sente preso a palavras-chave e conceitos muito fechados. Por que as pessoas gostam do curso? Porque eu cruzo um monte de informações que são formas diferentes de expressar um mesmo princípio, uma mesma sabedoria. São coisas por aí. Então, eu quando comecei a aprender (eu sou muito cerebral, sou muito racional) então pra mim, o Tarô tem que ter uma coisa metodológica. Na medida em que eu comecei a jogar pras pessoas, jogar pra amigos, em algum momento vinha uma carta que tecnicamente significaria alguma coisa e na, minha cabeça, vinha outra. As coisas fluem. Eu não vejo nada, eu não ouço nada, eu leio a carta, mas os *insights* que vão surgindo pra mim, às vezes, são literais ou, às vezes, eu tenho um surto lá qualquer e que eu resolvo interpretar a carta de uma outra maneira e funciona. O *insight* nunca é desassociado da imagem, mas a imagem te reporta pra alguma outra coisa” (Felipe).

A questão que suscita Felipe é o discurso mais comum em termos da reação ao boom psicológico-intuitivo dos anos 1980. Os oraculistas enfatizam que jogar sem fazer cursos, ler livros e adquirir algum grau de racionalidade em relação às cartas não funciona. A intuição, segundo ele, não pode ultrapassar a imagética das cartas. Nesse sentido, entendendo Felipe como um ator mais “racional” em relação a sua abordagem oracular, não se pode dizer, todavia, que a faculdade da intuição não esteja presente na leitura. Nesse sentido, Felipe apresenta uma visão particular sobre algumas cartas. Por exemplo, relatou que, em um jogo, apareceu o 9 de Paus que, no significado tradicional, pode significar fadiga, esgotamento, estresse. Porém, o 9 de Paus daquele baralho que jogou aparece como uma fogueira e, embaixo, havia o Ás de Paus (representado por uma mão com um bastão pegando fogo, segundo ele): Felipe, então, interpretou como uma mão que acendia uma fogueira.

“O problema é que a pessoa acha que é só intuição e aí ela abre as cartas e fala tudo que vem na cabeça dela e é um monte de merda! É um desastre! Mesmo quando você dá margem à intuição, a imagem é um ponto de apoio e de contato que dá fundamento. Eu acho que é um combo entre razão e intuição. Você tem que ter livros, você tem que ler!” (Felipe).

Marilda é ainda mais enfática quando diz que trabalha, apenas, com “observação, inteligência, dedução e conhecimento. Ponto. Não trabalho com vidência. Eles [entidades e espíritos] falam comigo e eu falo com eles, mas não preciso falar”. E acrescenta: “intuição sem conhecimento é invenção! Se colar, colou! Claro que eu tenho intuição, muita! Mas eu não vou trabalhar com intuição. Quando uma pessoa chega e me diz que só trabalha com intuição...” (pela sua expressão facial, não pareceu algo bom). “Você tem que ter um dom, mas você tem que aproveitar o dom, aperfeiçoar o dom”, diz ela.

A intuição aparece como uma questão controversa, que envolve disputas no campo. Como destacou Alexander anteriormente, os anos 1980 abriram a possibilidade de leitura arquetípica dos oráculos. No caso do Tarô, principalmente, diversas obras difundiram uma leitura arquetípica das cartas, tentando retirar seu conteúdo de previsão, enfatizando sobremaneira o autoconhecimento. Essa leitura surge a partir da obra de Sallie Nichols, *Jung e o Tarô* (2007) e de Irene Gad, *Tarô e individuação* (1994).

Rogério também repudia o movimento psicologizante para o Tarô.

“Nós temos que ter muito pé no chão em relação a isso. Não tem como você falar de nada oracular, sem falar do mundo espiritual. Se a pessoa quer jogar isso no mundo psicológico, falar de inconsciente coletivo, sincronicidade, não entende o que é o oráculo. Se ela quer jogar muito no psicológico, no humano, por favor! Como é que humanamente eu posso pegar um papel com uma figurinha colorida e dizer algo sobre seu futuro? Os dois estão loucos: eu por falar, e você por acreditar. Se eu não tiver algum contato ou elo espiritual por mínimo que seja... Um ateu pode jogar Tarô? Claro que pode! O Tarô é para todos! Ele vai ter uma leitura simbólica racional e vai ter ótimas respostas. Porém, como que isso se dá? Essa mágica é inexplicável! Ah, isso é sincronicidade, Jung, Mary Von Franz? Tá, eles tentaram dar um sentido para o mundo espiritual, que é incognoscível!” (Rogério).

Nesse sentido, para Rogério, a espiritualidade não se encontra na percepção extrassensorial, na intuição ou na presença de mentores espirituais no momento da consulta: o elo espiritual do oráculo está, exatamente, no embaralhamento e na escolha das cartas. Quando se passou dessa fase, a espiritualidade dá espaço para que o oraculista a interprete. “O Tarô é uma técnica; a escolha das cartas é mágica! É ali que está o portal”, diz ele.

Assim, a maioria dos entrevistados não trabalha somente com intuição ou vidência, segundo as quais não seria pressuposto qualquer conhecimento prévio do repertório simbólico do oráculo que se utiliza. Porém, para aqueles oraculistas não-videntes, a maioria acredita que é preciso conhecer o repertório do oráculo, estudar e fazer cursos para que se possa atender profissionalmente e, eventualmente, desenvolver a intuição (Tavares, 1999). Para além disso,

a intuição seria um *plus*, algo que surge espontaneamente no momento da consulta, porém, não se poderia contar com ela *a priori*, uma vez que nem sempre se tem intuição ou se ouve mensagens espirituais.

Encontramos eco na discussão sobre a intuição em Bergson, que tem a ver com captar o fluxo do movimento da vida, a que chama duração. A duração é a “evolução criadora”, a “criação perpétua de possibilidades” (Bergson, 2013, p. 25), o que se observa exatamente a partir do movimento cosmoprático do oráculo, em termos das consultas, ou mesmo na cosmicização da percepção do universo reencantado.

Observamos que os exemplos dos oraculistas inserem não somente as consultas oraculares no contexto microinteracional no fluxo do oráculo, como também no fluxo da vida. Nesse sentido, o *cosmos* é reencantado a partir da faculdade de percepção da intuição. Ao contrário dos atores anteriores, a cartomante Rita associa a intuição como “estilo de vida”: em suas palavras, a intuição surge como forma de vida, de vivenciar o mundo.

Rita sempre teve dificuldades de relacionamento com a avó. No final de sua vida, a avó passa a viver com ela. Um dia, relata ter sonhado com os pais, já desencarnados:

“Minha avó, até os 99 anos, teve algo como uma demência senil. A médica falou: ‘agora você tem que assumir’. Meu Deus, mas uma pessoa que fez muito mal pra mim, como vai ser isso? Ela tinha períodos de lucidez. Essa foi mais uma das puxadas de tapete que eu tive. E nessa noite eu sonhei com meu pai e com a minha mãe, porque eu estava preocupada: será que eu vou dar conta? Foi até um susto, porque nesse sonho eles falaram: ‘Rita, nós viemos buscar a sua avó’. Quando eu acordei, eu falei, pelo que eu conheço do mundo espiritual, não vai ser hoje, nem amanhã, nem daqui a uma semana. Eu simplesmente sabia que não era naquela hora. Eu também faço um exercício de interpretar os sinais do universo – isso leva segundos, como se eu tivesse numa conta matemática – aí eu tive um estalo: *eu tenho que gestar minha avó*. contei nove meses, isso foi no dia 09/05. Ela morreu no dia 06/02” (Rita).

“Essas certezas, essa interpretação do universo, é um estilo de vida”. As sincronicidades aparecem, assim, não somente a partir do referencial simbólico e cosmológico, como quer Jung, nem somente como mera exterioridade imanente do movimento da vida e dos afetos, na esteira da filosofia da imanência de Spinoza (2009) e Bergson (*op. cit.*), por exemplo. As sincronicidades expressam a síntese cosmoprática oracular, que se desdobra tanto da intuição, como da significação eficaz do símbolo⁶¹.

⁶¹ Bergson, nesse sentido, em busca de uma metafísica como “experiência integral”, postulou que seria necessário “romper com os símbolos” (Bergson, 2013, p. 218). Nesse sentido, a tradição filosófica espinosiana não permite entender os nexos cosmológicos-simbólicos da cosmopraxis oracular.

No sonho de Rita, percebe-se que seus pais se comunicaram com ela em um momento eficaz da duração, mas ela também foi capaz de, em uma espécie de ato singular (“em um estalo”), codificar a mensagem simbólica da gestação, que se desdobrou do sonho. Nesse sentido, a cosmopraxis forma um ato instituinte de sentença oracular, que integra o tripé previsão (sua avó faleceria em 9 meses), autoconhecimento (a significação de Rita ter de cuidar de alguém que lhe fez mal, como parte de um carma, quem sabe, de vidas passadas) e terapia (como forma de cura e perdão que Rita e sua avó precisariam passar, antes de seu desencarne).

Apesar de entender sua intuição como estilo de vida, Rita compartilha do repertório das percepções extrassensoriais, como alguns outros videntes e oraculistas. Segundo ela, possui capacidade sensória de clariaudiência e clarividência.

“Escutar espíritos, outras pessoas, eu numa consulta, alguém me falar alguma coisa, eu escutar, eu psicografar, isso acontece centenas de vezes comigo. Mas acontece tudo no nível mental, é clariaudiência. E eu também tenho clarividência. Então, mentalmente, eu posso ver alguma coisa, se tem alguém aqui, mentalmente. Já chegou uma pessoa pra uma consulta, em que eu comecei a ver uma criança do lado da moça, que não tinha nada a ver com o objeto da consulta, aí me deu um *click*, era a história de um aborto. E aí eu falei pra moça: olha, tá aqui, tá falando comigo assim, assim, assado. Eu atendo muita gente que abortou. na maioria das vezes, elas não aparecem por causa disso, é impressionante” (Rita).

Rita e Silvana, também vidente, relatam que fizeram o curso com Sandra, cartomante que aborda o oráculo de forma mais racional e terapêutica. Segundo elas, o curso com Sandra foi muito satisfatório, porém, não conseguem aplicar sua forma de leitura mais simbólica às cartas.

“O curso com a Sandra foi uma experiência boa, porque ela tem uma didática com o oráculo, uma forma de leitura diferente da minha, porque, na verdade, eu utilizo o oráculo já há muitos anos, desde 2000, e eu tenho um histórico de parte espiritual, de mediunidade que me acompanha desde os oito anos de idade. Eu fiz mais porque eu procuro outras pessoas para ver a forma de jogar, a forma de tratar... Mas, na verdade, eu acabo nem utilizando, porque eu utilizo a minha maneira de jogar, porque a minha maneira é mais por audição, visão, então se eu começar a racionalizar como eles fazem, eu não funciono. Eu acho que ela tem uma forma de jogar que no final dá certo e eu acho que tem atuação da parte espiritual também, pelo que eu pude perceber; e é menos cansativo, porque você não usa tanto a sua energia vindo o tempo todo, como eu; quando eu acabo as consultas do dia parece que passou um caminhão, eu deito, apago, durmo, fico exausta; já a fórmula dela jogar é mais tranqüila. Pra quem nunca jogou, é o

melhor curso que eu indico, que eu já fiz, que eu já vi. Pra quem nunca atuou nessa área, é o melhor curso. Porque não tem como racionalizar a intuição, entendeu? Você pode até ver como as outras pessoas fazem: pra isso é bom o curso, mas racionalizar não se racionaliza (Silvana).

Segundo ela, ainda com oito anos de idade, enquanto estava na cozinha de casa, ouvia o som da água da torneira jorrando e, de repente, foi instruída com mensagens do astral.

“Quando a água caía, o som da água provocava isso. Então teve até uma vez, (eu não vou esquecer) a minha mãe tava com uma amiga dentro de casa, aí minha mãe foi abrir a pia para lavar xícara, servir café – o lanche, né, os filhos participavam – aí eu cheguei assim pra moça [amiga de sua mãe] e falei: ‘tia, o seu marido tem outra moça’ (com oito anos eu não sabia o que significava isso, eu só falava as coisas). A moça foi atrás do marido e pegou a amante. Aí minha mãe me deu uma surra e disse: ‘você nunca mais fala isso!’, entendeu?” (Silvana)

Desde então, Silvana procurou um terreiro, foi membro da Umbanda por 7 anos, depois foi feita no Candomblé, por 10 anos, com todas as obrigações, mas, segundo ela, o problema das religiões é “o homem”. Estar em um ambiente religioso, para ela, atrapalha a conexão espiritual. Segundo Roof, apesar da crescente desinstitucionalização religiosa, ou melhor, o sentimento de recusa das instituições religiosas tradicionais, a busca espiritual (contra a ideia de religião) faz reaparecer a religiosidade na esfera pública, a partir dos valores propagados pelo “mercado espiritual” (Roof, 1999).

Silvana relata ser vidente, e trabalha com o Baralho Cigano e um copo d’água, onde projeta suas visões.

“Eu ouço meus guias e vejo nas águas, como se fosse um retroprojeter, ali nas cartas... Vejo algumas imagens, alguns flashes. Por exemplo, no jogo da Sandra, uma carta com a outra, tem um sentido, um significado. Ai você só tem uma forma de jogar. Essa mesma carta junto com essa, pra mim, pode ter um outro significado, porque eu vou ouvir. Fulano, essa carta com essa⁶² aqui significa alguma coisa sobre vida material, mas para mim pode significar: Fulano, você fez um aborto? Você ta entendendo? Porque eu vi, eu ouvi!” (Silvana).

Silvana relata, inclusive, que tinha um “emprego” de secretária executiva do diretor jurídico de uma multinacional. Um dia, ela ouviu uma voz que dizia: “Você vai ser demitida. Você não passa do fim de ano nessa empresa”. Achou que estivesse imaginando coisas. Eis

⁶² Ela faz referência ao jogo da Mesa Real, em que as 36 cartas do baralho são dispostas na mesa e cada combinação de cartas tem um significado específico.

que sonhou com sua mãe, recém-falecida que a mandou rezar para Santa Catarina. Silvana, à época, nunca tinha ouvido falar da Santa. Ela destacou esse trecho da oração:

Assim rogo que abrandeis os corações dos nossos inimigos.
 Olhos tenham e não me enxerguem,
 boca tenham e não me falem,
 braços tenham e não me atem,
 pernas tenham e não me alcancem,
 fiquem imóveis como pedra em seu lugar,
 ouvi minha prece, Virgem mártir,
 para que eu alcance tudo o que vos rogo.

Alguns dias depois, ela foi chamada à sala do chefe. Novamente, ouve uma voz que diz: “Agora você vai ser demitida”. Quando chegou, ela surpreendeu ao chefe, dizendo que seria demitida. Silvana relata que, à época, tinha acabado de ser promovida, o que não fazia sentido para os colegas.

O relato de Silvana se insere no que Rita e Lúcio diferenciam como um grau elevado da intuição, uma espécie de ‘voz direta’. “Acima da intuição, tem um refinamento, que eu chamo de sofisticação da intuição, que é quando você sabe! Simples assim, você sabe! É diferente da intuição”, diz Rita.

“Eu gosto muito da carta, porque sou eu que jogo, eu sei o que eu to fazendo. Mas, a intuição é muito importante; eu não ouço vozes. não, eu tenho certezas, o que é muito pior! Isso é Júpiter na casa 9, Júpiter em Sagitário. Eu acho que eu sou Deus (risos). É péssimo isso! Eu vou jogando e digo é isso, mas não sei dizer de onde vem aquela certeza. É horrível, porque eu só sei que é aquilo. 99% das vezes bate. É a minha certeza, eu não sei de onde vem. Eu não escuto, eu não vejo, eu simplesmente sinto. E o que eu sinto, eu falo. O que vem na minha cabeça, vem na minha boca e eu saio falando. Esse é o Claudio. Em qualquer momento, seja no oráculo, seja no ritual, seja na palestra. Essa é minha maneira de me conectar e de trabalhar minha espiritualidade. Se você me perguntar uma coisa, eu acordo no dia seguinte com uma certeza horrorosa. Não sei de onde veio, isso é normal. Faz parte do sacerdócio” (Lúcio).

Para alguns oraculistas, a capacidade de percepção extrassensorial é parte de um dom. Nesse sentido, assim como Lúcio afirma que a capacidade de ‘ter certezas’ faz parte do sacerdócio, Pai Vando associa a intuição aos orixás. Segundo ele, são eles que permitem a seus filhos adquirir as capacidades mediúnicas.

“Como é que ele [o Orixá] passa? Através da intuição. Ele passa a resposta pela sua cabeça, como se você tivesse ouvido aquilo! A gente ouve e não ouve... Vem uma coisa tão forte que aí eu pergunto [aos búzios]: é isso? Ele responde: ‘sim!’ E aí, desenvolve aquela conversa. E por que a intuição? Por causa desse cargo que eu tenho. Desde o momento em que esse cargo foi confirmado e você tem que desenvolver aquilo ali, eles te trazem toda mediunidade, todo aquele aparato. E se a pessoa não tem cargo, ela também não tem a intuição, que é um dom que você tem ou não, que vem pela sua espiritualidade” (Pai Vando).

Há, segundo os oraculistas, vantagens e desvantagens no trabalho oracular apenas com intuição, ou com percepção extrassensorial. Eles acreditam que a percepção extrassensorial é mais certa em termos de previsões. Trata-se de um dom, que pode ser aperfeiçoado, mas que, para as pessoas que não nascem com ele, não se pode adquirir. Já a intuição é menos eficaz, mas é capaz de dar respostas mais acuradas, caso se saiba trabalhar a simbólica do oráculo. Mesmo Pai Vando diz:

“Aquela filha de santo é altamente vidente, ela ouve também, muito! Mas por exemplo, ela olha aqui pra você, tem um Orixá do seu lado. Ela pode achar que é o seu Orixá de cabeça, mas na verdade é um Orixá que está te protegendo naquele momento, na hora. Existem Orixás que trazem muito isso pros filhos. Obaluayê traz muita vidência pros filhos. Oxum, Yemanjá, também! Por quê? Oxum e Yemanjá são muito ligadas à cabeça. Obaluayê é terra, é vida, então eles lidam muito com esse tipo de coisa, passam muito isso pros filhos. Agora, não são todos os filhos. O meu [Oxumarê], por exemplo, me passa muito intuição. Uma vez eu falei com ele: ‘poxa, eu sou pai de santo, queria ter vidência...’ Ele falou: ‘olha, meu filho, a vidência pode ser deturpada, porque um espírito pode aparecer da maneira que ele quiser. Um Exu pode aparecer como Oxóssi, mas é Exu que tá ali. Então, a vidência é uma capacidade que a pessoa tem, mas que é falha. A audição, a mesma coisa: você não sabe quem tá falando com você. Você não conhece a voz de ninguém, quem é que falou? Agora, a intuição, ninguém corta, ninguém modifica. É a única que você tem pura: quando ela vem, ela entra em voce e não tem interferência de nada. E essa você tem!’ [disse Oxumarê]” (Pai Vando).

A lição de Oxumarê para Pai Vando foi essencial e acompanha o que colocam os demais oraculistas. Joana enfatiza a leitura de livros e cursos como forma de contrabalançar a intuição e a leitura simbólica. Como não se tem controle sobre a intuição e a ESP, não se pode vislumbrar atendimento oracular em dias em que não estejam afinadas, segundo ela. Assim, o oráculo serve como padrão de equilíbrio entre a intuição e a leitura simbólica, o fe(i)tiche racional-intuitivo.

“Incorporação não é 100% verdade. A sua aura é que se expande e você entra em contato com a aura do Mestre. Então, você amplia seu potencial e essa influência passa você por “osmose”. Por isso se chama divinação: arte divinatória, não é adivinhação. Você está interpretando o símbolo pra você evoluir, pra você aprender e pra pessoa que tá na sua frente, pra você resgatar o karma com ela. Mas, jogar somente a partir da intuição é a mesma coisa que dizer que joga um estilingue quando já existe arma a laser de última geração, porque mediunidade não é linear, tem altos e baixos. Tem dias que você tá com a sua mediunidade à flor da pele; tem dia que não. A vantagem do Tarô Cigano é que ele cria um equilíbrio. No dia em que você estiver ultra hipersensitivo, você vai dar um banho, mas, se você não tiver tão bem, dali você não desce. Ele dá uma base. Você pode estar só no feijão com arroz, ou você pode fazer um jantar de 30 talheres” (Joana).

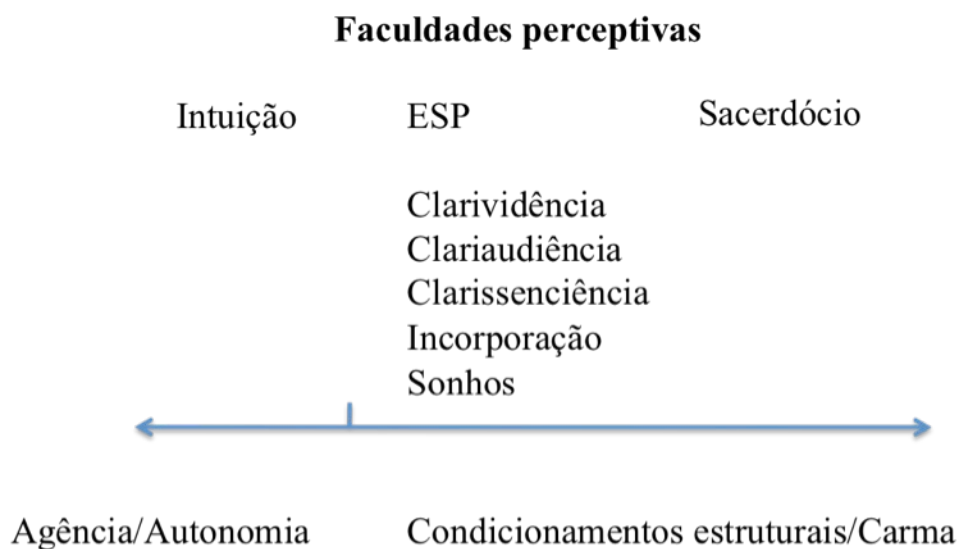
O que Joana diz em relação às cartas poderia ser generalizado a qualquer oráculo. A cosmopraxis do oráculo não depende da ESP, mas pode, sim, beneficiar-se de seus atributos. Assim, a vidência pode ser certa. Ouvi boatos de um vidente, durante o campo, que profere sentenças certas. Uma oraculista diz, em tom de brincadeira: ‘ele acerta até a cor da sua calcinha!’ Esse vidente cobra 250 reais por consulta e joga Tarô, mas, dizem os oraculistas, que o baralho é meramente figurativo. Porém, dizem que ele, em momentos em que não consegue abrir seu portal perceptivo, erra todas as previsões.

Nesse sentido, também costumo ouvir que espíritos zombeteiros podem atrapalhar a percepção extrassensorial. Como a ESP se constrói como uma forma de vida e, muitas vezes, é herdada de família, os oraculistas a associam a um caminho de muito sofrimento.

“Esse caminho da espiritualidade é muito difícil. Até você colocar isso nos trilhos, essa energia nos trilhos, você sofre muito. Eu estudei parapsicologia, então eu tenho um olhar muito diferente hoje. São fenômenos paranormais; isso não é mediunidade. Isso é uma energia muito forte contida, e é muito difícil de você dominar. Tem hora que você não consegue dominar. Imagina você dar um recado pra uma pessoa que nunca te viu! Isso é muito chato! Sem contar o que você sente!” (Tamara).

A percepção extrassensorial parece, para a maioria dos oraculistas que a acessam, representar um sofrimento, quando não bem trabalhada. Na tabela abaixo, procuramos demonstrar como eles enxergam as faculdades de percepção em relação a mais ou menos sofrimento.

Tabela 08 – Percepção extrassensorial



Para eles, a ESP é um dom hereditário que os acompanha desde pequenos. Nesse sentido, todos os oraculistas que se enquadram nesse perfil relatam que, quando crianças, sofreram tanto pelos efeitos físicos e psíquicos da ESP, como também, muitas vezes, pela incompreensão.

Tamara relata que ouve, vê e, principalmente, sente energias e espíritos. Define-se como sinestésica. Ela diz que, desde pequena, a espiritualidade foi vivenciada como motivo de chacota, ou mesmo de incompreensão.

“Quando eu tinha 14 anos, uma menina da minha sala perdeu a mãe. Meu filho, eu fiquei louquinha. Eu gritava dentro da sala de aula. Os colegas riam... Eu sentia uma presença de sofrimento muito grande. Ela morreu e deixou dois filhos: a minha colega e uma pequenininha. Outra vez, o filho de uma amiga minha que eu vi crescer: com 19 anos, ele morreu. Eu tava na varanda e ele parado, em pé. A casa cheia de gente, um dia de festa. Eu olhei pra ele, e veio uma coisa assim: ‘é a ultima vez que você tá vendo’. De madrugada, ele foi assassinado. Quem é que gosta disso? Eu fui estudar Parapsicologia pra entender isso” (Tamara).

É necessário estabelecer uma inversão de perspectiva, no sentido de atribuir à percepção extrassensorial à natureza, e seu controle e incorporação de suas faculdades, ao darma pessoal, como elemento de exercício de compreensão do livre-arbítrio.

“A gente chama de fenômenos paranormais, sobrenaturais, mas isso na verdade está na natureza do ser humano. Todo mundo tem isso; alguns manifestam e outros não. Alguns nem sabem que têm, mas eles atuam na energia. Energia não desaparece, ela se transforma e nós *somos* isso! A

parapsicologia sofre o que um dia a psicologia sofreu, o preconceito no meio científico, mas ela nada mais é do que a psicologia que atua em campos mais sutis, energéticos. Os meus fenômenos paranormais se manifestam porque eu sinto o que a pessoa tá sentindo, se ela tá alegre, eu também fico, mas se ela tá triste, eu ficava [sinestesia e clarissenciência]. E outras coisas mais bizarras: às vezes eu tinha que dar recados pra pessoas que eu nunca tinha visto, que eu não conhecia! Às vezes de entidades, ou de pessoas que desencarnaram. Não é que eu quisesse me desfazer disso, porque isso é da nossa natureza; o que eu queria, na verdade, é que isso fosse de uma forma ordenada” (Tamara).

Adriana também relata que ouviu de Zarco Fernandes, um Kaku (sábio cigano) para que ela estudasse os fenômenos que o corpo provoca, que, segundo ele, “são fenômenos naturais”. Relata ter sentido problemas de saúde que o próprio corpo curava, que Adriana classifica como autocura. “Eu fui estudar o processo de uma forma científica para que esse processo religioso não me engolisse”, diz ela.

Eles atribuem a ocorrência desses fenômenos à hereditariedade. Porém, alguns deles não possuem repertório de capital espiritual familiar. Tamara relata que sua mãe também possuía ESP de forma mais aguçada, e conta esse impressionante relato.

“Eu era bem pequena, mas eu me lembro. A minha mãe tinha manifestações absurdas, uma clarividência muito precisa. Um dos episódios que mais me marcou foi com uma vizinha, uma senhora que não era muito sociável. Um dia, a minha mãe tava costurando em casa, e olhou pro lado e falou: ‘D. Alzira? O que a Sra. está fazendo aqui?’ E eu não vi a D. Alzira! ‘O que a Sra precisa?’ Ela se materializou na frente da minha mãe pedindo ajuda. Daí minha mãe desceu até a casa dela. Ela tinha sumido, desaparecido. Os filhos e o marido estavam desesperados, daí logo depois veio a notícia de que ela tinha sido atropelada. E a minha mãe descreveu exatamente a roupa e o lenço que ela estava usando na cabeça, então ela se manifestou pra minha mãe pedir ajuda. Eu era muito criança, presenciei tudo isso e muito mais!” (Tamara).

Eles afirmam que a ESP significa lidar tanto com entidades e espíritos bons, como também com obsessores e entraves espirituais alheios.

“Eu fui kardecista durante muitos anos e foi lá que eu manifestei meus fenômenos paranormais, mas algumas coisas me incomodavam. Eu sou telepática, só que, quando você não tem isso muito organizado, causa uma interferência muito grande na sua vida, porque você não se conecta só com aquilo que é bom... Telepático é quando voce capta o pensamento de outra pessoa e se comunica com ela. Eu sou extremamente sensitiva, intuitiva, até por eu ser sinestésica, eu sinto muito as coisas, mas nunca tive muitas incorporações. Só que teve uma fase

da minha vida que eu meio que rompi com religião, fiquei meio cansada desses dogmas... Principalmente depois que eu fui estudar História” (Tamara).

Lúcio reitera: “Não quero ouvir nada, não quero ver nada. Não tenho medo, até porque, quando você ouve e vê, você vê tudo, coisas boas e ruins. Ter dons significa ter mais responsabilidades”, diz ele. Tamara coloca que uma dimensão importante da ESP é o controle de suas faculdades perceptivas. Nesse sentido, é necessário estudar parapsicologia, ou trabalhar em centros espíritas ou de Umbanda, para que a mediunidade não se torne um caminho de sofrimento. Nesse sentido, é válido entender a ESP como um darma, já que sua alma escolhe passar por esse caminho no plano reencarnatório. Assim, as entidades que acompanham os oraculistas colocam empecilhos em suas vidas para aqueles que não aceitam cumprir sua missão.

“Uma colega nossa tinha um filho que se suicidou. A gente foi visitar ela. Eu me senti com uma energia péssima, inquieto. Quando você não trata [da ESP], chega um momento em que eles [entidades e Orixás] vão dar um nó na sua vida em que você vai ter que arriar uma comida, você tem que dar um agrado... E quando você dá, as coisas parece que avançam!” (Fernando).

Rita, apesar de ser clarividente e clariaudiente, relata uma experiência extremamente marcante em sua vida, que classifica como “voz direta”. Segundo ela, a clarividência e a clariaudiência se manifestam em um registro mental e perceptivo, enquanto que, dessa vez, ela realmente ouviu uma voz.

“A primeira vez que eu ouvi uma voz direta – só aconteceu uma vez na minha vida, isso é muito raro de acontecer – eu estava aqui, foi exatamente nessa garagem, eu tinha 20 anos e a sensação é como se tudo fosse congelado. Tudo acontece em segundos, mas a sensação, sabe aquela coisa de filme, que congela? Pára o tempo e o espaço! As pessoas que estão na sala estão paradas, eu tô parada... Eu simplesmente escutei. Tem a ver com toda a minha história, minha doença, meu desafio, estavam me dando uma orientação: ‘o caminho é esse aqui’. Foi uma coisa de segundos, uma voz masculina, em momento nenhum eu duvidei, eu nunca contei isso pra ninguém. Fui contar pros meus filhos agora! Isso dura segundos e a vida continua. Eu segui a orientação. Mesmo tendo escutado, foi um caminho de muita dor e sofrimento” (Rita).

Outra forma de percepção extrassensorial um tanto inesperada desenvolvida pelos oraculistas ocorre por meio dos sonhos. Segundo alguns deles, os sonhos podem se tornar um canal aberto para mensagens do astral.

“Quando meu avô ficou doente, ficou alguns dias no hospital. Quando ele morreu, todo mundo já sabia, porque ele visitou todo mundo em sonho à noite; todo mundo sonhou com ele. Todo mundo ligou pro hospital no mesmo dia e já sabia” (Fernando).

Lúcio também conta que, quando enveredou-se para o sacerdócio, instantaneamente parou de sonhar.

“Isso é incrível. desde o dia em que botei os pés na ordem, nunca mais eu sonhei. Eu era uma pessoa normal, quando eu entrei pra ordem, é muito raro eu lembrar de um sonho. Eu apago. Existe um *gap* na minha vida todas as noites. Isso é muito assustador. A sensação que eu tenho é de um grande vazio na minha noite” (Lúcio).

Ele diz que existe o “Lúcio do dia” e o “Lúcio da noite”. Segundo sua mestra, ele realizaria trabalho espiritual durante a madrugada. Para que não tomasse consciência de seu trabalho, “e eu virar maluco”, como diz ele, foi melhor não lembrar de seus sonhos.

Nadam vai mais além, e associa seu trabalho do Materializador de Sonhos à dimensão onírica como capacidade oracular por excelência. Ele me indicou um livro sobre sonhos iniciáticos de Peter Lamborn Wilson (2004), *Chuva de Estrelas*, que mostra que a prática iniciática de receber mensagens astrais a partir de sonhos percorre toda a história da humanidade. Nadam entende os sonhos como oráculo.

“O primeiro sonho que eu vi que era um oráculo, na época, eu tava namorando uma menina de Curitiba. Eu fui pra Curitiba e, na volta, a gente meio que estava terminando o relacionamento. Não dava pra ficar com a relação de ficar indo e vindo, sabe essas coisas? Na volta, peguei o ônibus de madrugada. Ele entrou numa contramão e bateu num carro de frente e morreram as duas pessoas do carro. E aí teve que trocar o ônibus, uma viagem. O que era pra ser 10 horas, ficou 20 horas. E aí eu fiquei em casa e tinha esse sonho que falava de morte, que a gente chama de Fogo, que tinha um cara que queimava os ossos da avó dele em um forno crematório. Então esse sonho fala de transformação, de um novo ciclo. E, aí, eu comecei a olhar os sonhos que eu tinha feito antes e eu pensei: o primeiro que eu tinha feito tinha um símbolo de começo – um círculo com um ponto no meio – era um relógio sem os ponteiros. ‘Ih, é, olha só!’ Daí fui ver: ‘isso aqui aconteceu também, isso aconteceu também’, e aí eu comecei a levar pra minha vida os meus sonhos como oráculo. Isso me acompanhou por alguns anos. Eu passei a anotar no meu caderno uma lista de sonhos” (Nadam).

Figura 17 – Fogo



Legenda: Fogo, da Série Materializador de Sonhos, de Nadam Guerra.

Fonte: Site pessoal do artista.

Felipe também diz que os sonhos dos consulentes aparecem em suas consultas de Tarô, das formas as mais inusitadas.

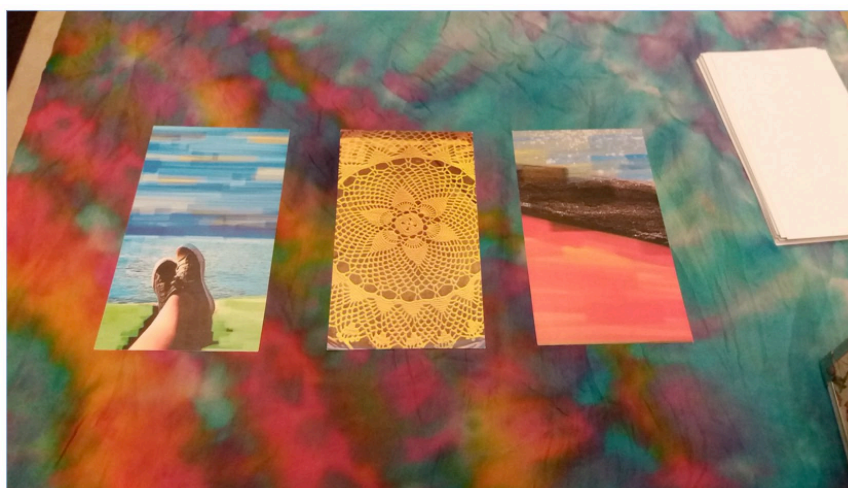
“Tem umas coisas bem doidas que acontecem de vez em quando. Joguei pra uma menina uma vez, que a parte afetiva dela nunca é problema. Ela não quer saber desse assunto. Ela vive em função do material. Parece que ela passou uma rebordosa do passado e ela meio que resolveu arquivar qualquer experiência afetiva da vida dela. Tá feliz em viver trabalhando. E o jogo dela tinha a possibilidade de se abrir pra alguma história, de viver alguma coisa de afeto, possibilidade de se abrir pra isso. Aí, perguntei: ‘tá rolando algum flerte?’ ‘Não!’ Eu falei que poderia acontecer alguma coisa muito bacana com ela. ‘Alguma coisa, nenhuma cachorrada não, mas pode ser cachorrada também’. Ela ficou pálida e perguntou: ‘por que você falou cachorrada?’ ‘Nem sei...’ Eu sou mestre das expressões esquisitas, mas cachorrada não faz parte do meu repertório (risos). Ela disse: ‘Porque essa noite eu sonhei que eu era perseguida por um monte de cachorros que me acuavam num canto e esses cachorros viravam homens!’ Isso foi algo marcante. Do cacete um negócio desses! (Felipe).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da forma de vida oracular é muito intensa. Penso que este trabalho não estaria completo sem um pequeno registro sobre como o campo é capaz de afetar o pesquisador. Apontarei apenas algumas amostras que, para mim, foram muito marcantes. A primeira delas diz respeito à própria construção do trabalho em si.

Durante a apresentação do evento de Nadam Guerra, sua aluna Janaína tirou algumas cartas do baralho que construiu durante seu curso. Elas representam o caminhar do trabalho de pesquisa.

Figura 17 – Cartas de Janaína



Fonte: Acervo pessoal.

Segundo ela, as cartas indicam que eu tenho pés firmes no chão e que posso caminhar sem medo, sem conter minha criatividade. À época, Janaína me ajudou a tornar minha escrita mais informal e transmitiu a confiança necessária para a escrita da dissertação.

Muitas entrevistas acabaram se tornando consultas. Alexander, Ana Teresa, Edijane e Simone me disseram, cada um, coisas impressionantes sobre o momento que vivia, enquanto os entrevistava. Durante uma entrevista com Simone, a quiromante, me emocionei muito com o que ela disse sobre a minha linha do amor. Ela, inclusive, marcou a caneta todos os sinais da minha linha e me passou mensagens profundas. Disse que sou uma alma de muitas encarnações na Terra; que eu sou uma pessoa extremamente sensível e que o amor e a autoestima não vieram de forma fáceis para mim. Além disso, me deu datas exatas sobre inícios de portais no amor, que bateram com alguns casos anteriores.

Figura 18 – Rastros da quiromancia



Legenda: Leitura de mãos realizada por Simone. Na foto, Simone recriou com a caneta a Linha do Amor.
Fonte: Acervo pessoal.

Agradeço, não somente a ela, como a todos os outros, que me deram consultas igualmente reveladoras.

Durante uma meditação guiada, no Círculo de Brigantia, realizava-se o ritual para o ano de 2018. Todos estavam de pé, com as luzes apagadas e apenas duas velas acesas. De um lado, havia o altar de Odin (deus da mitologia nórdica); de outro, o de Zeus (da mitologia grega). Enquanto Claudio guiava a meditação, o que me impressionou foi a descrição das cenas: por exemplo, antes que Claudio dissesse que deveríamos imaginar uma floresta, eu já havia imaginado uma floresta. Eu sentia chover no meu corpo, havia uma grande árvore no centro, que eu abraçava.

Depois, Claudio disse exatamente que estávamos em uma floresta chuvosa e que deveríamos abraçar uma árvore. A sincronicidade desses elementos me impressionou muito. Como mencionei no Capítulo II, a intensidade das energias, por exemplo, da casa de Exus de Katja e do Círculo de Brigantia me impactaram muito, com sensações corporais marcantes.

Durante o ritual da Magia dos Espelhos, de Adriana, estava com três pontos no pé, de uma pequena cirurgia. Antes de chegar ao local, meu pé doía muito, a ponto de não conseguir

me manter em pé. Porém, quando Adriana nos mandou levantar, a dor havia sumido completamente. Coincidentemente, o ritual tinha a ver com expurgar males.

Em outra ocasião, fui convidado por Alexsander a participar de uma de suas aulas de leitura de Baralho Cigano, particularmente sobre o método Peladan. Alex fez referencia a Nei Naiff, que elaborou, a partir dos escritos de Joséphin Peladan, ocultista francês, um método de cinco cartas: A casa 1 (lado direito) representa o lado positivo; a casa 2 (lado esquerdo), o lado negativo, ou o que falta. A casa 3 (carta acima), o caminho a percorrer. A casa 4 (carta abaixo), o resultado, e a casa 5 (carta no centro), como o consulente se coloca frente à situação. Durante a aula, Alex chamou uma amiga cartomante que fez duas perguntas sobre sua vida aos alunos, que deveriam respondê-la segundo o método Peladan. Ela mencionou que seu marido gostaria de comprar uma casa maior para que o casal morasse com seus filhos do 1º casamento. As cartas que caíram foram as que seguem.

Figura 19 – Jogo do casamento



Legenda: Jogo realizado para o casamento da aluna de Alexsander, segundo o método Peladan, quando da ocasião de seu curso.

Fonte: Acervo pessoal.

Os alunos responderam que a mudança de casa trazia muitas preocupações a ela (Carta As Nuvens na casa 1), que a carta dos Lírios na 2ª posição representava um literal ‘não’ à mudança de casa, já que os Lírios têm a ver com família, na posição negativa. Além disso, o resultado seria péssimo (A Cruz na casa 4). Uma das alunas chegou a afirmar que, se ela mudasse de casa e convivesse com os filhos do marido, seu casamento acabaria definitivamente.

A negatividade atribuída às cartas do Caixão e da Cruz são quase um lugar comum na cartomancia. A carta do Caixão (casa 5) combinada com a da Cruz (casa 4), no Baralho Cigano, podem indicar o falecimento ou a morte física de alguém. Depois de a consulente afirmar o resultado e dizer que, de fato, o assunto sobre a mudança de casa causava muitas brigas entre o casal, Alex recebe uma mensagem no celular que comunicou o falecimento de um grande amigo, hospitalizado há semanas em fase terminal.

Qual não foi a surpresa da turma, todos imediatamente ficaram impressionados com a sincronicidade do jogo, que aparentemente apenas dizia respeito à amiga de Alex, que apresentou um retrato do momento que o universo revelou por meio das cartas. Todos ficaram tomados pela emoção daquele encontro e Alex afirmou a potência do Baralho Cigano, que opera, exatamente, como um espelho do momento presente e que, portanto, o microcosmos oracular se comunica com o macrocosmos do universo. Nesse sentido, a mensagem oracular tanto serviu para a cartomante, como para Alex.

Esses poucos exemplos servem para retratar que a cosmopraxis oracular integra diversas camadas e elementos. Retomando o esquema proposto no Capítulo I, baseado na visão integral de Ken Wilber e o esquema final do Capítulo III, pode-se afirmar que a cosmopraxis oracular opera pela integração do *self* holístico ao cosmos, a uma forma de vida oracular que inclui a profissão de oraculista.

Retomando a construção de uma visão integral do oráculo, no primeiro quadrante encontra-se o *self* holístico, que integra uma concepção de corpo, mente e espírito, a partir dos corpos áuricos e dos chacras; no segundo quadrante, a percepção extrassensorial, a intuição ou mesmo a percepção das sincronicidades, que envolvem, no terceiro quadrante, a cosmicização e o entendimento cosmopolita dos carmas e darmas de cada pessoa e, por último, uma vivência integral da cosmopraxis oracular.

Nesse sentido, entender o oráculo passa a ser uma forma de experiência de viver o mundo, tanto a partir da captação dos sinais de sincronicidade, quanto por um método eficaz de significação ao que se propõe entender como oráculo, sejam as consultas particulares, seja mesmo a vida.

“Espiritualidade significa estar em conexão com o Espírito, como a própria palavra diz. Na prática, espiritualidade significa sermos guiados por algo que está acima do *ego*. E estar no Espírito significa ser inspirado. Significa, antes de tudo, o contato com aquela parte dentro de você que está cheia de Luz. Não falo de Espírito exterior. Falo do Espírito que anima sua alma, que anima o seu corpo e que anima sua vida. Somos um espírito que possui um corpo para vivenciar as experiências no

planeta Terra, com o propósito de evoluir. E, para vivenciarmos as experiências, precisamos de três partes: Corpo (Carta 05, A Árvore), Mente (Carta 04, A Casa) e Espírito (Carta 31, O Sol) (...) Sejamos, então, um ponto de luz e multiplicadores de alegria, pois a paz e a doçura elevam a alma” (Durão, 2017, p. 134-135).

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, J. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 37, São Paulo, 1998.
- AMARAL, L. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ARCHER, M. *Structure, agency and the internal conversation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BAPTISTA, J. R. “Os deuses vendem quando dão”: um estudo sobre os sentidos do dinheiro nas relações de troca do candomblé. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- BASCOM, W. R. *Ifa divination: communication between gods and men in West Africa*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.
- BASTOS, C. *Em busca de espiritualidade na Índia: os significados de uma moderna peregrinação*. Curitiba: Prismas, 2016.
- BASTOS, C.; BASTOS, K. *O Tarot Cigano da Trybo Cósmica: Encantaria Cigana do Povo do Oriente*. Rio de Janeiro: Espaço Cultural e Holístico Trybo Cósmica, 2018.
- BECK, U. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- _____. *O Deus de cada um*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.
- BECK, U.; BECK-GERNISHEIM, E. *Individualization: institutionalized individualism and its social and political consequences*. London: Sage, 2001.
- BECKER, H. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BELLAH, R. et al. *Habits of the heart: individualism and commitment in American life*. Los Angeles: University of California Press, 1985.
- BERGSON, H. *El pensamiento y lo moviente*. Buenos Aires: Cactus, 2013.
- BEZERRA JR., B. Subjetividade moderna e o campo da psicanálise. In: BIRMAN, J. *Freud: 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1989.
- _____. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C. A. *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contra-capá, 2002.
- BHASKAR, R. *From East to West: odissey of a soul*. London/New York: Routledge, 2000.
- BLACKMAN, L. *Immaterial bodies: affect, embodiment, mediation*. London: Sage, 2012.

- BOLTANSKI, L. *On critique: a sociology of emancipation*. Cambridge: Polity Press, 2011.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. The cult, the cultic milieu and secularization. In: KAPLAN, J.; LÖÖW, H. *Cult, Anti-Cult and the Cultic Milieu: A Re-Examination*. Pennsylvania: Altamira Press, 2002.
- _____. *The Easternization of the West: a thematic account of cultural change in the modern era*. Boulder: Paradigm Publishers, 2016.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CASSIRER, E. *Antropología filosófica*. Montevideo: Casa del Estudiante, 1983.
- CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CAVALCANTI, M. L. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CAVALCANTI, M. “Sem morro, varandão, salão, 3dorms”: a construção social do valor em mercados imobiliários ‘limiaries’. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, v. 01, n. 28, 2010.
- CEFÄI, D. *et al.* Introduction to the sociology of valuation and evaluation. *Human Studies*, n. 38, 2015.
- D’ANDREA, A. *O self perfeito e a Nova Era*. São Paulo: Loyola, 2000.
- DAVIE, G. *The sociology of religion*. Los Angeles: Sage, 2007.
- DUARTE, L. F. O paradoxo de Bergson: diferença e holismo na antropologia do Ocidente. *Mana*, v. 18, n. 03, 2012.
- DUMONT, L. *O Individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- _____. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1992.
- DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DURÃO, T. *As cartas ciganas: uma visão holística*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- EHRENBERG, A. Depressão, doença da autonomia? *Ágora*, v. VII, n. 01, p. 143-153, 2004.
- _____. *The weariness of the self: diagnosing the history of depression in the contemporary age*. Quebec: McGill-Queen's University Press, 2010.
- EJERFELDT, L. Sociology of religion and the occult revival. *Scripta Instituti Donneriani Aboensis*, n. 7, v. 1, 2014.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*, 2v. Rio de Janeiro: Zahar, 2011/1993.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ESPELAND, W. N.; STEVENS, M. L. Commensuration as social process. *Annu. Rev. Sociol.*, v. 24, pp. 313-43, 1998.
- _____. A Sociology of Quantification. *European Journal of Sociology*, v. 49, pp. 401-436, 2008.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FIGUEIRA, S. A. (org.). *Cultura da psicanálise*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- FITZHERBERT, A. *Poderes psíquicos: uma abordagem realista de como se tornar um sensitivo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- FLANAGAN, K; JUPP, P (ed.). *Sociology of spirituality*. Hampshire: Ashgate, 2007.
- FREUD, S. Totem y tabu. In: *Obras completas de Sigmund Freud*, tomo V. Madrid: Biblioteca Nueva, 1972.
- _____. El malestar en la cultura. In: *Obras completas de Sigmund Freud*, tomo VIII. Madrid: Biblioteca Nueva, 1974.
- _____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GAD, I. *Tarô e Individuação*. São Paulo: Mandarim, 1994.
- GARFINKEL, H. A conception of, and experiments with, 'trust' as a condition of stable concerted actions. In: HARVEY, O. J. (ed.). *Motivation and Social Interaction: Cognitive Determinants*. New York: Ronald Press, 1963.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. *O Estado-nação e a violência*. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIEBEL, M. *O oráculo de Delfos*. São Paulo: Odysseus, 2013.

GOUNET, T. *Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel*. São Paulo: Boitempo, 1999.

GRANHOLM, K. *Dark Enlightenment: the historical, sociological and discursive contexts of contemporary esoteric magic*. Leiden: Brill, 2014.

_____. Sociology and the occult. In: PARTRIDGE, C. (ed.). *The Occult World*. London/New York: Routledge, 2015.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HEDGES, E.; BECKFORD, J. A. Holism, healing and the New Age. In: SUTCLIFFE, S.; BOWMAN, M. (eds.). *Beyond New Age: exploring alternative spirituality*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

HEELAS, P. *Spiritualities of life: New Age romanticism and consumptive capitalism*. Oxford: Blackwell, 2008.

HOLBRAAD, M. Estimando a Necessidade: os Oráculos de Ifá e a Verdade em Havana. *Mana*, v. 9, n. 2, p. 39-77, 2003.

_____. Expending Multiplicity: Money in Cuban Ifá Cults. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 11, p. 231-254, 2005.

_____. *Truth in motion: the recursive anthropology of Cuban divination*. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

HUGHES, E. *The sociological eye: selected papers*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1993.

ILLOUZ, E. *Saving the modern soul: therapy, emotions, and the culture of self-help*. Berkeley: University of California Press, 2008.

JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo: Cultrix, 2017.

JODOROWSKY, A.; COSTA, M. *La vía del Tarot*. Buenos Aires: Debolsillo, 2016.

JORGENSEN, D. L. *Tarot divination in the Valley of the Sun: an existencial sociology of the esoteric and the occult*. Tese de Doutorado (Filosofia) – The Ohio State University, Ohio, 1979.

JUNG, C. G. Prefácio. In: WILHELM, R. *I Ching: o livro das mutações*. São Paulo: Pensamento, 1995.

KAMINSKI, P.; KATZ, R. *Repertório das essências florais: um guia abrangente das essências florais norte-americanas e inglesas, para o bem-estar emocional e espiritual*. São Paulo: TRIOM, 1997.

KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

LAHIRE, B. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LATOUR, B. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LEBART, C. *L'individualisation*. Paris: Science Po, les Presses, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LISBOA, C. *Os astros sempre nos acompanham: manual de Astrologia contemporânea*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

MACHADO DA SILVA, L. A. *Mercados metropolitanos de trabalho manual e marginalidade*. Dissertação de Mestrado (Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1971.

_____. “Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho)”. *Caderno CRH*, v. 15, n. 37, 2006.

MACPHERSON, C. B. *A teoria política do individualismo possessivo de Hobbes a Locke*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MAGNANI, J. G. *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALUF, S. W. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da Nova Era. *Mana*, n. 11, v. 2, p. 499-528, 2005a.

_____. Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era. *Ilha*, v. 7, n. 1., p. 147-161, 2005b.

MANNHEIM, K. *Essays on sociology and social psychology*. London: Routledge/Kegan, 1953.

_____. *Sociologia da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Ideología y utopía: introducción a la sociología del conocimiento*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

- MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Ubu, 2017.
- MAZZA, O. L. *Baralho Petit Lenormand: método alemão*. Lisboa: Capital Books, 2015.
- MOSKO, M. Partible penitents: Dividual personhood and Christian practice in Melanesia and the West. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, n. 16, v. 2, p. 215-240, 2010.
- MOTTA, E. "Houses and economy in the favela". *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 11, n. 1, pp. 118-158, 2014.
- NAIFF, N. *Onde está minha felicidade?* Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- _____. *Tarô, oráculo e métodos*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2014.
- _____. *Curso completo de terapia holística e complementar*. São Paulo: Alfabeto, 2018.
- OLIVEIRA, F. Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento. In: OLIVEIRA, F.; RIZEK, C. S. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PARK, G. K. "Divination and its social contexts". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 93, p. 195-209, 1963.
- RICHELIEU, P. *A viagem de uma alma*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- RICOEUR, P. Life in quest of narrative. In: WOOD, D. (ed.). *On Paul Ricoeur: narrative and interpretation*. Londres: Routledge, 1991.
- RIZEK, C. Trabalho, moradia e cidade. Zonas de indiferenciação? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 78, 2012.
- ROOF, W. *Spiritual marketplace: babyboomers and the remaking of american religion*. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- RUSSO, J. *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 1980*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.
- _____. A pós-psicanálise: entre o Prozac e os Florais de Bach. In: JACÓ-VILELA *et al.* (orgs.). *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012.
- SALEM, T. A desposseção subjetiva: dos paradoxos do individualismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 01, 1992.
- _____. Tensões entre gêneros nas classes populares: uma discussão com o paradigma holista. *Mana*, v. 12, n. 02, p. 419-447, 2006.

SAYER, A. *Why things matter to people? Social science, values and ethical life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

SIMMEL, G. *On individuality and social forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

_____. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOSTERIC, M. A sociology of Tarot. *Canadian Journal of Sociology*, v. 39, n. 3, 2014.

SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TAVARES, F. Tornando-se tarólogo: percepção “racional” versus percepção “intuitiva” entre os iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 97-123, 1999.

_____. *Alquimistas da cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos*. Salvador: Edufba, 2012.

TAYLOR, C. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo, Loyola, 1997.

TELLES, V. S. Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade (anotações inconclusas de uma pesquisa). In: OLIVEIRA, F.; RIZEK, C. S. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.

TIRYAKIAN, E. Towards the sociology of esoteric culture. *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 03, 1972.

TOCQUEVILLE, A. *O Antigo Regime e a revolução*. Brasília: Ed. UnB, 1979.

TONIOL, R. Cortina de fumaça: terapias alternativas/complementares além da Nova Era. *Rever*, ano 16, n. 02, p. 31-54, 2016.

TURNER, V. *Revelation and divination in Ndembu ritual*. Ithaca: Cornell University Press, 1975.

VANDENBERGHE, F. After words: the spirit of evolution and envelopment. In: BHASKAR, R. et al. (eds.). *Metatheory for the Anthropocene*. London: Routledge, 2016.

VILAÇA, A. Dividualism and individualism in indigenous Christianity: A debate seen from Amazonia. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 05, n. 1, p. 197, 2015.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VERTER, B. Spiritual capital: theorizing religion with Bourdieu against Bourdieu. *Sociological Theory*, n. 21, v. 02, 2003.

VILAÇA, A. Dividualism and individualism in indigenous Christianity: A debate seen from Amazonia. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 05, n. 1, p. 197, 2015.

VILLAS-BOAS, G. Os portadores da síntese: sobre a recepção de Karl Mannheim. *Cadernos CERUS*, série 2, n. 13, 2002.

WEBER, M. *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1974.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2001.

WILBER, K. *A visão integral: uma introdução à revolucionária abordagem integral da vida, de Deus, do universo e de tudo mais*. São Paulo: Cultrix, 2008.

WILSON, P. L. *Chuva de estrelas: o sonho iniciático no sufismo e no taoísmo*. São Paulo: Conrad, 2004.

WOOD, M. The Sociology of Spirituality: Reflections on a Problematic Endeavor. In: TURNER, B. *The New Blackwell Companion to the Sociology of Religion*. Oxford: Blackwell, 2010.

WOORTMANN, K. Casa e família operária. *Anuário Antropológico*, 80, p. 119-150, 1980.

WUTHNOW, R. Spirituality and spiritual practice. In: FENN, R. (ed.). *The Blackwell Companion to Sociology of Religion*. Oxford: Blackwell, 2003.

ZALUAR, A. Etos guerreiro, etos da masculinidade e criminalidade violenta. In: LIMA, R. S. et al. (orgs.). *Crime, polícia e justiça no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

ZEITLYN, D. Divination as dialogue: negotiation of meaning with random responses. In: GOODY, E. N. (ed.). *Social intelligence and interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ZELIZER, Viviana. *Economic lives: how culture shapes the economy*. Princeton: Princeton University Press, 2011.